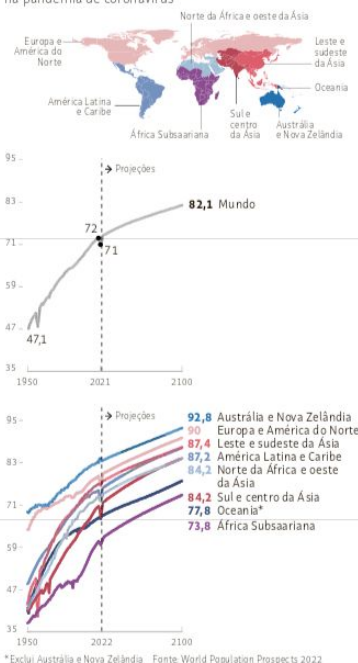


Cai a expectativa de vida global na pandemia de coronavírus



Pandemia reduz expectativa de vida global, em alta desde 1972

O coronavírus reduziu a expectativa média de vida no mundo, o que não ocorria desde 1972, afirma a ONU. Em 2021, o indicador ficou em 71 anos; em 2019, era de 72,8. O Brasil, que também registrou queda, deve ser superado pela Nigéria e passar a 7º país mais populoso. **Mundo A12 e A13**

Caixa bancou seguranças na casa de Guimarães

Além de bancar obras na mansão em que vivia Pedro Guimarães, a Caixa forneceu seguranças e internet à casa. Guimarães deixou o comando do banco acusado de assédio sexual. Seu advogado e a Caixa atribuem ameaças sofridas pelo executivo. **Mercado A18**

J. P. Coutinho: Democracia custa a se recuperar

A única forma de estranhos aceitarem o resultado de uma eleição é pelo reconhecimento de que o outro faz parte do mesmo barco. Palavras proféticas de Roger Scruton. Cuidado, Brasil: o problema da democracia é que, uma vez destruída, ela dá um trabalho a recuperar. **Ilustrada C7**

Ministra fala em rigor fiscal e controle de preços na Argentina **A19**

Sem acordo com Musk, ações do Twitter tombam

Mercado A24

Falta de soro põe em risco pacientes de hemodíalise

Saúde B4

Corrida **B8**

Imagens de James Webb

Casa Branca divulga primeiro registro colorido de telescópio lançado pela NASA

Ilustrada **C1 e C2**

Elvis viveu

Dos anos de sex symbol ao vício, 'Elvis' conta história do rei e de seu empresário

Equilíbrio **B5**

Peeling de fenol custa R\$ 30 mil e promete rejuvenescer anos em uma sessão

Comida **C8**

Caldo em tablete faz parte da culinária, mas há alternativas dentro de casa



Família acompanhando enterro de Marcelo de Arruda, morto por militante bolsonarista, em Foz de Iguaçu. Paulo Lisboa/Folhapress

Posição sobre assassinato divide campanha bolsonarista

Ala política pede declaração mais firme por pacificação, mas presidente ignora

A cúpula do Congresso repudiou a violência pré-eleitoral após o assassinato, na véspera, de um militante petista por um bolsonarista, e ala política e integrantes do centrão cobraram do presidente Jair Bolsonaro posição mais firme pela pacificação.

O corpo do guarda municipal Marcelo de Arruda, morto pelo policial penal Jorge José da Rocha Guarinho, foi enterrado ontem em Foz de Iguaçu (PR). O bolsonarista invadiu o aniversário do petista, sem conhecê-lo, aos gritos de "aqui é Bolsonaro".

Diante do temor de acirramento, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), pediu que Bolsonaro (PL) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) contemham seus militantes. Arthur Lira (PP-AL), o da Câmara, defendeu paz e tolerância na campanha.

Bolsonaro, que na véspera dissera rejeitar apoiadores violentos, se eximiu e afirmou tratar-se de "briga entre duas pessoas". **Política A4**

Nem só o discurso de ódio é perturbador, diz representante da OEA **A9**



INCÊNDIO ATINGE PRÉDIOS NA REGIÃO DA RUA 25 DE MARÇO

Prédio tomado por chamas no centro de São Paulo; explosão no 3º andar, de causa ainda desconhecida, feriu 2 bombeiros, fez estrutura de loja vizinha ruir e teto de igreja cair **Cotidiano B2**

Médico é preso em flagrante por estuprar grávida sedada

Uma segunda parturiente se apresentou na Delegacia de Atendimento à Mulher de São João de Meriti (RJ) para testemunhar contra o anestesista Giovanni Quintella Bezerra, preso em flagrante ontem por colocar o pênis na boca de uma gestante sedada na cesárea. O ato foi gravado. O médico foi indiciado por estupro de vulnerável e pode perder o registro profissional. **Cotidiano B1**

EDITORIAIS **A2**

Missão cumprida
Sobre o assassinato de militante do PT no Paraná

Novo mundo
A respeito da queda nas cotizações das criptomoedas



FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito

CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartzman,

Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luíza Helena Trajano,

Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos,

Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu

DIRETORIA EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (financeiro, planejamento e novos negócios), Marcelo Benéz (comercial), Anderson Demian (mercado livre e estratégias digitais) e Everton Fonseca (tecnologia)

EDITORIAIS

editoriais@grupo.folha.com.br

Missão cumprida

Ao mandar 'fuzilar a petralhada', Bolsonaro estimula a violência política e colhe o que plantou

Definindo-se em redes sociais como conservador e cristão exibindo foto ao lado do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP), o policial penal Jorge José da Rocha Guarani matou na noite de sábado (9), em Foz do Iguaçu, o militante petista Marcelo de Arruda.

A vítima, que atuava como guardamunicipal, comemorava seu aniversário de 50 anos em festa temática do PT, do qual era tesoureiro. Antes de morrer, Arruda feriu seu agressor. Segundo relatos à polícia, Guarani havia passado antes de carro pelo local da festa gritando "Aqui é Bolsonaro" e "Lula ladrão".

O chocante assassinato de um petista por um feroz bolsonarista cumpre, em certo sentido, missão dada diretamente pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), que já incentivou seus simpatizantes a "fuzilar a petralhada". Foi exatamente isso o que aconteceu no sábado.

O presidente sequer desfiou a hipocrisia ao comentar a morte de Arruda. Depois de escrever em rede social que dispensa o apoio de quem pratica violência contra opositores, emendou: "Esse tipo de gente, peço que por coerência mude de lado e apoie a esquerda, que acumula um histórico invejável de episódios violentos".

Bolsonaro qualificou o assassinato como "uma briga de duas pessoas lá em Foz do Iguaçu" e disse que "ninguém fala que o Adélio é filho de um PSOL", como se os dois epi-

sódios fossem equivalentes.

Adélio Bispo, autor da facada no presidente na campanha de 2018, de fato foi filiado ao partido de esquerda. Todavia, segundo as investigações, foi considerado inimputável por sofrer de uma doença mental e concebeu, planejou e executou sozinho o atentado.

Desde que assumiu, Bolsonaro abusou de linguagem vulgar e violenta e acumulou episódios de desprezo incivilizado contra adversários políticos, além de escárnio em relação aos demais brasileiros. Seu infame "E daí?", ao comentar as primeiras milhares de mortes na pandemia, revela o que passa, sem filtros, pela cabeça do mandatário.

Partidário de armar a população e se exibindo frequentemente atirando ou fazendo o gesto da "arminha" com as mãos, Bolsonaro estimula o comportamento violento, sobretudo de seus simpatizantes.

Caberá agora às autoridades investigar as motivações do crime e, daqui para frente, tomar precauções no entorno dos principais candidatos à Presidência. Além do assassinato de Arruda, eventos recentes e perturbadores sugerem um período perigoso à frente.

No mesmo sábado da tragédia, o ex-presidente Lula fez elogios a um militante do PT que quis matar um opositor político durante agressão em 2018. Mais do que nunca, será preciso cuidar extremo com as palavras nessa campanha.

Novo mundo

Colapso de moedas digitais não deve interromper onda de inovações tecnológicas e comerciais na área

Uma das vítimas mais notórias das altas dos juros internacionais são as moedas digitais, cujo valor de mercado colapsou. Do recorde de US\$ 2 trilhões atingidos no final do ano passado, cerca de 10 mil moedas criadas em poucos anos caíram 50% em tempos agregados, retornando ao valor do início de 2018.

Como em toda inovação tecnológica, há euforia que atrai novos entrantes e capital. Segue-se a fase de decepção, que seca o dinheiro novo por algum tempo, propicia uma bem-vinda filtragem e abre espaço para que os sobreviventes capturem os lucros da inovação.

Foi assim nas etapas da revolução industrial e, na virada do milênio, com a popularização da internet. Dos escombros emergiram empresas como Google, Amazon e Facebook, com valor de mercado de centenas de bilhões de dólares.

É provável que a derrocada atual leve ao florescimento dos vitoriosos no mundo das moedas digitais, cuja proposta mais abrangente é a de reduzir o poder de intermediários e abrir espaço para maior inovação, barateamento e democratização das finanças e de transações em geral.

A tecnologia de fundo, baseada em registros descentralizados parava-lado de transações, sugere

uma evolução da própria internet, que se transformaria numa plataforma em que o controle de dados e atributos pessoais estaria sob poder dos usuários.

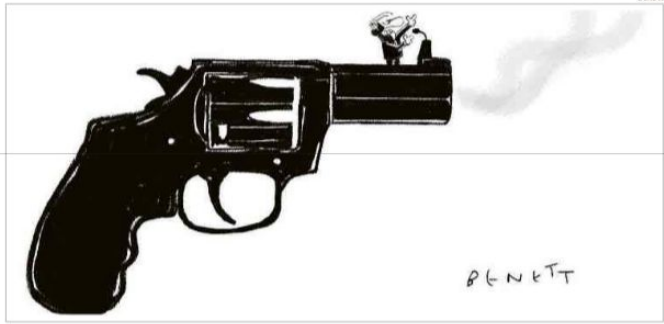
A chamada tokenização (a transformação de ativos indivisíveis), no contexto da validação descentralizada das transações, abriria espaço para novos modelos de negócio.

Naprática, o estágio evolutivo ainda não permite discernir como se dará a realização de tamanha ambição. Não é claro, para começar, que as moedas digitais possam prover melhor alguns atributos essenciais de um sistema monetário, como segurança, estabilidade, eficiência, baixo custo e inclusão.

É arriscado apostar no mundo digital descentralizado e fragmentado como reserva de valor; e as transações ainda são ineficientes, caras e sem regulação que garanta segurança para o público amplo.

Além disso, os governos não abrirão mão de suas prerrogativas de emissores e garantidores, como demonstra o esforço dos principais bancos centrais do mundo em criar moedas digitais oficiais.

Trata-se, contudo, de um mundo monetário novo e fascinante, cujo potencial de inovação não será desacreditado pelo estresse atual.



Violência política

Hélio Schwartzman

Humanos somos um bando de carolas que transformam tudo em religião. A democracia não é exceção. Não é incomum ver as pessoas associando democracia a desenvolvimento econômico e até à realização das mais elevadas potencialidades humanas. Ela seria o maná político institucionalizado. É claro que, se definimos tautologicamente democracia como regimes que promovem o bem, fica fácil ligar todas essas coisas. Mas a questão é mais complexa.

Basta ver que existem sistemas ditatoriais, como o chinês, que estão entregando desenvolvimento econômico e até científico sem nenhuma de democracia. De modo análogo, Daniela Campello e Cesar Zúco mostraram, em "The Volatility Curse" (a maldição da volatilidade), que os ciclos políticos na América Latina têm muito mais a ver com as premissas das commodities do que com escolhas conscientes dos eleitores. Ao contrário, a economia praticamente impede uma avaliação objetiva do desempenho dos governantes.

O ponto central é que, mesmo que dispáramos a democracia do blá-blá-blá sem religião que a cerca e a separemos de outras instituições que costumam acompanhá-la (mas não necessariamente o fazem), como as liberdades individuais e o respeito a contratos, ficando apenas com o uso de eleições para escolher dirigentes, ela ainda é valiosa. Nessa concepção minimalista, defendida, entre outros, por Adam Przeworski, a democracia serve para prevenir a violência política. É que, de um modo geral, vale mais a pena para o grupo derrotado nas urnas passar um tempo na oposição e esperar uma nova chance de assumir o poder do que tentar impor-se pela força. Perdas momentâneas são preferíveis à possibilidade de eliminação definitiva. É esse arranjo fundamental que está sob risco no Brasil hoje.

Lula era feroz quando elogia o militante que agrediu um bolsonarista, mas Bolsonaro faz muito pior quando sugere que poderá não entregar o poder em caso de derrota.

helio@uol.com.br

De novo, o tumor Bolsonaro

Cristina Serra

A morte a tiros do guarda municipal Marcelo de Arruda, em Foz do Iguaçu, evidencia o quanto a violência associada à campanha eleitoral já está disseminada e tende a piorar. Mas o assassinato do militante petista pelo bolsonarista Jorge José Guarani não é o primeiro ato de violência política neste Brasil inoculado pelo vírus da brutalidade.

É preciso recuar no tempo. O marco zero do ciclo de barbárie é 14 de março de 2018, como o assassinato de vereadora Marielle Franco e de seu motorista, Anderson Gomes, quando o Rio de Janeiro estava, havia um mês, submetido à intervenção federal na segurança pública, algo inédito desde a Constituição de 1988.

A operação de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) fora decretada por Michel Temer, diante do que considerou o colapso das polícias no Rio. Temer nomeou como interventor o então comandante Militar do Leste, Braga Neto. Como se sabe, a GLO não resolveu o problema da criminalidade no Rio (que supressa), Bolsonaro foi eleito, Braga Neto tornou-se

seu ministro e agora pode ser o vice na chapa do chefe. Até hoje, não se sabe quem mandou matar Marielle.

Outro momento de paroxismo de violência em 2018 foi a facada em Bolsonaro. Nem o fato de ter sido vítima de um atentado arrefeceu sua retórica do ódio, reiterada ao longo da campanha ("vamos fuzilar a petralhada", "vai tudo vocês pra ponta da praia" etc.) e potencializada por meio de ações concretas de seu governo.

A inundação de armas na sociedade, a multiplicação dos clubes de tiro, o salvo-conduto para milícias e as operações policiais que afrontam o STF e promovem banhos de sangue em bairros pobres incorporam a selvageria no cotidiano e nos trazem até aqui.

Em agosto de 2020, escrevi neste espaço que Bolsonaro foi assimilado pelas instituições e pela imprensa como ator político natural da democracia assim como um corpo doente se acostuma a hospedar um tumor. Eis aí onde chegamos. Agora, o tumor está perto, muito perto, de explodir.

A caverna mágica

Além Costa e Silva

Alvaro do orçamento secreto, Arthur Lira criou uma sala onde para atender apunhações do centrão. Com sessões de mentirinha, que duram um minuto, a Câmara dos Deputados virou um mocó, um valhaçouto, uma caverna oculta.

Nos últimos dias, correndo para escapar às restrições do período eleitoral, foram liberados R\$ 6,1 bilhões da burra secreta, objeto mágico que ao mesmo tempo sustenta o governo e potencializa a corrupção. Um dos absurdos foi descoberto pelo repórter Breno Pires em Pedreira, cidade do Maranhão com 39 mil habitantes, a prefeitura afirma que fez 54,6 mil extrações dentárias. Quer dizer, arrancaram 14 dentes de cada morador. Com ou sem anestesia?

A derama de dinheiro garante a aprovação da proposta de emenda à Constituição que entra para a história como a mais apelidada de todas. É a PEC das Eleições, mas também a PEC Kamikaze, da Pedalada Fiscal, a dos Bilhões, a do Vale-Tudo, a da Bomba Fiscal, a dos Combusti-

veis, a das Bondades, a do Desespero, a do Medo do Lula. Tenha o nome que tenha, é uma fraude, que trata o eleitor como o otário. A bondade tem prazo de validade até o fim do ano. A maldade de jogar o país no abismo, essa fica para depois.

No Senado a votação foi esmagadora. Não surpreende diante da revelação de que a eleição do presidente da casa, Rodrigo Pacheco, desfalca a burra em R\$ 2,3 bilhões. Pacheco escanteou a CPI do MEC — que implica a chapa Bolsonaro-Braga Neto — para Deus sabe quando.

Em sua cruzada para superar as façanhas de Eduardo Cunha, Arthur Lira age para assegurar que o depois será como o agora. Move-se para que o STF limpe sua ficha suja, antes mesmo de reeleito para o comando da Câmara, articula uma manobra para manter o controle do orçamento secreto, independentemente do resultado das urnas e de quem será o próximo ocupante do Palácio do Planalto. O abraçadobra há de ser um privilégio só dele.

Disputando o passado

Preto Zezé

Presidente Nacional da Cufa, escritor e membro da Frente Nacional Antirracista. Escreve às terças

Sou da geração que lutou multas-lutas e ainda trava outras várias, sempre procurando protagonizar a favela em espaços de decisão e pautando nossa agenda como plataforma de potência, rompendo paradigmas impostos que nos reduzem às tragédias e carências.

Procurando mostrar que avanços devem ser sempre comemorados como forma de inspirar, motivar e construir rituais em torno de conquistas. E, assim, ir habitando o nosso imaginário de sonhos, ambições e possibilidades.

Nos últimos tempos, uma das muitas questões que me estimularam e me enchem de entusiasmo foi o fato de o debate histórico sobre o papel de estátuas e heróis nacionais emplacados pela história oficial estar na pauta política, pois carrega muitas reflexões importantes e fundamentais em prol da construção de uma narrativa dos que fizeram o país mas nunca tiveram oportunidade de reconhecimento e destaque.

Em São Paulo, a última a abolir a escravidão, que uma mudança de percurso na construção de um novo imaginário das potências de pessoas pretas está em curso como resultado de uma construção coletiva e como incorporação de uma agenda preta pelo poder público municipal.

Na cadeira em que Mário de Andrade sentou, hoje quem ocupa o cargo, escalado pelo prefeito Ricardo Nunes, é a secretária de Cultura Aline Torres, uma mulher preta, filha da Zona Leste. É ela quem está inaugurando estátuas de pessoas negras por toda a cidade.

São personagens heróicos que, no seu tempo, revolucionaram suas áreas; gente que foi apagada e ou invisibilizada por um enredo que nega a contribuição de pessoas pretas ao país. Mas essas pessoas, durante os 522 anos de existência deste país, deram enormes contribuições e trabalharam muito por ele.

As personalidades são a escritora Carolina de Jesus, o compositor Itamar Assumpção, a matriarca do samba Madrinha Eunice, o compositor Geraldo Filme e Adhemar Ferreira da Silva, este último, primeiro bicampeão olímpico do país, primeiro atleta sul-americano bicampeão olímpico em eventos individuais, recordista mundial do salto triplo cinco vezes e primeiro atleta a quebrar a barreira dos 16 metros nessa prova.

Sabemos o peso que essas escolhas têm, o valor que significam essas conquistas num país que exalta sempre pessoas oriundas da colônia, nomes ligados à ditadura e personagens sempre ligados ao poder instituído.

A história como a conhecemos atualmente não inclui a nossa participação nem as nossas realizações. É necessário portanto reescrevê-la, fazer suas narrativas, disputar o passado e ocupar o presente, serenando o futuro.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias_debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Outubro é logo ali, mas é também lá atrás

Eleição trará chance de revisar o passado e mudar nosso futuro

Murilo Cleto

Historiador, pesquisa a memória da ditadura militar pelas lentes das novas direitas brasileiras no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná

Ainda vigoravam os "anos de chumbo" quando começou a ser formada, no Brasil, uma memória social crítica à ditadura.

A medida que os militares iam consolidando sua face autoritária e descartando apoios de ocasião, de senhas se, a partir de setores liberais que outrora os apoiaram, um quadro que, apesar de seguir relativamente a ruptura institucional de 31 de março de 1964, condenava o fechamento do regime, a censura e sobretudo a tortura nos quartéis.

Desde a viragem que deu início a um ciclo de vitórias eleitorais de lideranças perseguidas pela ditadura, com Fernando Henrique Cardoso, essa memória crítica ao regime passou a ser incorporada a políticas de Estado. E importantes iniciativas foram gestadas, como a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos; o livro-relatório "Direito à Memória e à Verdade"; o projeto Memórias Reveladas; e, claro, a Comissão Nacional da Verdade.

Como se sabe, a CNV deu tração a um projeto até então tímido de revisionismo ideológico. As ruas, numa espécie de novo surto anticomunista, voltaram a exibir pedidos de outro golpe militar. E em crise com o pacto social de 1988, o Brasil escolheu para governá-lo justamente um representante daquele projeto que sepultou a democracia em 1964.

Mas não qualquer representante. Jair Bolsonaro pode ser considerado o mais radical pelo tensionador à direita da memória sobre a ditadura. Diferentemente de seus colegas, que em geral adotaram uma postura comedida diante da ascensão desse aperecido consenso crítico, Bolsonaro usou a democracia, como parlamentar, para reclamar que os militares mataram pouco e

zombar de torturados e familiares de desaparecidos.

Quando, em sessão da Câmara em 2016, votou a favor do impeachment e homenageou o coronel Brilhante Ustra, primeiro militar reconhecido pela Justiça brasileira como torturador, Bolsonaro mencionou que Ustra seria "o opar de Dilma Rousseff". Na Presidência, Bolsonaro fez o que pôde para debelar essa memória crítica ao regime: barrou homenagens a vítimas; nomeou negociantistas contumazes em postos estratégicos; legitiou projetos envenenados de história pública; lutou pela extinção da Comissão de Mortos e Desaparecidos; e, ano após ano, através do Ministério da Defesa, insiste na estapafúrdia tese de que os militares de 1964 salvaram o Brasil do comunismo.

[...]

Vitória de Bolsonaro em 2018 foi sintoma da fragilidade desse consenso crítico à ditadura. Com alguma segurança, é razoável supor que uma nação com sólida cultura democrática e rechaço intransigente ao estado de exceção jamais escolheria um apologista da tortura para dirigir seus rumos

A própria eleição de Bolsonaro já é um sintoma da fragilidade desse consenso crítico à ditadura, que talvez tenha vigorado mais nos circuitos acadêmicos do que propriamente na sociedade civil. Com alguma segurança, é razoável supor que uma nação com sólida cultura democrática e rechaço intransigente ao estado de exceção jamais escolheria um apologista da tortura para dirigir seus rumos.

Muito se diz, com razão, sobre a oportunidade que o Brasil terá, em outubro, de revisar a decisão tomada em 2018. Essa também é uma chance de olhar com mais atenção para o passado.

Aos que argumentam que se trata apenas de memória, e que o passado ao museu pertence, basta olhar para o presente. Nunca houve tantos militares da ativa no governo e nunca se ameaçou, com tanta desfaçatez, uma nova escalada golpista. Paranoico, o governo abriu fogo contra quase todos os órgãos de Estado que atuam com alguma independência.

Esse é um governo que também protesta contra as limitações impostas pelo Judiciário às liberdades individuais, mas não perde a oportunidade de acioná-lo para calar críticos dos mais inofensivos; que tem graves problemas com transparência, que culpa os próprios assassinos em uma Amazônia a cada dia mais milicianizada; que chama de "marginal" um brasileiro executado numa câmara de gás.

Se é preciso superar o passado da ditadura, é condição anterior e urgente conhecê-lo. Assim como é para ontem um consenso social consistente de condenação ao autoritarismo militar. Outubro é logo ali, mas é também lá atrás.

A fome e o oportunismo

Entre o teto de gastos e a vida, ficaremos sempre com a vida

Jean Paul Prates

Senador (PT-RN), é líder da minoria. Foi relator do PPL 11/2020, que altera as regras de cobrança do ICMS sobre combustível, e do PL 1.472/2021, que cria uma conta de compensação para os preços de derivados de petróleo

O Brasil retrocedeu a passos largos neste governo, e agora Bolsonaro acelera rumo ao precipício em que já foram jogados o bem-estar social e a institucionalidade. As escolhas equivocadas, e por vezes criminosas, nas áreas econômica e social se somam a um cenário externo desafiador, multiplicando a inflação e o desemprego que aumentam a fome e derubam a renda.

Os dogmas do ministro da Economia, Paulo Guedes, impediram a execução de uma estratégia de mitigação da volatilidade internacional dos preços dos derivados de petróleo, como propus em projeto aprovado pelo Senado, que cria a conta de estabilização de preços de combustíveis.

Os preços internacionais já sobem há mais de um ano, e o governo se limitou a culpar governadores por cobrar impostos que financiam educação e saúde. Sofrem os destinatários dos serviços públicos, em especial os mais carentes.

A austeridade foi retomada ainda em meio ao recrudescimento da pandemia em 2021, e se determinou que os valores pagos no Auxílio Emergencial correspondiam, no referido ano, a 26% do aplicado em 2020. Agora, às portas das eleições, o governo se propõe a novamente flexibilizar o teto de gastos, com a criação de um estado de emergência artificial.

Aliás, observa-se que o arcabouço atual engessa a política fiscal, impedindo seu uso para estabilizar a economia e gerando incentivos à sua fle-

xibilização discricionária, com efeito oposto do que se espera de uma regra. Em vez de previsibilidade, a certeza é que qualquer coisa pode acontecer.

A minoria atuou no Senado para suprimir esse tal estado de emergência, mas não obteve os votos necessários. Por outro lado, conquistou a supressão do dispositivo que afastava restrições legais de toda natureza em relação às medidas da PEC.

A esculhambação jurídica atingiu o paroxismo: não fosse nossa atuação, a Constituição diria que as leis não valem para as ações que o governo adotou no estado de emergência. Incluimos ainda a vedação

de uso dos recursos para publicidade e de troca de cartões, limitando os valores a pagamento dos benefícios.

É fundamental que o debate prossiga na Câmara, sobretudo em relação ao insólito estado de emergência. Há que se reconhecer a mitigação de danos no Senado, e defendê-lo: o governo não conseguiu aprovar o cheque em branco, e a legislação eleitoral deverá ser cumprida.

Apesar das excrescências, no atual momento a decisão posta é de aliviar ou não o quadro social que assola o país. Desde 2020, defendemos o Auxílio Emergencial de R\$ 600. O PT foi o criador do Vale Gás. Denunciamos o descontrole na política de combustíveis. Tentamos construir soluções. O governo protelou e preferiu o apoio eleitoral: passado de zembro, os auxílios foram. Após o voto, quando não foi mais necessária a simpatia popular, o governo voltará a tolerar a fome.

O ex-presidente Lula já comparou esses auxílios a um picolé, do qual vai restar apenas o palito nas mãos dos mais pobres. No livro "A Patrão de Chuteiras", o dramaturgo Nelson Rodrigues escreveu que "sem sorte não se chupa nem um Chicabon. Você pode engasgar com o palito ou ser atropelado pela carrocinha". No Brasil de Bolsonaro, virou o ano e fica só o azar.

A minoria segue denunciando a intenção de driblar a legislação eleitoral, mas não faltaremos à população carente, que sofre com o caos em todo o país. Entre o teto de gastos e a vida, ficaremos com a vida.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor | leitor@grupofolha.com.br

Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço



Charge de Laerte publicada na página A2 da Folha de 3 de outubro de 2017

Laerte avisou

Laerte avisou, aqui nesta Folha. Produziu a charge que aponta o dedo para o fascismo nosso de cada dia, que ajudou essa escumalha armada, corrupta e assassina a chegar ao poder. Todos nós seremos afetados, de uma forma ou de outra.

José Marcos Thalenberg

(São Paulo, SP)

Não falta mais

Gostaria de saber quando a Folha e outros veículos de comunicação, de qualquer coloração partidária, vão se unir para, em uma só voz, exigir que o presidente pare de incitar a violência contra adversários ideológicos e pare de promover o ódio no país? Se estava faltando um cadáver, agora não falta mais.

Walter Macedo Filho (São Paulo, SP)

Cristão?

"Cristão e conservador" anda pela rua, no meio da noite, procurando confusão, invadindo festa alheia e assassinando o dono da casa? Que tipo de "cristão" (sic) é esse? Nunca li Romano 13-1

Marcos Fernando Dauner (Joinville, SC)

Estamos vendo a tragédia anunciada. Apareceu uma foto do assassino debaixo d'água fazendo o sinal de arminha com as mãos, coçando o seu mito. Até quando o senhor Aras vai permitir que esse presidente agressivo continue instigando o ódio e levando armas à população? Só ver \$\$\$ quando olha para Bolsonaro. O que mais precisa acontecer para que esse ser do mal seja contido?

Cecília Centurião (São Paulo, SP)

É inconcebível e fora de qualquer senso de lógica que uma pessoa sensata e alfabetizada, que se diga temente a Deus, defensora dos ensinamentos de Cristo — do "ama te próximo como a ti mesmo" — e falando em nome de Jesus, defenda, ao mesmo tempo, que todos devam andar com armas de fogo nas mãos!

Bismael B. Moraes (Gurulhos, SP)

Dabolinha de papalatrada na cabeça do Serra, passamos a bombas, ataques aéreos, tiros e intimidações. Maluco não tem safra, tem estrutura e incentivo. Atirar urina, fezes e agrotóxicos em opositores, disparar tiros no petista Marcelo Arruda... Quem não se lembra dos anos de chumbo? Explosões em bancas e em sedes de jornais, na OAB, até chegar ao episódio do Riocentro. Bolsonaro comemoramos crescentes clubes de tiro movidos por uma ideologia violenta, de dominação. Assujeitados a esses atos criminosos, seguimos nessa escalada de violência.

Anete Araújo Guedes (Belo Horizonte)

Socorro

"Bolsonaro reclama de repercussão de assassinato de petista e cita Adélio e PSOL (Política, 11/7). Quer lembrar ao presidente que ainda está na Presidência o vídeo em que ele disse que no voto não iria mudar nada, apenas se houvesse uma guerra civil na qual se matariam 30 mil? E disse que era preciso fazer o que o regime militar não fez. Alô, Supremo, alô ONU, alô Tribunal de Haia e sei lá mais quem!

Gilberto Gusmão da Cruz (Maringá, PR)

Mentiroso, hipócrita, covarde. Agora vem querer falar que não tem nada a ver com essa morte. Vive fomentando o ódio, fazendo apologia da morte, incentivando o uso de armas. Fala em "metralhar a petralhada" e ainda diz que não tem culpa.

Bianca Moreira (Brasília, DF)

Tem a ver sim. Incitou, incitou e agora tenta sair de fininho. E falar da facada? Pelamora...

Flávia Fonseca (São Paulo, SP)

Nunca antes de Bolsonaro havia aparecido um presidente que incentivasse de todas as formas a violência. O símbolo da arminha tornou-se a marca registrada do bolsonarismo. Nas urnas temos de afastar esse mal em definitivo.

Ana Marques (Jundiaí, SP)

Estupro no hospital

"Anestesia é preso em flagrante por estupro de paciente durante cesariana no RJ" (Cotidiano, 11/7). A mulher com a barriga aberta, com as vísceras quase expostas, dopada e sendo estuprada... Isso é pior do que os piores filmes de terror.

Josi Gomes (Brasília, DF)

Estou em choque! Que venha logo o meteoro para acabar com a espécie humana. Essa criação com certeza não deu certo.

Patrícia Floriano Pedrosa (Brasília, DF)

Desta vez é impossível o Cremerj sentar em cima do crime e encobrir a verdade.

César Medeiros (Niterói, RJ)

Que monstro! Que monstro! Notícia difícil de ler e de comentar. Alguns seres humanos não deveriam ter nascido.

Márcia Aparecida Araújo Pinto (Campinas, SP)

É tão absurdo e tão incivilizado que se torna quase inacreditável. O que faz com esse nação de exemplar da espécie humana?

Gilda Rachel Wajnstein (São Paulo, SP)

Pondé

Mais uma vez, o colonista Luiz Felipe Pondé destila o seu veneno sobre a esquerda, colocando Bolsonaro e Lula no mesmo balaio ("Nilismo político prático", 10/7). Não, Pondé, a eleição de Bolsonaro não foi culpa do PT; foi culpa dos eleitores — entre os quais talvez você — que viram em Bolsonaro um meio de o país se livrar do PT e da esquerda.

Beatriz Guerra (São Paulo, SP)

O colonista trata com desrespeito o maior partido organizado do Brasil, com penetração em todas as camadas da população, classificando-o como uma gangue. E erra ao colocar a ação desse partido no mesmo nível da de Bolsonaro, a quem critica pela sua estupidez, incompetência e oportunismo. Não se trata de farinha do mesmo saco. Lamentável.

Sérgio Guedes da Fonseca Neto (Araquara, SP)

Irretratável o texto de Luiz Felipe Pondé desta semana. Parabéns pela lucidez e coragem.

Gilberto Assad (São Paulo, SP)

Não passarão

A campanha de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) decidiu dobrar a aposta e reforçar a estratégia de mobilização mesmo após o assassinato de um militante em Foz do Iguaçu (PR), no sábado (9). A estratégia foi discutida em reunião do conselho político da coligação. A partir desta semana, a ideia é criar o "Sextou com Lula", para estimular a militância toda semana a ocupar estações de metrô, bairros e ruas. Os partidos também decidiram fazer ações em redes sociais todo dia 13, número do PT.

CARA, CRACHÁ Com o aumento do número de seguranças para Lula, funcionários da campanha do petista passaram a usar identificação em eventos e reuniões. O objetivo é que os responsáveis pela proteção do candidato consigam perceber intrusos mais facilmente.

RÁ-TIM-BUM Poucas horas após a morte de um petista por um bolsonarista em Foz do Iguaçu (PR), o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) comemorou seu aniversário de 38 anos com um bolo decorado com uma arma e projéteis. Uma foto dele com a mulher e a filha de 1 ano ao lado da guloseima foi postada numa rede social.

EXPERT Candidato ao governo de Minas Gerais, Alexandre Kalil (PSD) fechou com o publicitário Juliano Corbelli para sua campanha. Estudioso de marketing político, ele é coautor de um livro sobre a "decisão disruptiva" que levou Jair Bolsonaro (PL) à Presidência em 2018.

DISTÂNCIA Lula (PT) manteve-se em silêncio sobre a morte do ex-presidente de Angola José Eduardo dos Santos, na sexta-feira (8). O petista tinha grande proximidade com o angolano, que ficou 38 anos no poder, em um governo marcado por corrupção e desrespeito aos direitos humanos.

CAMISA 10 Lula visitou diversas vezes o país africano e foi importante para abrir portas para empresas brasileiras. Em uma viagem, já como ex-presidente, deu uma camisa da seleção a dos Santos, usou seu avião e foi a evento na fundação do angolano. Também o elenou como testemunha de defesa em uma ação penal.

OLHOS E OUVIDOS Com a meta de ficar entre os mais votados no estado, Guilherme Boulos (PSOL) lança nesta terça (12) o conselho político de sua candidatura a deputado federal. O grupo conta com mais de 40 nomes, entre eles André Singer, Bel Coelho, Christian Dunker, Rafael Rolnik e Jessé Souza.

ESTRATÉGIA Com poucas chances de derrubar no voto a PEC Kamikaze, a oposição vai centrar forças em suprimir a expressão "estado de emergência", que permite a criação de benefícios em ano eleitoral. A estratégia é deixar aberto o caminho para questionamento no Supremo.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

GRUPO FOLHA

FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo

Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Eliseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000

Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080

Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MES	R\$ 1,90	R\$ 1,90
DO 4º AO 12º MES	R\$ 9,90	R\$ 9,90
A PARTIR DO 13º MES	R\$ 29,90	R\$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb. dom.	Assinatura semestral Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R\$ 7	R\$ 7
DF, SC	R\$ 8	R\$ 8
ES, GO, MT, MS, RS	R\$ 6	R\$ 8,50
AL, BA, PE, SE	R\$ 9,25	R\$ 11
Outros estados	R\$ 10	R\$ 11,50

*A vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (VC)

353.501 exemplares (maio de 2022)



O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), em sessão do Congresso

Requisito de 34/Agência Senado

Congresso repudia violência, e reação de Bolsonaro expõe divergências na campanha

Ala política do governo federal e centro queriam posicionamento mais firme do presidente após assassinato de militante petista

BRASÍLIA A cúpula do Congresso reagiu nesta segunda-feira (11) com manifestações de repúdio após atos de violência política no país depois do assassinato do guarda municipal petista Marcelo de Arruda em Foz do Iguaçu (PR).

A ala política do governo e correligionários do centro chegaram a pedir, sob reserva, um posicionamento mais firme do presidente Jair Bolsonaro (PL) com recados para uma pacificação.

Expondo divergências na campanha, porém, o chefe do Executivo evitou endossar a sugestão e tentou propagar um discurso atrelado a práticas violentas à esquerda.

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), jogou para os dois líderes das pesquisas de intenção de voto, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Bolsonaro, a responsabilidade de conter seus militantes.

O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), apoiador de Bolsonaro, criticou a violência, "ainda mais decorrente de manifestações políticas" e pregou "tolerância" e "paz".

A reação pública de Bolsonaro e de aliados contrariou parte do entorno do chefe do Executivo sobre o episódio.

Integrantes da campanha tentaram fazer com que o presidente se antecipasse à vinculação do assassinato à sua militância e se pronunciasse sobre o crime ainda na manhã de domingo (10).

Bolsonaro, porém, comentou o caso no fim do dia e apenas republicou mensagem de 2018 em que diz dispensar "qualquer tipo de apoio de quem pratica violência".

Além disso, em vez de falar sobre o assassinato em si, o chefe do Executivo tentou propagar o discurso de que a violência é uma prática da esquerda, não da direita.

Também seguiu a mesma estratégia de outros casos que respingaram negativamente no governo e procurou rebater jornalistas e influenciadores nas redes sociais.

Seus aliados seguiram a mesma linha e afirmaram que o governo Bolsonaro é responsável pelos menores índices de homicídios nos últimos anos. Apesar de defenderem declarações de repúdio do mandatário, alguns parlamentares governistas afirmaram que o Executivo não será prejudicado caso a oposição explo-

re os episódios de violência.

Argumentam que a lógica se assemelha com as denúncias de corrupção contra o MEC (Ministério da Educação), em que é possível rebater com acusações contra o PT.

Afirmam ainda que o próprio Jair Bolsonaro foi vítima de violência política, ao receber facada nas eleições de 2018 — e que esse assunto certamente será recuperado a esquerda para buscar condenar o bolsonarismo pelo clima de animosidade.

Na Câmara, Lira é aliado de Bolsonaro, político que insulta o antipetismo e que já chegou a usar termos como "fuzilar a petralhada" — fato que tem sido lembrado em meio aos desdobramentos do caso.

"A campanha eleitoral está agitando o medo", escreveu o deputado em nota nesta segunda. "Conclamo a todos pela paz para fazer nossas escolhas políticas e votar nos projetos que acreditamos. Esta é a premissa de uma democracia plena e sólida, como a nossa."

Reação mais contundente veio de Pacheco, que citou nominalmente tanto Bolsonaro como seu principal adversário no pleito, Lula.

As ações recentes de violência política foram ligadas ao bolsonarismo, como o lançamento de uma bomba caseira contra um ato de Lula no Rio e ataques também com excrementos contra o veículo do juiz que prendeu Milton Ribeiro.

Lula, porém, foi criticado por ter agradecido o ex-vereador Manoel Eduardo Marinho, conhecido como Maninho do PT, em seu discurso durante ato em Diadema (SP).

Maninho e seu filho são réus sob acusação de tentativa de homicídio qualificado contra o empresário Carlos Alberto Bettoni, empurrado em 2018.

"Esse companheiro Maninho, por me defender, ele ficou preso sete meses [...], porque resolveu não permitir que um cara ficasse me xingando na porta do instituto [Lula]", disse Lula no sábado (9).

"Eu quero em teu nome agradecer a toda solidariedade do povo de Diadema. Porque foi o Maninho e o filho dele que tiveram nossa batalha. Obrigado, Maninho. Essa dívida que eu tenho com você, jamais a gente pode pagar em dinheiro, a gente vai pagar em solidariedade, em companheirismo", continuou.

Em relação ao assassinato do militante petista em Foz

“

A responsabilidade deles [Lula e Bolsonaro] é muito grande, de ter responsabilidade na fala, na forma de conduzir, não adiantar jogar a culpa um para os outros. Não é o caso. Eles têm de repudiar qualquer ato de violência, seja praticado por um lado, seja praticado pelo outro

Rodrigo Pacheco (PSD-MG) presidente do Senado

de Iguaçu, Pacheco classificou as cenas de "repugnantes, chocantes, expressão pura, infelizmente, do momento político de muito ódio, de muita intolerância". "As pessoas estão se matando, matando umas as outras por motivo ideológico, motivo político".

A seguir, ele falou sobre a responsabilidade dos líderes políticos. "Especialmente daqueles que disputam a eleição e que têm debaixo de si uma grande militância política, uma aceitação e adeptos no Brasil todo. E me refiro ao presidente Bolsonaro e ao presidente Lula", disse.

O presidente do Senado lembrou que os dois pré-candidatos têm quase 80% das intenções de voto. "A responsabilidade deles é muito grande, de ter responsabilidade na fala, na forma de conduzir, não adiantar jogar a culpa um para os outros. Não é o caso. Eles têm de repudiar qualquer ato de violência, seja praticado por um lado, seja praticado pelo outro".

Após a morte de Marcelo de Arruda em Foz do Iguaçu, na noite de sábado (9), Bolsonaro e Lula se manifestaram.

O petista condenou um "discurso de ódio estimulado por um presidente irresponsável". Já Bolsonaro buscou se desvincular: "Vocês viram o que aconteceu ontem, né? Uma briga de duas pessoas lá em Foz do Iguaçu. Bolsonarista não sei o que lá. Agora, ninguém fala que o Adelson é filiado ao PSOL, né? A única mídia que eu tenho é essa que está nas mãos de vocês aí".

Em sua primeira manifestação, ainda no domingo, o presidente disse que dispensava o "apoio de quem pratica violência contra opositores", e também atacou a esquerda.

A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) se manifestou, por meio de seu presidente, dom Walmor Oliveira de Azevedo. O comunicado da entidade diz que "a insinuação que transforma uma festa de aniversário, momento de alegria e fraternidade, em cenário de violência e morte não deve ser uma referência para o exercício da cidadania".

A conferência também lembrou mensagem divulgada em junho, na qual criticava a facilidade para se obter armas. "Urgendo fechar os olhos diante da loucura da corrida armamentista", Renato Machado, Danielle Brant, Matheus Teixeira e José Marques

O BTG reconhece você.
Obrigado por fazer
o mesmo por nós.

Depois de reconhecidas como as
melhores em Research e Trading,
as equipes do BTG Pactual
também foram eleitas as
melhores de Sales e Corporate
Access da América Latina.

O ranking produzido pela Institutional Investor é o mais relevante do segmento
e permite que todo o mercado financeiro selecione os profissionais por sua
excelência analítica e assertividade.

É uma honra e um orgulho receber esse reconhecimento.

**Institutional
Investor**

Dê um BTG
na sua vida.
btgpactual.com

btgpactual

PT quer federalizar inquérito, mas PGR antecipa ser contra

Petistas lembram investigação inconclusa sobre agressão a militantes no PR

Cátia Seabra, Victoria Azevedo e Marcelo Rocha

SÃO PAULO E BRASÍLIA O PT decidiu pedir a federalização das investigações do assassinato de um militante do partido no Paraná, mas a Procuradoria-Geral da República já antecipa que considera a atribuição sobre o caso da Justiça estadual.

Advogados se dedicaram à redação do pedido nesta segunda (11), mas a PGR disse que as apurações seguem curso normal no estado, sem indícios, até agora, de omissão por parte das autoridades locais.

Um dos argumentos dos petistas é que até hoje não terminaram as investigações sobre os tiros disparados contra o ônibus da caravana do partido no interior paranaense em 2018. E que o que houve neste mês de semana não é caso isolado.

Em nota, o governador do Paraná, Ratinho Júnior (PSD), disse que a Polícia Civil do estado tem a "maior média de resolução de homicídio do Brasil" e que solicitou ao secretário de Segurança Pública "clareza e transparência nas investigações e que as mesmas ocorram sem interferência política".

Marcelo de Foz, tesoureiro do PT em Foz de Iguaçu, foi morto no fim de semana em sua festa de aniversário, após invasão do local por um apoiador de Jair Bolsonaro, Jorge Guarani.

Integrantes da cúpula do Ministério Público Federal ouviram a delegada da Folha e ponderaram que o autor do crime está identificado, preso e as circunstâncias sobre o fato em apuração.

Avallaram, apesar da descalça de violência e de toda a tensão na campanha, que o caso de Foz do Iguaçu é considerado uma situação específica.

Lembram também que houve pedidos negados para federalizar as investigações dos assassinatos da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ) e da missionária Dorothy Stang.



O caixão com o corpo de Marcelo de Arruda chega ao cemitério

Paulo Lisboa/Folhapress

Na abertura de reunião do conselho político do ex-presidente Lula nesta segunda-feira, a presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann, afirmou que, diante da liderança da oposição nas pesquisas de intenção de voto, Bolsonaro está estimulando uma "guerra suja". A imprensa Gleisi disse que Lula avalie que "nunca tivemos uma situação dessas em campanhas políticas no Brasil".

Disse que "é preciso um contraponto institucional" e cobrou do Congresso e do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) campanhas alertando sobre a violência política e a importância da violência política.

Também disse que os partidos da coalizão ainda estudam como formular manifestação junto ao TSE para que sejam responsabilizados. "Toda a vez que tiver uma frase galhofa do Bolsonaro para ativar um ato de violência ele ou o PL tem que responder por isso".

Gleisi também convidou outros partidos e campanhas a se juntarem nessa iniciativa. Questionada se o PT busca-

ria diálogo com a equipe de Bolsonaro, afirmou que isso seria "ridículo, porque a campanha dele que está fazendo todo o movimento de ódio".

"Não vivíamos isso no processo eleitoral brasileiro. Isso é recente e tem nome e endereço. É o movimento que foi

PT envia orientações de segurança antes de ato com Lula no DF

O PT enviou orientações a apoiadores que vão ao ato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em Brasília nesta terça (12). O partido pediu para que os militantes evitem se expor a situações de risco, andem em grupos e levem uma camiseta neutra caso precisem ficar sozinhos. "Não aceite provocação de Bolsonaro infiltrados. Não discuta nem agreda nenhum provocador. Ações heroicas podem causar riscos desnecessários", diz o texto.

deflagrado por Jair Bolsonaro", afirmou.

Ela disse ainda que a campanha não se intimidará com esses casos e que não haverá mudanças no esquema de segurança de Lula.

"Tudo que precisava encaminhar de segurança da campanha já está sendo encaminhado. Nossa principal segurança é o povo na rua e a mobilização", continuou.

Antes da reunião começar, os participantes fizeram um minuto de silêncio em homenagem a Marcelo Arruda.

No começo do encontro, foi distribuído aos presidentes dos partidos um documento intitulado "A escalada da violência política contra a oposição no Brasil", que reúne casos desde o assassinato de Marielle Franco, em março de 2018, até o assassinato de Arruda.

O texto inclui frases de Bolsonaro, como a declaração de 2018 em que então candidato à Presidência afirmou "vamos fuzilar a petralhada".

"Estimulados pelo discurso de ódio de Bolsonaro, apoiadores, milicianos e terroristas

estão agindo praticamente impunemente no país", diz o documento. Lula recomendou cautela aos aliados. Segundo participantes da reunião, disse que a tendência é que esse quadro de violência piora ao longo da campanha eleitoral, mas que as pessoas não podem se deixar intimidar.

Disse ainda que haverá grandes atos em estados como São Paulo e Minas Gerais e que não se deve responder às provocações com violência. "Traduzindo o que Lula recomendou, vamos responder com flores", disse o presidente da UGT (União Geral dos Trabalhadores), Ricardo Patath.

A coligação em torno do nome de Lula nas eleições reúne PT, PSB, PSOL, Rede, PV, PC do B e Solidariedade.

Segundo Raimundo Bonfim, que coordena a Central de Movimentos Populares, Lula recebeu várias vezes o desejo de ir às ruas durante a campanha.

O presidente do PSOL, Juliano Medeiros, sugeriu que a coordenação da pré-campanha denunciase formalmente a autoridades a violência política nesse período pré-eleitoral.

A ideia é sugerir que o conselho político, composto por presidentes de partidos aliados, encaminhe pedido de ajuda a órgãos como CNJ (Conselho Nacional de Justiça), OAB (Ordem de Advogados do Brasil), CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e o próprio STF (Supremo Tribunal Federal).

Representantes dos partidos teriam reunião na Procuradoria-Geral da República nesta terça (12). Na quarta (13), eles deverão se reunir com o ministro do Supremo Alexandre de Moraes, que irá presidir o TSE a partir de 15 de agosto.

O senador Randolfe Rodrigues (Rede AP) afirmou que o TSE precisa "criminalizar o apito do cachorro". "A cada fala, a cada gesto da campanha nesse sentido [de incitação de ódio] deve ser aplicada uma multa, tanto ao candidato quanto ao partido", disse.

Gleisi afirmou ainda que o PT irá oferecer assistência jurídica aos familiares de Marcelo de Arruda, destacando um advogado assistente para acompanhar o processo.

Segundo relatos, Lula falou ao telefone no domingo (10) com Pâmela Suelen Silva, viúva de Marcelo. O contato foi intermediado por Gleisi, que esteve no velório.

Entenda o caso

Qual a motivação do crime?

A delegada Jane Cardoso afirmou que a hipótese de motivação política para o crime contra o petista é investigada e que a polícia também investiga se Arruda e Guarani já se conheciam. "A informação que temos a priori deu a entender que eles se conheciam, mas não há histórico que tenha havido uma divergência ou briga anterior". Segundo ela, a esposa de Guarani afirmou que ele é diretor do local onde ocorreu a festa. A companheira de Marcelo de Arruda, Pâmela Silva, porém afirma que ninguém na festa conhecia o agressor e que só ficaram sabendo que ele era agente federal no hospital. Jane Cardoso não está mais no comando do caso, embora continue participando dos trabalhos. O PT a criticou por causa de postagens contra o partido em rede social feitas anos atrás. Segundo a Secretaria da Segurança Pública do Paraná, a responsabilidade agora é da delegada Camila Ceconello, da DHPP (Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa). Uma equipe de investigadores vinda de Curitiba reforça os trabalhos, diz o órgão, "para garantir celeridade na apuração dos fatos".

Qual a ligação do militante morto com o PT?

Arruda era tesoureiro do PT municipal. No partido havia mais de dez anos, ele concorreu a vereador e a vice-prefeito pela sigla em eleições municipais recentes.

O caso pode ser federalizado?

O PT defende que sim. O partido irá pedir à Procuradoria-Geral da República que as investigações fiquem sob atribuição federal. Afirmou que até hoje não houve conclusão das investigações estaduais sobre um ataque a tiros contra o ônibus da caravana do ex-presidente Lula no interior paranaense, em 2018, e que o caso de Foz do Iguaçu não é uma situação isolada.

O que aconteceu com o agressor?

Nesta segunda-feira, a Justiça decretou a prisão preventiva de Guarani. A decisão veio após a prisão em flagrante do atirador, no domingo e pedido do Ministério Público do Paraná e do Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco), que acompanha as investigações. De acordo com o MP-PR, a Justiça entendeu que o policial penal coloca em risco a ordem social, "se revelando necessária a contenção cautelar para evitar a reiteração criminosa".

O crime pode acirrar ainda mais a disputa eleitoral?

Sim. Outros episódios de violência contra o PT têm sido registrados nos últimos dias. Na quinta (7), um evento com apoiadores do petista na Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro, foi alvo de um artefato explosivo. Como a Folha mostrou, a Polícia Federal decidiu antecipar e reforçar o aparato de segurança do ex-presidente Lula.

Quem é o assassino do político petista?

O policial penal [trabalha em unidades prisionais] bolsonarista Jorge José da Rocha Guarani, que matou o guarda municipal petista Marcelo de Arruda, é um dos diretores da associação onde o crime aconteceu, segundo a Polícia Civil do Paraná. Guarani, que foi baleado, se declarou conservador e cristão. Ele usa as redes sociais principalmente para defender Bolsonaro, se diz contra o aborto e as drogas e considera arma sinônimo de defesa.

Bolsonaro reclama e diz não ter nada a ver com morte

Raquel Lopes

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) se reuniu com apoiadores nesta segunda (11) e criticou a forma como está sendo divulgada a morte do militante petista Marcelo Aloizio de Arruda, assassinado a tiros no sábado (9) por um policial penal bolsonarista.

"Vocês viram o que aconteceu ontem, né? Uma briga de duas pessoas lá em Foz do Iguaçu". Bolsonarista não seio que lá. Agora, ninguém fale que o Adélio é filiado ao PSOL, né? A única mídia que eu tenho é essa que está nas mãos de vocês aí", disse a apoiadora na saída do Palácio da Alvorada.

Adélio, autor da facada em Bolsonaro na campanha de 2018, foi filiado ao partido. Segundo as investigações, ele concebeu, planejou e executou sozinho o atentado. Foi considerado inimputável por ter doença mental e cumpre medida de segurança em um presidio federal.

No último sábado, um policial penal federal bolsonarista invadiu uma festa de aniversário e matou a tiros o guarda municipal e militante petista Marcelo Aloizio de Arruda, em Foz do Iguaçu (PR). O petista reagiu e disparou contra seu agressor, Jorge José da Rocha Guarani. A Polícia Civil do Paraná a princípio disse que Guarani também tinha morrido, mas a in-

formação depois foi corrigida. Ele permanece internado.

A delegada responsável pelo caso, Jane Cardoso, diz que a hipótese de motivação política para o crime contra o petista é investigada, e que ainda está sendo apurada se a razão foram divergências políticas.

Horas depois, Bolsonaro voltou a falar do caso no Palácio do Planalto. Ele citou a Folha ao criticar a forma como a imprensa tem veiculado a notícia. "Chegaram vídeos para a gente antes do crime em si. O cara faz um boletim de ocorrência, diz que chegou lá gritando 'sou Bolsonaro'. Agora eu vi em letras garrafinas na Folha de São Paulo: 'Bolsonarista mata'. Quando o Adélio me esqueceu ninguém falou que ele era filiado ao PSOL. Agora o que eu tenho a ver com esse episódio em Foz do Iguaçu? Nada", disse.

Questionado sobre frase que teria dito sobre "fuzilar petistas", Bolsonaro disse que seria no sentido figurado.

Bolsonaro é desde antes de chegar à Presidência um dos principais políticos que insultam o antipetismo e já chegou a usar termos como "fuzilar a petralhada" — fato que foi lembrado por eleitores em meio à repercussão do caso em Foz do Iguaçu.

"Você sabe o que é sentido figurado? Você sabe o que é sentido figurado? Você acha que... Você estudou português

na faculdade ou não?", disse.

Na primeira manifestação do domingo (10), ele disse que dispensa o "apoio de quem pratica violência contra opositores", mas, no mesmo pronunciamento, atacou a esquerda.

"Dispensamos qualquer tipo de apoio de quem pratica violência contra opositores. A esse tipo de gente, peço que por

coerência mude delado e apoie a esquerda, que acumula um histórico negativo de episódios violentos", escreveu.

A manifestação do presidente foi publicada em seu perfil nas redes sociais após as 19h, depois que praticamente todos os espectros políticos já haviam manifestado repúdio.

Bolsonaro, na conversa com os apoiadores nesta segunda-feira, também atacou ministros do STF (Supremo Tribunal Federal). Citou o Tribunal perante o ministro Edson FFachin, que hoje preside o TSE (Tribunal Superior Eleitoral). Segundo Bolsonaro, Fachin não aceita que o pessoal técnico das Forças Armadas converse com o pessoal técnico do Tribunal.

"Quem age dessa maneira não tem qualquer compromisso com a democracia. Deixou bem claro, Fachin foi quem tirou o Lula da cadeia. Fachin sempre foi o advogado do MST", declarou.

Fachin disse na sexta (10) que as eleições no Brasil não "se condicionam à produção de um resultado que confirme a vontade isolada de um ou de outro ator político".

Em discurso de encerramento dos trabalhos do tribunal neste semestre, o ministro não citou as ameaças golpistas de Bolsonaro, mas mandou indiretas ao chefe do Executivo, que já o atacou em diversas oportunidades e costuma

Uma briga de duas pessoas lá em Foz do Iguaçu. Bolsonarista não sei o que lá. Agora, ninguém fale que o Adélio é filiado ao PSOL, né? A única mídia que eu tenho é essa que está nas mãos de vocês aí

Jair Bolsonaro (PL)
presidente da República

Casos de violência política dispararam no país, aponta estudo

Comparação com ano eleitoral de 2020 mostra que o pior ainda pode estar por vir, diz pesquisador da Unirio

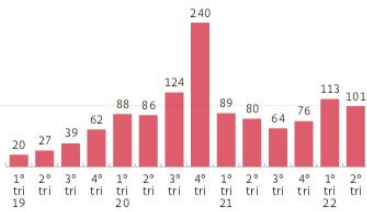
LIBERDADE DE EXPRESSÃO
Angela Pinho

SÃO PAULO O número de casos de violência política disparou no ano eleitoral de 2022, apontou o estudo do PT Marcelo Arruda, já é maior na primeira metade deste ano do que no mesmo período do último ciclo eleitoral, o pleito municipal de 2020. A constatação é do Observatório da Violência Política e Eleitoral, formado por pesquisadores do Giel (Grupo de Investigação Eleitoral) da Unirio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). Considerando-se os primeiros seis meses do ano, em 2020, ano de eleição municipal, foram registrados 174 casos e, em 2022, 214, um aumento de 23%. O grupo considera lideranças políticas ocupantes e ex-ocupantes de cargos eletivos, candidatos, ex-candidatos, pre-candidatos e determinados funcionários da administração pública (ministros, secretários de governo e assessores). É o caso de Arruda, que, além de guarda municipal e tesoureiro do PT, havia concorrido a vereador e a vice-

prefeito pelo partido nas últimas eleições municipais. O boletim trimestral sobre violência política do Giel é feito com base no acompanhamento de veículos de comunicação. As informações são obtidas em reportagens e dados de validade pela equipe para descartar mortes naturais, acidentes ou sem razão conhecida. O grupo considera violência política contra lideranças os atos de ameaça, agressão, homicídio, atentado, homicídio de familiar, sequestro e sequestro de familiar. O recrudescimento da violência política já havia sido observado no primeiro trimestre deste ano, quando o Observatório registrou a ocorrência de 113 casos, 28% a mais do que no mesmo período de 2020. Já no segundo trimestre, foram 131 episódios, 17% a mais do que há dois anos. O caso do petista entrará no próximo boletim. No período mais recente analisado, ou seja, de abril a junho, o tipo de violência mais frequente foi ameaça, com 37 casos (36,6%), seguida de agressão, com 27 casos (26,7%), e homicídios, com 19 casos (18,8%) (veja gráfico ao lado). Segundo o cientista político

Felipe Borba, coordenador do Giel, a comparação entre anos eleitorais é a mais adequada, devido à tendência de os casos acompanharem o calendário dos pleitos. E isso o preocupa atualmente. "Caso se repita o que foi observado na eleição municipal, a grande escalada de violência começa agora", afirma. Em 2020, o número de episódios de violência política aumentou 44% do segundo trimestre para o terceiro, e 93,5% entre o terceiro e o quarto trimestre. A região Nordeste teve o maior número de assassinatos (10) e, pela primeira vez, o Paraná liderou o ranking, com quatro casos, algo que, segundo o boletim, "chama atenção por ser algo incomum até então". Considerando-se o país todo, Borba afirma que o atual aumento da violência política em relação a 2020 não era esperado porque a eleição federal e estadual tem muito menos candidatos do que a municipal, quando as 5,568 cidades do país elegem prefeitos, vices e vereadores. Em sua avaliação, a alta neste ano decorre de dois fatores. Por um lado, a violência política estadual e federal se soma a municipal, que é predomi-

Violência política do 1º semestre de 2022 supera a do mesmo período de 2020



Tipo de violência (2º trimestre 2022), em %



Perfil político das vítimas (2º trimestre 2022), em %



Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral/Unirio

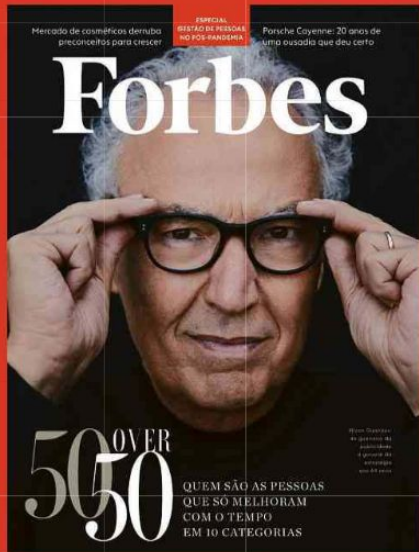
minante no país. E, por outro, afirma, o bolsonarismo usa a linguagem da violência como estratégia eleitoral, o que acaba incitando apoiadores. "As eleições brasileiras sempre foram polarizadas, mas nunca houve pelos candidatos estímulo a violência, falar em metralhar", diz. Na campanha de 2018, o presidente Jair Bolsonaro, então candidato ao cargo, chegou a falar em "fuzilar a petralhada".

Cobrado pela declaração neste final de semana, Bolsonaro publicou em rede social horas após o assassinato de Arruda que dispensa o "apoio de quem pratica violência contra opositores". Para Borba, qualquer ato de violência contra liderança política é muito grave porque mina a democracia e ainda fere a liberdade de expressão. "Reduz a participação e a legitimidade dos eleitos e deixa

as pessoas com receio de manifestar sua opinião", afirma. Diante do acirramento das tensões no país e dos ataques de Bolsonaro ao processo eleitoral, ele diz temer que ocorra em grandes proporções algo pouco comum no Brasil: a violência pós-eleitoral, como ocorreu recentemente nos Estados Unidos e na Bolívia. Por enquanto, o assassinato do tesoureiro petista em Foz do Iguaçu (PR) não é a regra da violência política observada nos últimos três anos, que tem perfil mais local. Estudo de Borba em parceria com Vinícius Israel, Miguel Carnevale e Pedro Bahia mostra que, no ciclo das eleições de 2022, as lideranças políticas vítimas de violência eram majoritariamente do sexo masculino, brancos, com alta escolaridade, dos pequenos municípios e filiados a partidos da centro-direita. Por outro lado, a chance de um homicídio ocorrer era maior contra políticos não brancos de baixa escolaridade. Por enquanto, a dinâmica predominantemente local se mantém. Segundo o boletim mais recente do Observatório, a maior parte dos alvos da violência política do segundo trimestre de 2022 eram vereadores (48,5%) e prefeitos (10,9%). Mas acontecimentos recentes têm aumentado a preocupação com a segurança do pleito deste ano. Na quinta-feira (7), um evento com apoiadores de Lula na Cimetária, no centro do Rio de Janeiro, foi alvo de um artefato explosivo. No último dia 15, apoiadores do ex-presidente foram alvos de drone com um líquido ardente de umato com a presença de Lula em Uberlândia, Minas Gerais. Como a Folha mostrou, a Polícia Federal decidiu antecipar e reforçar o aparato de segurança do ex-presidente.

“O SENHOR DA ESTRATÉGIA”

Forbes



50 OVER 50. QUEM SÃO AS PESSOAS QUE SÓ MELHORAM COM O TEMPO EM 10 CATEGORIAS.

SIG BERGAMIN
MARCIO KOGAN
ISAY WEINFELD
ARTHUR CASAS
ISABEL DUPRAT
BEATRIZ MILHAZES
ADRIANA VAREJÃO
VIK MUNIZ
ARAQUEM ALCÂNTARA
BOB WOLFENSON
KATLEEN CONCEIÇÃO
DUILIA DE MELLO
MIGUEL NICOLELIS
SIDARTA RIBEIRO
CARLOS AFONSO NORRE
XUXA
SILVIO SANTOS

CLÁUDIA RAIA
ANDRÉA BELTRÃO
ARY FONTOURA
ELIZABETH RODRIGUES GOMES
TÚLIO MARAVILHA
MARCELO TOSI
ANTÔNIO TENÓRIO DA SILVA
BETO PANDIANI
MANO BROWN
MONICA MARTELLI
MÁRIO SERGIO CORTELLA
BRUNA LOMBARDI
NIZAN GUANAES
OSKAR METSAVAHT
LENNY NIEMEYER
GLÓRIA COELHO
ADRIANA BOZON

RICARDO ALMEIDA
ROBERTO CARLOS
HERMETO PASCOAL
BITA LEE
IVETE SANGALO
GILBERTO GIL
HELIO MATTAR
SUELI CARNEIRO
VIRGILIO MAURICIO VIANA
JOEL SCALA
RAÍ
ALEXANDRE COSTA
EDUARDO BARTOLOMEU
MARCOS MOLINA
ABILIO DINIZ
JOSE CARLOS SEMENZATO

JÁ NAS BANCAS E NO APP

política

Ex-engraxate, petista era conhecido por atuação social e tolerância política

Guarda assassinado por bolsonarista em Foz do Iguaçu nasceu em favela e deixa esposa e 4 filhos

Artur Rodrigues

FOZ DO IGUAÇU (PR) Assassinado por um bolsonarista no último sábado (9) em Foz do Iguaçu (PR), o guarda municipal Marcelo de Arruda, 50, nasceu na favela e começou a trabalhar como engraxate. O interesse político e pelas questões sociais nasceu daí.

Desde cedo, porém, soube conviver com as diferenças e tinha amigos das mais variadas ideologias. Ex-militar e guarda, convivia-se dava bem com muitas pessoas mais à direita, incluindo bolsonaristas.

Segundo amigos e familiares, ele jamais teria iniciado uma briga como fez o bolsonarista que invadiu sua festa e o matou — o homem foi baleado e segue internado.

Marcelo deixa a esposa, Pamela, um bebê de 40 dias, uma menina de 6 anos e dois filhos mais velhos de um primeiro casamento.

"Eu conheço o Marcelo há muito tempo e ele nunca pegou em quem eu votava", diz Francisco Veder, 65, agente patrimonial na cidade e colega de trabalho de Marcelo.

Quem o conhecia diz que fugia muito do estereótipo de agentes de segurança. Inclusive, era bastante discreto ao portar a arma e não era do tipo que vivia guardando nela.

Parceiro de rua na Guarda, Arlei Silva conta que era o motorista, enquanto Marcelo era quem fazia as abordagens. Já enfrentaram casos, por exemplo, de troca de tiros, embora sem feridos. Mas isso era a exceção.

"As situações eram controladas, mas verbalizações maiores das vezes", diz Arlei. De acordo com ele, ambos trabalhavam na mesma região onde moravam, logo, eram bastante conhecidos e faziam um trabalho de policiamento comunitário.

Segundo os amigos, Marcelo gostava mesmo era de patrulhar pelas ruas, conversar com as pessoas e era muito popular nos bairros pobres da cidade.

"Ele tinha duas paixões: a Guarda e a política", diz Alexandre Moisés de Arruda, 49, mãe de dois dos quatro filhos da guarda, uma coisa não se dissociava da outra.

O engajamento poderia passar tanto por levar quem estivesse precisando com a viatura até um hospital ou se juntar a colegas de trabalho para ajudar meninos de uma favela. E, claro, também melhorar as

condições da Guarda da cidade — pouco antes de morrer, havia conseguido uma vitória para a categoria, dizem amigos.

Atualmente, Marcelo era diretor da executiva do Sindicato dos Servidores Municipais de Foz do Iguaçu (Sismuf).

Na política partidária, Arruda era tesoureiro do PT. No partido haviam mais de dez anos, ele concorreu vereador e a vice-prefeito pela sigla em eleições municipais recentes.

Ele entrou no partido a convite, desde aquela época, surgiu a admiração pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), sindicalista como ele.



Velório do guarda municipal Marcelo de Arruda, assassinado domingo (10) em Foz do Iguaçu

Paulo Lisboa/Folha Press

condições da Guarda da cidade — pouco antes de morrer, havia conseguido uma vitória para a categoria, dizem amigos.

Atualmente, Marcelo era diretor da executiva do Sindicato dos Servidores Municipais de Foz do Iguaçu (Sismuf).

Na política partidária, Arruda era tesoureiro do PT. No partido haviam mais de dez anos, ele concorreu vereador e a vice-prefeito pela sigla em eleições municipais recentes.

Ele entrou no partido a convite, desde aquela época, surgiu a admiração pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), sindicalista como ele.

"A política estava na veia do Marcelo, desde sempre", completa Alexandra.

A luta pelas questões sociais começou cedo na vida do rapaz, então com 20 e poucos anos, por meio das questões do sindicato. E a origem de Marcelo, que viveu na pele

a desigualdade do país, pesou nesse olhar.

Marcelo foi criado na favela dos Bancários, em Foz do Iguaçu. Boa parte desse tempo foi vivido sem nem mesmo energia elétrica em casa.

A família só começou a sair de lá quando o irmão mais velho arrumou um emprego em Itaipue, aos poucos, melhorando nas condições da família.

"Ele começou a trabalhar como engraxate, como todos nós. Como sempre passava um moço vendendo picolé e ele gostava muito, eu coloco esse apelido nele", diz o irmão mais velho, Luiz Donizete Arruda, 54, hoje aposentado.

Familiares dizem que Marcelo tinha uma personalidade de inquieto e vivia sempre fazendo descobertas.

Musicalmente, tinha gosto eclético e também gostava de ler de tudo. Um dos livros que admirava era as Ve-

as Abertas da América Latina, de Eduardo Galeano, lembra um dos sobrinhos dele, Thiago de Arruda, 32.

"Meu pai era uma pessoa que, depois de velho, sempre estava querendo aprender alguma coisa e passar para a gen-

te", diz o filho mais velho, Leonardo Miranda de Arruda, 26.

O corpo do militante petista foi velado e enterrado em Foz do Iguaçu.

No início da tarde desta segunda, sob aplausos, o corpo deixou o gniásio em que foi velado. O caixão estava enrolado em uma bandeira do PT e outra da Guarda Civil Metropolitana de Foz do Iguaçu.

O corpo foi levado em cortejo pelas ruas da cidade e passou em frente à sede da guarda local. O enterro ocorreu por volta das 15h30 no Cemitério Municipal Jardim São Paulo, na cidade paranaense.

Durante as despedidas de Marcelo, ele foi chamado de herói. Amigos e familiares relataram que nos momentos finais ele conseguiu salvar os presentes na festa.

"Lembrem que ele seria sempre um herói. Um herói que não usou capa, não voa, não solta raio pelo olho. Mas é um herói que salva vidas. E que a gente possa ter essa história como ensinamento, vamos acabar com essa história de ódio", disse o filho dele, Leonardo de Arruda, 26.

Ele foi enterrado com uma toalha com a imagem de Lula.

Roseli Scheifer, amiga de Marcelo na Guarda Municipal por quase 30 anos, disse, creveu o militante como alguém sempre de bom humor. "Se teve um cara que mediantes as piores situações, tentava ver a parte boa, foi o Marcelo. Ele nos deixa uma história de amor pelo próximo", disse.

Marcelo foi velado em um gniásio esportivo na cidade, com

presença de familiares, colegas de trabalho e militantes políticos. Além dos parentes, diversos colegas do PT de Foz do Iguaçu, do qual Marcelo era tesoureiro, e da Guarda Municipal compareceram ao local.

Entre os familiares, apesar do clima de comoção, a reportagem ouviu relatos de que há um sentimento de vontade de levar adiante os ideais de Marcelo.

Guarda municipal teve encontro com Bolsonaro em 2017

FOZ DO IGUAÇU O guardamunicipal e militante petista Marcelo de Arruda, assassinado por um bolsonarista em Foz do Iguaçu (PR), já havia tido um encontro amistoso em 2017 com o então deputado federal Jair Bolsonaro — hoje no PL e presidente da República.

Anos antes, segundo colegas de Marcelo, o encontro ocorreu para tratar de uma questão sindical, devido a pleitos de guardas municipais sobre a categoria ao então deputado.

"A gente foi para Brasília por causa da reforma da Previdência, era uma mobilização dos guardas municipais. A gente foi para Brasília para que incluíssem os guardas municipais no texto da reforma, colocando a gente no caso da aposentadoria policial", diz Tony Cleversson Correa, então presidente da Associação dos Guardas Municipais de Foz do Iguaçu.

Tony diz que foi uma conversa amistosa, de cerca de 10 minutos. Segundo ele, Bolsonaro votou favoravelmente à categoria, mas a categoria não conseguiu ter seu pleito atendido pelos demais parlamentares.

Na ocasião, Marcelo era presidente do PT de Foz do Iguaçu, segundo Tony. "Ele [Bolsonaro] vinha num crescimento, já tinha detonado a questão do Partido dos Trabalhadores, mas o Marcelo foi tranquilo. Ele sempre foi do diálogo", conta o amigo.

O episódio é usado por colegas para exemplificar como Marcelo era alguém que tratava com pessoas com opiniões diferentes das dele.

Segundo amigos e familiares, o guarda jamais teria iniciado uma briga como fez o bolsonarista que invadiu sua festa e o matou — o homem foi baleado e segue internado.

De acordo com colegas, na festa que terminou na morte do militante, uma das brincadeiras era sobre fotografar amigos bolsonaristas de Marcelo próximo de símbolos do PT. Quando o policial penal Jorge Guarunho chegou, inicialmente, as pessoas da festa acharam que ele era só mais um convidado. AR

Marcelo de Arruda, com Tony Cleversson Correa e o então deputado Jair Bolsonaro

Arquivo pessoal



Marcelo de Arruda, com Tony Cleversson Correa e o então deputado Jair Bolsonaro

Arquivo pessoal

Justiça decreta prisão preventiva de atirador, e Promotoria também vai investigar agressões

FOZ DO IGUAÇU (PR) O Ministério Público afirmou que também investigará agressões do bolsonarista Jorge José da Rocha Guarunho, que assassinou a tiros o militante petista Marcelo de Arruda em Foz do Iguaçu (PR).

Conforme mostram imagens gravadas, o policial penal bolsonarista Jorge Guarunho, que também foi baleado, foi agredido por alguns homens conhecidos do petista após cair no chão.

De acordo com o promotor Tiago Lisboa Mendonça, será avaliado qual o papel que essas agressões têm nos ferimentos do homem, que segue internado.

A Justiça decretou a prisão preventiva de Guarunho. Caso se recupere, segundo o promotor, já há ordem para que ele seja ouvido.

"Ele se encontra preso preventivamente, sob escolta des-

de a data do fato e assim continuará", disse o promotor.

Segundo a Sesp (Secretaria da Segurança Pública do Paraná), o estado de saúde de Guarunho é grave, mas o quadro continua estável.

A secretaria não deu mais detalhes sobre quantos tiros ele recebeu, nem quais órgãos foram atingidos.

O promotor Tiago Lisboa Mendonça disse que, independentemente da investigação sobre o assassinato do militante petista, foi determinado "um segundo inquérito policial para apurar essas agressões sofridas pelo autor do fato".

"O laudo médico vai nos dizer se o homem, que está internado em estado grave, inconsciente, se essas lesões na cabeça foram decorrentes do disparo de arma de fogo que ele também foi vítima ou decorrentes dos chutes".

Nos autos, a Justiça diz que o fato de o atirador ser policial penal federal "eleva ainda mais a gravidade do delito considerando que este age (ou deveria agir) em nome do Estado, em prol dos interesses da coletividade".

Entre os pontos a serem abordados nas oitivas, está a motivação do crime.

Outro ponto importante também destacado pelo promotor é a necessidade de verificar se havia algum grau de conhecimento entre Marcelo e Jorge Guarunho e por que o policial penal estava passando pelo local no momento em que começou a agressão.

Não há, até o momento, nenhuma indicação de que eles já tivessem tido eventual contato anterior.

O promotor afirmou ainda que boa parte das pessoas que estavam no momento dos fatos ainda não foram

ouvidas, o que deve ser feito nos próximos dias.

Para verificar a dinâmica dos fatos, a investigação pode contar até com uma reconstituição do crime.

Designada pela Justiça para defender Jorge Guarunho, em medida prevista em lei, a advogada Andreza Dolatto Inácio entrou com pedido de prisão domiciliar, que foi negado.

Segundo Inácio, a família ainda não havia apresentado advogado para a defesa. Ela informou que vai deixar o caso assim que a família apresentar outro representante ou a Justiça nomear um defensor.

A Secretaria da Segurança Pública do Paraná emitiu nota nesta segunda afirmando que foi formada uma força-tarefa que será presidida pela delegada Camila Concelhon, chefe da Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa.

Uma equipe de investigadores da DHPV vindo de Curitiba reforça os trabalhos para garantir celeridade na apuração dos fatos. A Sesp lembra que a Polícia Civil do Paraná conta com apoio da Poli-

cia Científica para finalização das perícias necessárias para total elucidação do ocorrido".

Quem vinha liderando as investigações era a delegada Lane Cardoso, que já havia feito postagens contra o PT nas redes sociais.

A Defensoria Pública do Paraná também divulgou nota nesta segunda-feira, na qual lamenta "o assassinato" de Marcelo e alerta sobre a "gravidade da violência política praticada, e a necessidade de garantir um clima pacífico durante as manifestações individuais ou coletivas".

De acordo com o órgão, a proximidade das eleições nacionais reforça a necessidade de que todas as instituições se mantenham vigilantes na defesa dos preceitos democráticos.

"Entendemos que é essencial a discussão a respeito da tolerância política e da defesa incondicional da democracia brasileira, uma das missões constitucionais de nossa instituição", diz o texto. AR

Colaboraram Mauren Luc, de Curitiba, e Denise Paro, de Foz do Iguaçu

Pedro Vaca Villarreal

Existem discursos perturbadores que não são de ódio

Para diretor responsável pela área de liberdade de expressão na da OEA, a Justiça precisa de critérios para enquadrar o abuso

LIBERDADE DE EXPRESSÃO
ENTREVISTA

Felipe Bächtold

SÃO PAULO A Justiça deve distinguir declarações perturbadoras, que podem soar irritantes ou chocantes, mas que são protegidas pela lei, de discursos de ódio, diz o advogado colombiano Pedro Vaca Villarreal.

Ele é relator especial para a liberdade de expressão na Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA (Organização dos Estados Americanos).

"A liberdade de expressão é um direito amplo", afirma.

Em entrevista à *Folha*, ele criticou decisão do Supremo Tribunal Federal de março de bloquear o aplicativo Telegram, revista de dois dias, por entender que afetou o direito de todos os cidadãos.

Mas considera que as plataformas estão "em dívida" na para solucionar problemas nas sociedades democráticas.

Sobre o panorama da liberdade de expressão no Brasil, Vaca disse ver uma "atmosfera hostil ao trabalho jornalístico".

Em junho, a Comissão divulgou nota dura com críticas ao governo Jair Bolsonaro, por ocasião das buscas ao indigenista brasileiro Bruno Pereira e ao jornalista britânico Dom Phillips, na época desaparecidos no interior do Amazonas.

Um dos destaques foi ao presidente de que os dois estavam em uma "aventura não recomendada". Posteriormente, foi revelado que indigenista e o jornalista tinham sido mortos durante viagem no rio Itaquai, no dia 5 de junho.

Para Vaca, autoridades públicas precisam "ser cuidadosas diante do impacto que as palavras podem ter" na sociedade.

A Comissão de Direitos Humanos da OEA fez uma declaração com palavras fortes na época do desaparecimento de Bruno Pereira e Dom Phillips. Por que foi necessário? Toda a história do caso de Dom Phillips e Bruno Pereira é uma tragédia na maior acepção da palavra.

O tratamento das informações pelas autoridades não era claro naquele momento. Advertimos e lamentamos que se julgasse as atividades que os dois estavam desenvolvendo [enquanto viajavam]. Também não havia muita informação sobre as iniciativas governamentais pela busca.

Marcelo Rocha

BRÁSILIA A Procuradoria da República no Distrito Federal requisiu à Polícia Federal a abertura de um inquérito policial para identificar os autores do ataque ao juiz Renato Borelli, da 15ª Vara Federal de Brasília.

O carro do juiz atingido por fezes de animais, ovos e terra, em Brasília, na quinta (7).

Depois, com um pouco mais de informação, entendemos que há alguns avanços judiciais. De qualquer forma, é importante que se esgote todas as linhas de investigação.

Ficaram muitas perguntas. Quais as garantias de defesa dos direitos ambientais e dos jornalistas no Brasil? Que mensagem recebeu a sociedade?

A nota crítica especificamente a declaração de Bolsonaro de que os dois estavam em uma "aventura não recomendada". Foi falta de respeito? O sistema interamericano [de direitos humanos, da OEA] apontou em diversas oportunidades que discursos de pessoas com notoriedade, com autoridade pública, como o caso, sejam cuidadosos, diante do impacto que podem ter no debate público.

Essas palavras creio que não correspondiam à expectativa cidadã sobre o que deve dizer

o presidente nesse tipo de circunstância. A comunidade internacional estava muito mais ansiosa sobre quais eram os esforços [de resgate]. E creio que está, em um último nível de prioridade, o que pode pensar, a opinião que tiver sobre o que os dois estavam fazendo.

Os termos e as palavras usadas, para muitas pessoas, podem dar a entender que os dois buscaram esse destino. E a verdade é que ninguém, em uma sociedade democrática, por fazer jornalismo defendendo os direitos humanos, deve ter isso como um destino possível.

O presidente tem um histórico de declarações, por exemplo, na forma como fala de jornalistas. Isso preocupa? Hoje [quarta-feira, 29] foi condenado [por danos morais] por fazer insinuação sexual contra uma jornalista da Folha [a repórter Patrícia Campos Melo]. Em padrão regional. Ad-

vertiu-se de que há uma deterioração generalizada no debate público. Isso tem vários ingredientes, e um particularmente importante é certo nível de hostilidade de vozes com responsabilidade e pública contra o trabalho dos jornalistas. E há um componente particular no caso de mulheres jornalistas.

A estigmatização por lideranças públicas tem impactos negativos na democracia.

E aí se apela que funcionários públicos, que exercem cargo de responsabilidade representativa, que chegaram a posições de poder graças à confiança dos cidadãos, tenham cuidado na hora de rotular em meios de comunicação. Lamentavelmente, no Brasil, como vários países, há uma normalização da estigmatização da imprensa. É algo que seria muito importante corrigir.

Os ataques às mulheres jornalistas são uma preocupa-

ção em especial? Definitivamente. São mensagens que chegam a determinadas audiências e se amplificam de forma que podem acabar sendo dramaticamente aturadoras.

Fazem sobre as jornalistas um ruído tão perturbador que recebemos vários depoimentos até de gente que pensa em deixar o jornalismo. Há jornalistas muito valentes, resilientes. Mas é uma situação pela qual nenhuma mulher jornalista deveria passar. E ainda mais condenável quando a origem dessas mensagens vem de pessoas com posição de garantidoras dos direitos humanos, da liberdade de expressão e dos direitos das mulheres.

Quais são as principais queixas que a comissão analisa hoje em relação à liberdade de expressão no Brasil? Neste mês, publicou-se o informe anual sobre liberdade de expressão. No capítulo Brasil, um dos temas é o jornalismo e democracia, a atmosfera hostil ao trabalho jornalístico, muitas vezes cercado de vozes com responsabilidade e pública que podem estar estimulando esse cenário. Também se advertiu sobre o aumento das ações judiciais contra a imprensa.

Com enorme preocupação, também vemos processos civis, com sanções muito altas. O caso de Rubens Valente [jornalista condenado junto com uma editora a pagar mais de R\$ 300 mil em indenização ao ministro do Supremo Gilmar Mendes] é um que acompanhamos. É delicado em termos de impactar a liberdade de expressão pode enviar mensagem muito forte em relação à tolerância com a crítica que podem ter determinadas autoridades públicas no Brasil.

Uma pergunta que fazemos a todos os países é sobre a autocensura que isso pode estar gerando. Quando jornalistas enfrentam esses obstáculos, outros jornalistas veem. Quando vão se aproximar de um assunto que já tenha gerado ameaças, estigmatização, violência sexual, podem pensar duas ou três vezes ou simplesmente não cobrir o assunto. A sociedade recebe menos informação sobre questões de interesse público.

Apoiadores do governo no Brasil se dizem censurados pelo STF, que por sua vez fala, por meio de alguns magistrados, que há discursos de ódio e ameaças. Quais são os limites entre liberdade de expressão e discurso de ódio? Não posso citar casos concretos. Mas discursos de ódio, que incitam a violência, não estão protegidos pelo direito internacional. Portanto, os países devem tomar medidas para prevenir a ocorrência e puni-los.

Há discursos que podem ser perturbadores e que não são de ódio. É uma distinção que os países, as autoridades, a Justiça, devem fazer: Não podemos aplicar o critério de um discurso "não protegido" [pela lei] a um discurso que pode ser chocante, incômodo, irritante, que não é discurso de ódio.

Que características tem um discurso de ódio? 1) O contexto social e político em que ocorre. 2) A categoria do orador, se é pessoa com grandes níveis de responsabilidade — é um ingrediente importante. 3) A intenção de incitar a audiência contra um grupo determinado. 4) O conteúdo e a forma do discurso. 5) A extensão da

O jornalismo tem um lugar chave [no combate à desinformação nos processos eleitorais]. Está sendo chamado a ser referência. É importante que os partidos políticos, as autoridades eleitorais e os candidatos sejam muito leais com o debate democrático

discussão. 6) E a probabilidade de causar danos.

Para se encaixar em fala de ódio e para que os Estados estejam autorizados a limitá-lo, precisaria entrar nesses critérios, pelo direito internacional.

Como vê os riscos da desinformação em processos eleitorais? O jornalismo tem um lugar chave. Está sendo chamado a ser referência. É importante que os partidos políticos, as autoridades eleitorais e os candidatos sejam muito leais com o debate democrático.

Como vê o comportamento das plataformas? Estão em dívida na contribuição para a solução dos problemas para a democracia nas plataformas, para contribuir de modo proporcional ao poder que detêm. De um lado, há disponibilidade das plataformas para participar das discussões. Isso é bom. Também têm arquitetura interna complexa em que se dá mais atenção a países grandes que aos de menos habitantes.

O que poderiam fazer a mais? Não podemos dizer que não estão fazendo nada. Há iniciativas em andamento, e temos que ser equilibrados em relação a isso.

Mas é certo que, na iminência de desafios, e com o poder que têm, o que estão fazendo não é proporcional.

Há situações, em diversos países, em que se pede cooperação com alguns assuntos, e ela não é homogênea. Algumas participam, outras não. Outro componente é a transparência: na tomada de decisões, na informação para entender o fenômeno, nos processos.

Os críticos ao bloqueio do Telegram no Brasil [determinado pelo Supremo]. Por que considera que o juiz errou? Não foi a primeira vez, decisões desse tipo são drásticas. O que me chamou a atenção foi ter sido uma decisão que não afetava só o Telegram, mas todas as pessoas que usam o Telegram, incluindo para exercícios legítimos da liberdade de expressão.

Um elemento muito importante é a proporcionalidade. Afetar o menos possível a liberdade de expressão.

A medida foi tão drástica que em bem pouco tempo foi revertida.

O Estado não pode agir de qualquer forma. Aí é muito importante um exercício de ponderação.

ex-ministro, o mandatário teria dito estar com "presentimento" de que iriam atingi-lo por meio da investigação.

No final de junho, Cármen Lúcia mandou o caso para a PGR (Procuradoria-Geral da República) se manifestar sobre a abertura de uma investigação contra o presidente por suspeitas de irregularidades no Ministério da Educação e obstrução de Justiça.



Pedro Vaca Villarreal, 35

Advogado colombiano, é desde 2020 o responsável pela área de liberdade de expressão na Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA (Organização dos Estados Americanos). É mestre em direito pela Universidade Nacional da Colômbia e foi diretor-executivo da Fundação para a Liberdade de Imprensa

Divulgação/ Organização dos Estados Americanos

Procuradoria pede inquérito sobre ataque a juiz do caso do MEC

Como impedir mais violência

Oposição não pode entrar em jogo no qual bolsonarismo tenta ampliar a tensão

Joel Pinheiro da Fonseca

Economista, mestre em filosofia pela USP

Eventos como o de domingo, em que um atirador bolsonarista matou um tesoureiro do PT que celebrava aniversário em Foz de Iguaçu, fazem qualquer um se preocupar com os próximos meses.

Seria mentira dizer que só existe extremismo no bolsonarismo. Mas, de todos os grupos políticos do país, o bolsonarismo é disparado hoje o que mais o estimula. Nas franjas mais radicais da esquerda, há também promoção de ódio a todas as instituições democráticas. Mas

no caso do bolsonarismo, esse discurso não está apenas na margem; ele parte do próprio centro; é apoiado e ecoado pelas lideranças.

Resolvi navegar um pouco pelo perfil do assassino de Foz de Iguaçu no Twitter. São dias e dias xingando personalidades de oposição e jornalistas, além de replicar conteúdo de influenciadores pró-Bolsonaro. Num post em seu Facebook, falava em "limpar o Brasil do PT".

O que mais me impressiona, contudo, é que esse ti-

po de perfil nas redes não é uma exceção. Não são um ou dois casos psiquiátricos que agem assim. O que eu vi ali foi a mesma coisa que vejo sempre que entro no perfil de algum hater. São milhões de bem-patriotas e cristãos que dedicam seu tempo livre a xingar os outros, certos de que com sua boca suja representam a virtude moral contra as hostes do inferno.

Como se transformaram nisso? O preparo foi longo, mas simples. Basta instilar a para-

noia e o ódio continuamente nos seguidores: a mídia mente o tempo todo, as urnas estão fraudadas, a vacina mata, as universidades produzem drogas, as escolas pervertem as crianças, só armado o cidadão pode se proteger dos comunistas. Dos milhões que sorverem essa mensagem dia e noite, alguns serão desequilibrados o bastante para ir do discurso à prática, e cometer atos de terrorismo e assassinato. Graças ao governo, eles agora estão mais armados.

Quando o previsível aconte-

tecer, basta a autoridade repudiar o ato, que é o que Bolsonaro fez. Mesmo em sua nota de repúdio, contudo, o presidente estimulou o extremismo: disse que a violência é própria da esquerda, não da direita, justamente o tipo de discurso demonizador que justifica atos de violência do próprio lado.

Neste momento, todo bolsonarista moderado — e por moderado me refiro àquele apoiador que é verdadeiramente contra o uso da violência e da ruptura institucional — deveria repudiar publicamente atos de violência ou de terrorismo bolsonaristas. O silêncio dos moderados é a atitude cúmplice que alimenta o extremismo.

E é lamentável ver Lula dogmático a agressão física de seu aliado contra um empresário que viera ao Instituto Lula xingar o ex-presidente. Agredir alguém numa briga (um empurrão nu-

ma avenida movimentada que resultou em lesão grave) é muito diferente de invadir um aniversário e atirar no aniversariante, mas é o tipo de conduta violenta que, se tolerada — pior, homenageada —, justifica os intentos violentos do outro, além de produzir uma sensação de equivalência na população que não acompanha os eventos de perto.

Os ataques com bombas ou o assassinato do tesoureiro são ruins — eleitoralmente — para o governo. Mostram uma militância crescentemente desesperada e apostando no caos. Se a PEC Kamikaze não o melhorar as pesquisas, isso tenderá a piorar. Da parte da oposição, a resposta tem que ser unívoca: firmeza na defesa da lei e da ordem, sem ajudar na escalada da violência. Os únicos que ganham com mais arruagem e mortes são os golpistas.

| DOM, Elío Gaspari, Janio de Freitas | SEG, Celso R. de Barros | TER, Joel R. da Fonseca | QUA, Elío Gaspari | QUI, Conrado H. Mendes | SEX, Reinaldo Azevedo, Ângela Alonso, Sílvia Almeida | SÁB, Demétrio Magnoli

Militares pedem dados de pleitos usados por Bolsonaro em retórica de fraude

Forças Armadas querem acesso a arquivos das urnas de 2014 e 2018, em nova demanda ao TSE

Renata Galf

SÃO PAULO Em um ofício remetido ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) no final de junho, as Forças Armadas solicitaram uma série de arquivos relacionados às eleições de 2014 e 2018, acumulando mais um episódio em que os militares questionam a corte em alinhamento ao discurso do presidente Jair Bolsonaro (PL) de desacreditar as urnas.

Esses são justamente os anos em que o mandatário alega, sem apresentar qualquer evidência, além de teorias conspiratórias presentes há anos na internet e já desmentadas por especialistas, que teria havido fraude.

Na live semanal da última quinta-feira (7), o presidente afirmou que irá candidatar os embaixadores de todos os países para participarem de uma reunião nesta semana em que vai falar sobre "como é o sistema eleitoral brasileiro" e mostrará um power point com "tudo que aconteceu nas eleições de 2014, 2018, documentado".

Não é possível afirmar qual o objetivo dos militares com o pedido ao tribunal, mas, com os dados solicitados, eles poderiam recontar os votos desses pleitos ou mesmo fazer uma auditoria e tentar procurar problemas.

No ofício, datado de 24 de junho, os militares afirmam que os arquivos solicitados seriam necessários para "esclarecer e conhecer os mecanismos do processo eleitoral com a finalidade de permitir a execução das atividades de fiscalização do processo eleitoral".

A Folha questionou o Ministério da Defesa sobre qual o motivo da solicitação de dados de eleições passadas e quais seriam as atividades de fiscalização da eleição de 2022 para as quais eles seriam necessários.

O ministério não explicou a necessidade de informações desses anos específicos, mas disse que elas "são fundamentais para que os militares estudem os parâmetros e a estrutura do sistema eletrônico de votação para que possam realizar os trabalhos de fiscalização de forma técnica, séria e colaborativa".

Depois de 25 anos de silêncio sobre as urnas eletrônicas, as Forças Armadas enviaram ao TSE desde o fim de 2021, como membros da Comissão de Transparência Eleitoral, mais



O Ministro da Defesa, general Paulo Sérgio de Oliveira, em cerimônia do Dia do Soldado

“[As informações solicitadas] são fundamentais para que os militares estudem os parâmetros e a estrutura do sistema eletrônico de votação para que possam realizar os trabalhos de fiscalização de forma técnica, séria e colaborativa”

Ministério da Defesa em nota

de 80 questionamentos, além de sete sugestões de mudanças nas regras para as eleições de outubro deste ano.

Os diferentes episódios envolvendo os militares e a corte eleitoral têm dado munição ao discurso golpista do presidente Jair Bolsonaro.

Desta vez, o pedido de informações foi realizado pelas Forças Armadas enquanto entidade legitimada para fiscalizar as eleições, grupo em que partidos também estão incluídos. No caso de interesse de Bolsonaro nos dados, portanto, o próprio PL poderia enviar questionamentos.

O ofício com a solicitação foi encaminhado ao tribunal pelo ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira. Já a listagem dos arquivos a serem solicitados é assinada pelo coronel do Exército Marcelo Nogueira de Sousa, que é o chefe da equipe das Forças Armadas que participará da fiscalização do processo eleitoral.

Além de Nogueira, assinam

o documento o coronel Wagner Oliveira da Silva (Força Aérea), o coronel Ricardo Santana (Exército) e o capitão de fragata Marcus Rogers Cavalcante Andrade (Marinha), que também fazem parte da equipe de militares.

Foram solicitados, entre outros, os arquivos de imagens dos boletins de urnas (que são emitidos ao final da votação com a totalização dos votos de cada urna); os arquivos com o registro digital do voto e os logs das urnas (que registram tudo que ocorreu ao longo da eleição).

Ainda referente a 2014 e 2018, os militares pediram acesso ao relatório de urnas substituídas, ao relatório de boletins de urnas que estiveram em pendência e ao de comparecimento e abstenção em cada seção eleitoral.

A título de comparação, de acordo com a resolução do TSE referente às eleições deste ano, o rol de arquivos antigos a que as Forças Armadas querem acesso poderá ser so-

licitado referente a 2022, pelas entidades fiscalizadoras, apenas até 120 dias após o primeiro turno da eleição.

O pedido foi feito dentro do processo administrativo em que foi dado prazo de 15 dias para as entidades fiscalizadoras manifestarem interesse em participar das próximas etapas da fiscalização do processo eleitoral. A data limite foi sexta-feira (8).

Em resposta à Folha, a assessoria de comunicação do TSE informou que a nova solicitação das Forças Armadas ainda não teve andamento interno e que, assim como os demais documentos encaminhados pelas outras entidades, os questionamentos dos militares possivelmente serão analisados em reunião que será marcada com todas as entidades que manifestaram interesse.

Engenheiros especialistas no sistema de votação eletrônico consultados pela Folha afirmaram que o pedido de dados de 2014 e 2018 é inco-

rente, no caso de a intenção dos militares ser realmente a preparação para fiscalizar as eleições deste ano.

Se o objetivo fosse conhecer o formato dos arquivos, um dos itens pedidos pelos militares ao TSE — uma amostra fictícia do dados — já seria suficiente.

Nesse sentido, os especialistas apontam também que, em relação a formatos, os dados de 2022, mesmo sem eleições nacionais, poderiam ser mais úteis do que os de 2014, por estarem provavelmente mais atualizados.

Já na hipótese em que o objetivo fosse o de fazer análises estatísticas dos padrões dos votos nos diferentes pleitos, numa tentativa de identificar problemas este ano, utilizar apenas dois anos seria uma amostra pequena.

Além dos arquivos de eleições passadas, os militares também solicitaram dez itens de informações técnicas sobre sistemas e protocolos atuais. O teor dos pedidos indica que um dos focos de atenção dos militares será a cerimônia pública em que os sistemas eleitorais são compilados e lançados e que ocorrerá em setembro.

A compilação serve para transformar o código-fonte dos programas eleitorais que estão escritos em uma linguagem que os humanos conseguem entender em um formato que é apenas lido por máquinas. A versão compilada do sistema que é inserida nas urnas.

Outro alvo dos militares é o programa que fará o sorteio das urnas que passarão pelo teste de integridade — uma auditoria que é feita no dia da votação com urnas sorteadas na véspera.

Na última semana, ao rebater uma falha do ministro e atual presidente do TSE, Edson Fachin, de que o Brasil poderia passar por um episódio mais grave que do Capitólio, Bolsonaro disse que "ninguém quer invadir nada", mas que sabe como deve se preparar e "o que tem que fazer antes das eleições".

"Você sabe o que está em jogo, você sabe como você deve se preparar — não para um novo Capitólio — ninguém quer invadir nada, mas para nós sabermos o que temos que fazer antes das eleições", disse.

Em janeiro de 2021, apoiadores insultados pelo ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump invadiram o congresso americano por entenderem que o pleito fraudado que o país havia sido traído.

Em uma reunião ministerial, na última semana, o presidente também reforçou seu discurso contra o sistema de votação e teve apoio do ministro da Defesa, que falou sobre as propostas e questionamentos feitos pelas Forças Armadas ao TSE.

Centrão reage por obrigatoriedade das emendas de relator

Relator defende retirar artigo que impõe pagamento, e sessão do Congresso é suspensa por falta de acordo

Danielle Brant e Renato Machado

BRASÍLIA A sessão do Congresso para votar a LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias) foi suspensa nesta terça-feira (11) por falta de acordo sobre a obrigatoriedade de pagamento de emendas de relator, em meio à pressão de partidos do centro e do centrão para manter o dispositivo no texto.

Durante a sessão, o relator, senador Marcos do Val (Podemos-ES), anunciou que suprimiria o dispositivo. A decisão gerou reação de congressistas, que pediram mais tempo para negociar a mudança.

Sem acordo, a reunião foi suspensa. A previsão é que seja retomada nesta terça-feira (12).

A pressão para manter o dispositivo vem de partidos como União Brasil e de legendas do centrão, como Republicanos. O presidente da CMO, Celso Sabino (União-PA), foi um dos que pediram mais prazo para analisar a mudança.

O dispositivo que Marcos do Val decidiu eliminar obriga a execução das programações incluídas ou acrescidas por emendas de relator. A retirada havia sido confirmada pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG).

A LDO tinha sido aprovada na CMO (comissão mista de Orçamento) em 29 de junho com o mecanismo que muda as regras para tornar a liberação das emendas de relator uma obrigatoriedade para o governo federal em 2023.

O artigo suprimido, impondo execução dessas emendas, tem apoio de líderes do centrão e foi formulado ante o cenário de favoritismo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na corrida presidencial. "O parecer do senador Marcos do Val, relator da LDO, suprimiu a questão da impositividade em relação às emendas de relator, emantando os demais critérios que haviam sido submetidos para a Comissão Mista do Orçamento", disse Pacheco.

Ele considerou o momento inoportuno para a criação dessa novidade no Orçamento.

Por causa da possibilidade de supressão, parlamentares começaram a pedir a votação de outros temas antes da LDO.

"Caso haja alteração no texto que está disponível, o União Brasil gostaria da reabertura do prazo para a apresentação de destaques", disse o deputado Celso Sabino.

Uma das possibilidades levantadas na sessão foi incluir critérios de distribuição dos recursos para torná-los mais transparentes, conforme defendido pelo deputado Marcelo Ramos (PSD-AM).

"O menor problema é a transparência. O maior problema é a falta de critério de distribuição. Vamos definir no relatório que as emendas de RP terão os mesmos critérios de distribuição que as emendas individuais e as de bancada, e aí, sim, definir impositividade", disse. "Agora, definirem impositividade numa emenda decidida de forma unilateral, não pelo relator, mas pelo presidente da Casa — pelo menos é assim a Câmara — ainda é um atitude republicana".

Pacheco, após a suspensão da sessão, disse que "é um grande desafio estabelecer todos esses critérios para que não haja dúvida em relação à participação isonômica dos parlamentares em relação a todas essas questões orça-



Senador Marcos do Val (Podemos-ES), relator da LDO. Geraldo Magela - 8.mar.19/Agência Senado

Como funcionam as emendas parlamentares

A cada ano, o governo tem que enviar ao Congresso até o final de agosto um projeto de lei com a proposta do Orçamento Federal para o ano seguinte.

Ao receber o projeto, congressistas têm o direito de direcionar parte da verba para obras e investimentos de seu interesse. Isso se dá por meio das emendas parlamentares.

EMENDAS INDIVIDUAIS

Apresentadas por cada um dos 594 congressistas. Cada um deles pode apresentar até 25 emendas no valor de R\$ 16,3 milhões por parlamentar (valor referente ao Orçamento de 2021). Pelo menos metade desse dinheiro tem que ir para a Saúde.

EMENDAS COLETIVAS

Subdivididas em emendas de bancadas estaduais e emendas de comissões permanentes (da Câmara, do Senado e mistas, do Congresso), sem teto de valor definido.

EMENDAS DO RELATOR-GERAL DO ORÇAMENTO

As emendas sob seu comando, de código RP9, são divididas politicamente entre parlamentares alinhados ao comando do Congresso e ao governo.

CRONOLOGIA

Antes de 2015

A execução das emendas era uma decisão política do governo, que poderia ignorar a destinação apresentada pelos parlamentares.

2015

Por meio da emenda constitucional 86, estabeleceu-se a execução obrigatória das emendas individuais, o chamado orçamento impositivo, com algumas regras:

- Execução obrigatória até o limite de 1,2% da receita corrente líquida realizada no exercício anterior
- Metade do valor das emendas destinado obrigatoriamente para a saúde
- Contingenciamento das emendas na mesma proporção do contingenciamento geral do Orçamento. As emendas coletivas continuaram com execução não obrigatória

2019

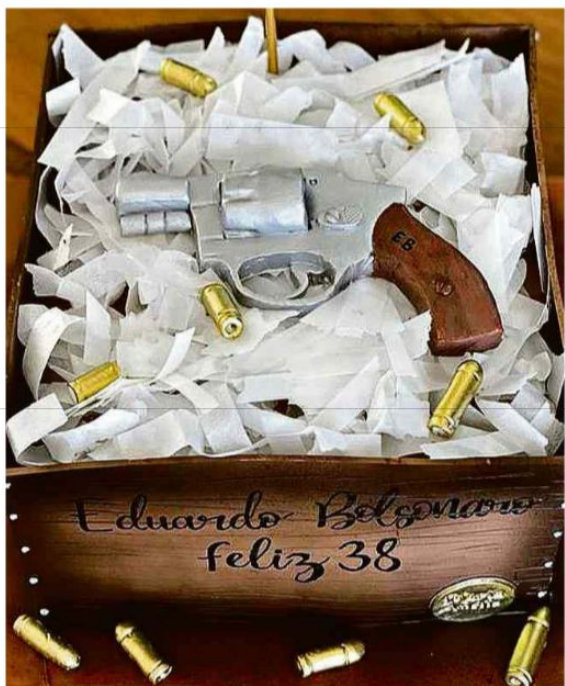
- O Congresso amplia o orçamento impositivo ao aprovar a emenda constitucional 100, que torna obrigatória também, além das individuais, as emendas de bancadas estaduais (um dos modelos das emendas coletivas)
- Metade desse valor tem que ser destinado a obras
- O Congresso emplaça ainda um valor expressivo para as emendas feitas pelo relator-geral do Orçamento, R\$ 30 bilhões
- Jair Bolsonaro veta a medida e o Congresso só não derruba o veto mediante acordo que manteve R\$ 20 bilhões nas mãos do relator-geral

mentárias e emendas individuais, emendas de bancadas, emendas de comissão, emendas de relator".

Segundo ele, o relator da LOA (Lei Orçamentária Anual), senador Marcelo Castro (MDB-PI), terá autonomia para estabelecer os critérios, mas o trabalho exige ouvir prefeitos e governadores.

"Todo mundo tem que participar dessa discussão e, a partir do momento que houver essa compreensão, que a participação do legislativo na formação do orçamento é algo positivo para o país, aí sim se poder pensar no futuro em impositividade de todas essas emendas."

EDUARDO BOLSONARO COMEMORA 38 ANOS COM BOLO DE REVÓLVER



Helena A. Bolsonaro no Instagram

No dia em que um militante petista foi morto por outro bolsonarista em Foz de Iguaçu (PR), o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) comemorou seu aniversário de 38 anos com um bolo decorado com uma arma. "Feliz 38, meu amor!", escreveu sua mulher, Heloisa, em uma rede social, junto a uma foto em que o casal aparece com a filha de ambos, de menos de dois anos de

idade, ao lado do bolo e de uma vela acesa. O bolo é enfeitado com um revólver calibre 38, referência à idade do deputado, e alguns projéteis. O filho do presidente é defensor de facilitar o acesso a armas para a população, e participou de uma manifestação sobre esse tema na Esplanada dos Ministérios no sábado (9). Ele não se manifestou sobre o crime na cidade paranaense.



A DEMOCRACIA É DEFENDIDA COM INFORMAÇÃO.

ASSINE A FOLHA DIGITAL COM 1 ANO DE DESCONTO:

Apenas R\$ 1,90/mês durante 3 meses

+ 9 meses por R\$ 29,90 - R\$ 9,90/mês

ASSINE AGORA PELO QR CODE

Cancele quando quiser



folha.com/apoieademocracia

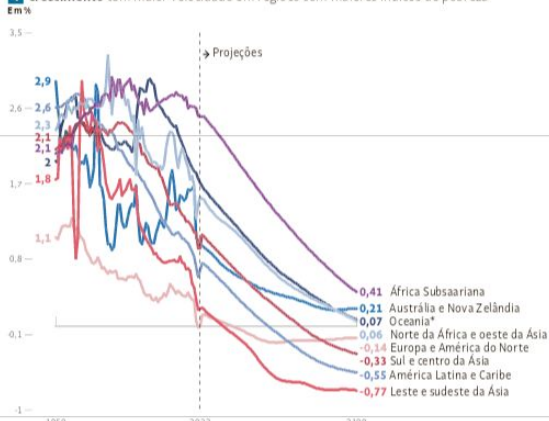
FOLHA
NÃO DA PRA NÃO LER

Rupak De Chowdhuri - 6 Jan 22/Reuters

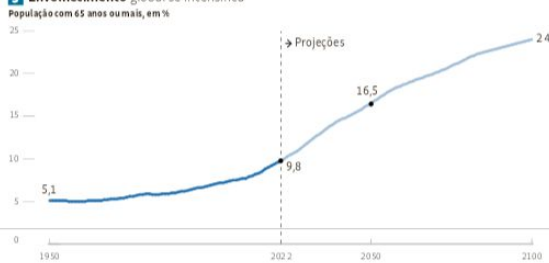
Mundo chegará a 8 bi de habitantes em 2022 e entrará em decréscimo populacional ainda neste século, diz ONU

*Exclui Austrália e Nova Zelândia. Fontes: World Population Prospects 2022 e demógrafo José Eustáquio Alves.

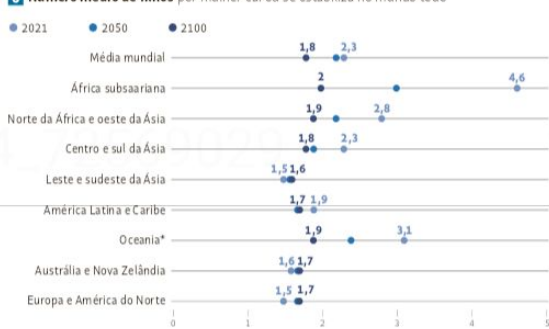
4 Crescimento tem maior velocidade em regiões com maiores índices de pobreza



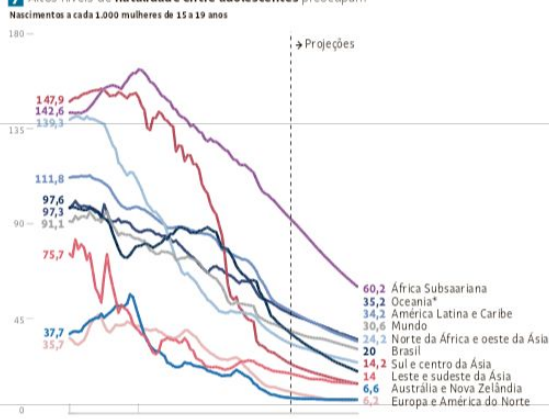
5 Envelhecimento global se intensifica



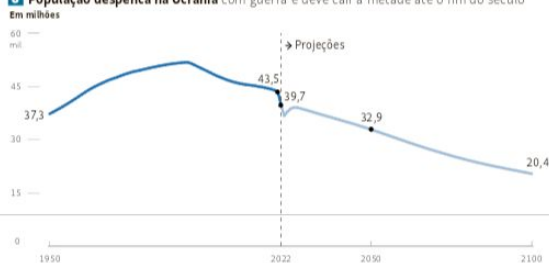
6 Número médio de filhos por mulher cai ou se estabiliza no mundo todo



7 Altos níveis de natalidade e entre adolescentes preocupam

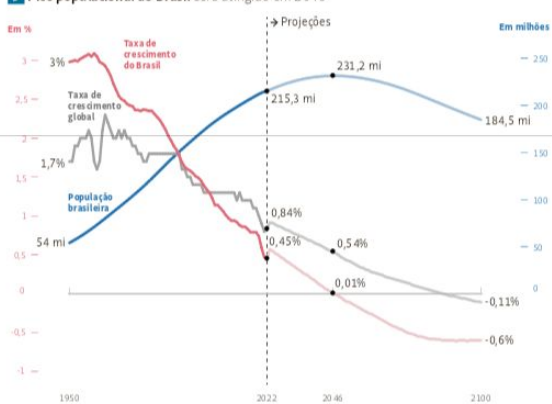


8 População despensa na Ucrânia com guerra e deve cair à metade até o fim do século

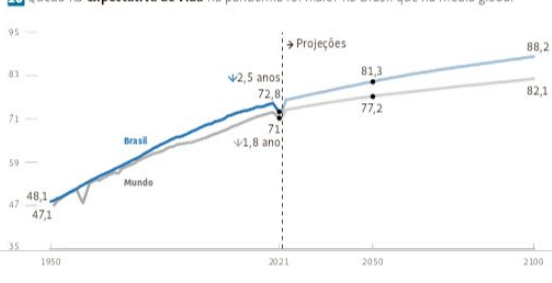


*Exclui Austrália e Nova Zelândia. Fonte: World Population Prospects 2022

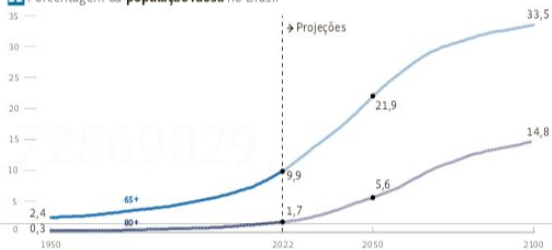
9 Pico populacional do Brasil será atingido em 2046



10 Queda na expectativa de vida na pandemia foi maior no Brasil que na média global



11 Porcentagem da população idosa no Brasil



Fonte: World Population Prospects 2022

Brasil perde posição para Nigéria e deve passar a 7º país mais populoso

SÃO PAULO O Brasil deve perder em breve o posto de sexta nação mais populosa do mundo. Com uma taxa de crescimento acelerada, a Nigéria vai ultrapassar o país ainda este ano, desbancando-o para a sétima posição no ranking mundial, de acordo com projeções de um novo relatório da ONU publicado nesta segunda-feira (11).

Calcula-se que o Brasil chegará ao final de 2022 com 215,3 milhões de habitantes. Já o país da costa oeste da África alcançará 218,5 milhões de habitantes. Chama a atenção o ritmo de crescimento nigeriano, que há 50 anos tinha uma população equivalente a cerca de 66% da do Brasil no mesmo período.

Os números compõem o relatório World Population Prospects, cuja edição deste ano traz estimativas inéditas que levam em conta a pandemia de Covid-19 e fatores como a Guerra da Ucrânia. Para o Brasil, o documento ajuda a preencher uma lacuna de dados deixada pela ausência do Censo Demográfico, adiado por dois anos consecutivos — a última edição do levantamento nacional é a de 2010, e a de 2012 está prevista para começar em 1º de agosto.

O Brasil deve atingir seu pico populacional em 2046, com 231,1 milhões de habitantes e, então, entrar em decréscimo, chegando ao final do século com cerca de 184,5 milhões — 14% a menos do que tem atualmente.

Assim, o país chegará em 2100 fora da lista das dez nações mais populosas do mundo, desbancado por República Democrática do Congo, Etiópia, Indonésia, Tanzânia e Egito e figurando na 11ª posição, seguido pelo arquipélago das Filipinas.

Como uma consequência da crise sanitária provocada pelo novo coronavírus, o país assistiu à diminuição da expectativa de vida, fenômeno que ocorreu em todo o mundo. No Brasil, porém, essa queda foi maior. De 75,3 anos em 2019, a expectativa para os brasileiros foi a 72,8 no ano passado (redução de 2,5 anos). Globalmente, a redução média foi de 1,8 ano (de 72,8, foi para 71 anos).

Assim como no mundo, porém, o número tende a ser recuperado — no caso brasileiro, esse movimento deve ocorrer já a partir de 2023. As projeções, aliás, mostram que o país pode chegar a 2050 com uma expectativa de 81,3 anos. Cem anos antes, em 1950, quando o monitoramento passou a ser feito, calculava-se que o brasileiro viveria, em média, 48 anos.

Seguindo tendência demonstrada no relatório anterior das Nações Unidas, de 2019, antes da pandemia, o documento atual mostra que o ritmo de crescimento da população brasileira corresponde a quase metade do da média global — 0,45% ao ano, contra 0,84%. Daí o fato de a população do país entrar em

decréscimo quatro décadas antes do que o previsto para a população mundial.

Já a Nigéria, para efeitos de comparação, registra uma média anual de crescimento de 2,3% e deve mais que dobrar de tamanho até o final do século, chegando a 546 milhões de habitantes e ocupando o terceiro lugar no ranking de mais populosos, atrás de Índia e China.

Um dos fatores que explicam as projeções para o decréscimo populacional no Brasil é a diminuição do número de filhos em relação à quantidade de mulheres. Em 2022, para cada mulher, nasce uma média inferior a duas crianças (1,6), uma cifra que tende a se manter até o final deste século. Há 60 anos, esse número era de 6 nascimentos para cada brasileira.

O recém-lançado relatório mostra ainda o aceleração do envelhecimento da população. Enquanto em 1950 só 2,4% dos brasileiros tinham mais de 65 anos, esse número chega próximo a 10% em 2022 e deve superar um terço da população brasileira até o fim deste século, com 33,5% de idosos.

O crescimento é ainda maior no recorte de pessoas acima de 80 anos. Hoje esse grupo representa apenas 1,7% da população brasileira, mas o dado deve ter um salto de quase oitocentas vezes a 14,8% da população no final do século. **Mayara Paixão, Thiago Amâncio e Tatiana Harada**

mundo guerra da ucrânia



Militares observam prédio de apartamentos atingido por ataque de mísseis russos em Kharkiv, segunda maior cidade da Ucrânia

Nacho Duce/Reuters

Ucrânia afirma ter 1 milhão de militares para reconquistar sul

Analistas veem com ceticismo declarações sobre contra-ataques em regiões do país tomadas pelas forças russas

GUARULHOS A Ucrânia tem dado cada vez mais sinais de que pretende iniciar uma contra-ofensiva no sul de seu território, área hoje majoritariamente controlada pela Rússia. O aviso mais recente veio neste fim de semana por meio do ministro da Defesa Oleksii Reznikov. "Temos cerca de 1 milhão de homens para defender o sul", afirmou ele.

A fala, em entrevista ao jornal britânico The Times, foi interpretada com ceticismo por analistas militares, mas vem na esteira de outras declarações que pedem aos residentes da região

que partam dali, citando que contra-ataques são iminentes. Kherson, uma das principais cidades portuárias do país, foi a primeira a cair sob o controle de Moscou, ainda no início do conflito, no final de fevereiro. O ministro Reznikov alega que, com ordens do presidente Volodimir Zelenski, a prioridade é retomar áreas ocupadas ao redor da costa do mar Negro, vitais para a economia ucraniana.

"O presidente deu ordem ao chefe militar para elaborar planos e, depois disso, o Estado-Maior está fazendo sua lista de casa", afirmou. O

ministro disse estar entrando em contato com homologos de outros países para explicar o objetivo e pedir, é claro, o envio de mais armamentos.

O ceticismo de analistas militares, no entanto, sustenta-se em dois motivos principais. Primeiro, o fato de que seria incomum dos lados do conflito armado falar reiteradamente em ações pontuais de contraofensiva, uma vez que isso daria tempo para a reorganização dos oponentes.

"O normal seria querer que o lançamento de um contra-ataque fosse surpresa", disse à rede BBC Jack Watling, pes-

138º dia de incursões da Rússia na Ucrânia

- Reivindicado por separatistas, mas sob domínio da Ucrânia
- Controlado por separatistas e reconhecido como independente por Moscou
- Ocupado por tropas russas
- Cidades tomadas pela Rússia
- Contra-ataque ucraniano
- Anexada pela Rússia em 2014
- Combates intensos



A europeus aliado de Lula defende China como mediadora

Bruno Boghossian e Ricardo Della Coleta

BRASÍLIA Principal conselheiro do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para assuntos internacionais, o ex-chanceler Celso Amorim se reuniu no último dia 28 com um grupo de diplomatas europeus para apresentar o que seriam as linhas gerais da política externa de um terceiro mandato do petista no Brasil.

Amorim viajou a Brasília para participar de uma reunião organizada pela representação diplomática da França, comandada pela embaixadora Brigitte Collet. Além dos franceses, participaram o chefe da delegação da União Europeia no Brasil, Ignacio Ibáñez, e representantes das demais missões europeias. A conversa se deu num contexto em que Lula lidera as pesquisas de intenção de voto, com 10 pontos de vantagem sobre Jair Bolsonaro (PL), segundo o último levantamento

do Datafolha. Alguns governos europeus — notadamente de Paris, anfitrião do encontro — têm ainda um histórico de conflitos com o atual chefe do Executivo. Procura, a embaixada da França no Brasil não quis se manifestar.

De acordo com relatos feitos sob reserva, o ex-ministro das Relações Exteriores iniciou sua apresentação ressaltando que não é dirigente do PT e que não participou da elaboração das diretrizes do plano de governo de Lula. Portanto, não falaria em nome do ex-presidente ou da campanha dele à reeleição.

Avaliação entre os presentes, no entanto, é de que Amorim será uma das vozes mais ouvidas pelo petista em temas internacionais num eventual novo governo — não importa quem esteja no comando da pasta das Relações Exteriores.

Um dos pontos debatidos com os europeus foi a Guerra da Ucrânia, tema central na agenda da União Europeia,

que apoia a resistência militar liderada pelo líder ucraniano, Volodimir Zelenski, contra a Rússia — mesmo em meio a tensões e sinais de cansaço.

Em março passado, uma entrevista de Lula à revista Time causou mal-estar, depois de o petista dizer que o líder ucraniano era tão responsável pela situação quanto o presidente russo, Vladimir Putin, e que EUA e União Europeia estimularam o conflito na região.

Ainda segundo os relatos, na reunião Amorim afirmou que a Rússia precisa ser criticada por ter cruzado uma linha vermelha ao invadir um território sem autorização das Nações Unidas, mas classificou de "extremamente perigoso" a estratégia do Ocidente de debilitar Moscou por meio de sanções econômicas — o presidente Bolsonaro também já criticou o mecanismo.

Participantes do encontro disseram à **Folha** que Amorim argumentou que é necessário ter uma dose de "realis-

Bolsonaro diz que falará com líder ucraniano no dia 18

O presidente Jair Bolsonaro (PL) disse nesta segunda (17) que irá ligar para seu homologo ucraniano, Volodimir Zelenski, no dia 18. Será a primeira conversa do brasileiro com o líder de Kiev desde o início da guerra. A informação foi dada após encontro com a presidente húngara, Katalin Novák, em Brasília — no qual, nas palavras dele, foram "troçadas algumas observações sobre o conflito que acontece ali próximo à Hungria, à questão da Rússia e Ucrânia". Bolsonaro lembrou que já falou por telefone com o russo Vladimir Putin, no final de junho. Ele ainda viajou a Moscou dias antes do início do conflito, em fevereiro.

mo político" e encontrar um mediador com poder de persuasão sobre os dois lados. Papel, segundo ele, que poderia ser desempenhado pela China. Pequim firmou, antes do conflito, uma "parceria sem limites" com a Rússia, em um movimento criticado pelos EUA, que travam com o país asiático uma Guerra Fria 2.0.

Os presentes também quiseram saber a opinião do ex-chanceler sobre o acordo firmado entre UE e Mercosul. Assinado em 2019, o tratado está bloqueado principalmente devido às críticas de europeus como a França à agenda de Bolsonaro para o ambiente. Para o governo brasileiro, a posição de Paris é tachada como protecionismo agrícola.

Os europeus estavam apreensivos por declarações recentes de Lula. Em uma viagem ao continente em novembro, o petista defendeu a reformulação do acordo comercial.

Segundo pessoas na plateia, Amorim moderou essa

quisador do think tank Royal United Services Institute. "Anunciar isso publicamente força os russos a comprometer mais recursos para conter essa ameaça", completou etc.

Outro fator são os esforços que Kiev tem despendido no leste do território, na porção conhecida como Donbass, onde os ataques estão concentrados. A necessidade de forças deslocadas ao leste faz os números apresentados pelo ministro da Defesa parecerem inflados para uma contraofensiva em outra região, o sul.

O titular da pasta, porém, apelou à matemática. "Temos aproximadamente 700 mil [homens] nas Forças Armadas; adicionados à Guarda Nacional, à guarda da fronteira e à polícia, somos cerca de 1 milhão", disse Reznikov ao Times.

Para resistir à invasão russa, as forças ucranianas têm se apoiado em ativistas e voluntários, alguns dos quais treinados por membros do Batalhão Azov, grupo neonazista parcialmente incorporado ao Exército meses antes da guerra estourar. São vários os casos de combatentes do exterior que se ofereceram para ajudar o país — brasileiros chegaram a morrer no front.

O país chegou a criar uma unidade militar para abrigar voluntários estrangeiros, conhecida como Legião Internacional de Defesa da Ucrânia, que possibilita fazer um cadastro online. Damien Magrou, porta-voz da unidade, alertou nesta segunda-feira (11) para a desvantagem do país em relação à Rússia. Segundo disse à agência Reuters, na comparação entre as artilharias de Moscou e de Kiev a proporção é de oito para um.

Do lado russo também há um desafio nesse sentido. A inteligência ucraniana, de acordo com relatório do Instituto para o Estudo da Guerra, um think tank baseado nos Estados Unidos, afirma que Moscou tem recorrido com frequência a empresas militares privadas para aumentar o número de recrutas e compensar perdas de pessoal na guerra.

O principal caso é o Grupo Wagner, sobre o qual o governo de Vladimir Putin nega ter conhecimento. A inteligência ucraniana afirma que o grupo tem recrutado prisioneiros russos, independentemente da natureza dos crimes que tenham cometido, e oferecido anistia de suas penas em troca do serviço militar.

O mapa do controle russo no território ucraniano permite observar uma faixa que se estende do noroeste ao sul do país. Ponto importante seria a tomada de Kharkiv, a segunda maior do país, localizada a norte do Donbass. Autoridades locais disseram que a cidade foi atingida por mísseis de Moscou nesta segunda, deixando três civis mortos.

fala: defendeu que o tratado precisa passar por "reflexões e ajustes" que preservem condições para o desenvolvimento industrial e tecnológico dos membros do Mercosul.

Ele ainda fez o alerta de que não pode haver pressão, defendendo que o acordo não seja assinado antes do início de um eventual novo governo — o argumento é de que um texto assinado na gestão Bolsonaro teria "vício de origem".

Ex-ministro abordou ainda pleitos históricos do Itamaraty, como o de uma reforma no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Segundo Amorim, a estrutura do colegiado não tem sido eficaz para a resolução de desafios globais.

Amorim detalhou sua visão sobre o papel da Europa para o Brasil, afirmando que o bloco europeu tem um papel estratégico no cenário global, podendo servir como ponto de equilíbrio num mundo cada vez mais dividido pela disputa entre os EUA e a China.

Dois terços dos democratas rejeitam reeleição de Biden

Só 13% dos americanos veem EUA no rumo certo, indica pesquisa do NYT

SÃO PAULO Uma pesquisa divulgada nesta segunda-feira (11) pelo jornal The New York Times reforçou a medida de descontentamento com a gestão do presidente democrata Joe Biden —inclusive dentro de seu partido.

O levantamento do veículo, realizado em parceria com o Siena College, indica que, entre os eleitores do Partido Democrata, só 26% afirmam estar de acordo com a gestão de Biden.

Os outros 74% afirmam esperar que a legenda tenha outro nome na disputa do cargo, possivelmente contra o republicano Donald Trump. Biden, 79, já disse que pretende buscar um segundo mandato.

A crise de imagem se reflete em uma sensação de pessimismo, com só 13% das pes-

soas entrevistadas dizendo ver o país no rumo certo. O número é o mais baixo na série do New York Times desde 2008, época do auge da crise financeira global, no final da gestão do republicano George W. Bush. É o sentimento generalizado, quando se analisam os recortes por região do país, idade, cor da pele e preferência partidária (os EUA estão no melhor caminho para só 27% dos democratas).

O dado reforça ainda levantamento recente feito pelo instituto Ipsos, no qual 71% dos americanos entrevistados disseram considerar que o país está na direção errada.

Outros números da pesquisa New York Times/Siena evidenciam o mau momento de Biden, que em 18 meses no cargo teve poucos avanços no

Congresso, viu a Suprema Corte proferir uma série de decisões adversas para suas plataformas e não conseguiu resolver o aumento da inflação.

A taxa de aprovação de seu mandato chegou a apenas 33% —a média dos levantamentos nacionais na semana passada era de 38,9%, a menor desde o início da gestão Biden. Mesmo considerando os partidários do presidente o índice é visto como mais baixo que o esperado, próximo de 70%, e entre os que se veem como independentes dois terços desaprovam o atual governo.

Pensando em 2024, 32% dos democratas citam o desempenho ruim de Biden como fator central para preferir outro candidato do partido nas eleições. Por uma diferença de um ponto percentual, o mo-

33%

é a taxa de aprovação do governo do democrata Joe Biden, segundo levantamento do New York Times em parceria com o Siena College

32%

dos democratas citam o desempenho ruim do presidente como fator central para preferir outro candidato do partido na disputa de 2024

tivo só perde para a idade do presidente, o mais velho a ocupar o cargo. Um em cada oito alegou querer alguém novo, e um em cada dez o vê como não progressista o suficiente.

"Quero sangue mais jovem. Estou cansada de gente velha mandando no país, não quero [no poder] alguém com o pé na cova", disse ao jornal americano a professora Nicole Parrier, 38, que votou em Biden na eleição de 2020 e hoje manifesta preocupações com a elevação do custo de vida. "Eu tinha um estilo de vida confortável, mas passei para uma situação em que não posso mais pagar praticamente nada", diz.

Segundo a pesquisa, 20% das pessoas veem o desemprego e a economia como principais problemas dos EUA hoje, à frente justamente da inflação e do custo de vida (15%). Considerando esse cenário, em que ainda 75% dos americanos disseram que a economia é um tema "extremamente importante", 50% descrevem a situação nos termos como excelente na gestão Biden.

A evidência mais candente disso é a alta de preços, hoje na faixa de 8,6% ao ano e especialmente perceptível nos postos de combustíveis: a ga-

solina custa, em média, US\$ 5 (R\$ 26,60) o galão, quando em janeiro a média de preço nos postos era de US\$ 3,40 (R\$ 18).

Voltando à lista dos principais problemas do país, 10% apontam o estado da democracia e a polarização, mesmo índice dos que citam as políticas de armas. Os Estados Unidos vêm de uma série de ataques a tiros, e Biden reforça sua posição de porta-voz em defesa de maior controle no acesso a armas —ainda que o tema enfrente oposição feroz de republicanos, alguns avanços foram conquistados nas últimas semanas.

A situação delicada de Biden é especialmente preocupante para o Partido Democrata porque em novembro haverá eleições para renovar o Congresso. As projeções mais recentes indicam a chance de uma ampla vitória republicana no pleito. Análise do site FiveThirtyEight aponta que a oposição tem 87% de chances de obter a maioria e assumir o controle da Câmara e 55% de fazer o mesmo no Senado.

A pesquisa NYT/Siena ouviu por telefone 849 eleitores americanos em todo o país entre 5 e 7 de julho. A margem de erro é de 4,1 pontos.

SRI LANKA MARCA ELEIÇÃO APÓS INVASÃO DE RESIDÊNCIA FORÇAR RENÚNCIA DE PRESIDENTE



Dinuka Liyanawatte/Reuters

O Parlamento do Sri Lanka agendou para o próximo dia 20 a eleição indireta de um novo presidente após o chefe do Legislativo anunciar a renúncia de Gotabaya Rajapaksa, cuja casa foi invadida (na foto) em meio a protestos furiosos no sábado (9) contra a crise econômica e o governo. O líder da oposição, Sajith Premadasa, cujo partido detém 54 dos 225 assentos do Legislativo, afirmou que a sigla está pronta para assumir o governo, estabilizar o país e reconstruir as finanças.

O primeiro-ministro Ranil Wickremesinghe afirmou que também vai se demitir. Líderes dos manifestantes afirmaram que as multidões ocuparão as residências do presidente e do premiê em Colombo até que ambos deixem o cargo. No fim de semana, os ativistas pularam na piscina, descansaram em camas e experimentaram os sofás da suíte da residência de Rajapaksa. A polícia não fez nenhuma tentativa de intervir e afirmou ter recebido 17,85 milhões

de rupias (cerca de R\$ 265 mil) em cédulas encontradas no imóvel por manifestantes. Um vídeo dos jovens contando o dinheiro viralizou nas redes. Rajapaksa e Wickremesinghe não estavam nas casas quando foram invadidas e não são vistos em público desde sexta (8). Autoridades disseram à AFP que o presidente havia sido levado para instalações da Marinha e nesta segunda (11) foi transferido a uma base aérea perto do aeroporto, o que alimenta boatos de uma fuga para o exterior.

Sucessor de Boris no Reino Unido será anunciado em 5 de setembro, diz partido

LONDRES | REUTERS E AFP Quatro dias depois da confirmação da saída de Boris Johnson do cargo de primeiro-ministro do Reino Unido, o Partido Conservador informou nesta segunda (11) que o substituto será anunciado em 5 de setembro. Boris permanece no cargo até a definição do sucessor.

A escolha será feita entre dois nomes, selecionados em um processo acelerado de votações que visa a reduzir o leque de 11 candidatos declarados até agora. O atual premiê não deve apoiar nenhum.

As regras para a escolha do novo premiê foram definidas nesta segunda. Os postulantes

vão se submeter a um processo de seleção que envolve votações no chamado Comitê 1922. Em cada rodada, os menos votados deixam a disputa, até que restem dois nomes.

As primeiras eliminações devem acontecer já nesta quarta-feira (13), com os candidatos tendo de angariar o apoio de ao menos 20 parlamentares de um total de 358 do partido para avançar. Na quinta-feira (14), serão necessários pelo menos 35 votos.

Mais rodadas eliminatórias acontecerão na semana que vem, até que os dois últimos concorrentes sejam escolhidos. Integrantes do Co-

mitê 1922 dizem esperar definir os postulantes até 21 de julho, quando o Parlamento britânico entra em recesso.

Na última fase, em data ainda a ser definida, os cerca de 200 mil membros do Partido Conservador podem votar. O vencedor, então, passa a ser o líder da legenda e também o novo premiê do Reino Unido.

"Temos que garantir um tempo razoável antes que o resultado seja anunciado", disse Graham Brady, presidente do comitê responsável por organizar a votação dos Conservadores. "Estou muito interessado em concluir isso da maneira mais suave, limpa e rápi-

dapossível", completou Brady.

Pesquisa do instituto YouGov da semana passada mostrou que o favorito para suceder Boris era Ben Wallace, atual secretário de Defesa —queno fim de semana rejeitou a possibilidade. Penny Mordaunt, que também chefiou a pasta e se lançou candidata, aparece em segundo lugar.

Após uma avalanche de crises ao longo do mandato e abandonado inclusive por aliados, Boris anunciou sua renúncia na quinta passada (7). A decisão foi tomada em meio a uma ebulição no governo. Antes, mais de 30 parlamentares, ministros e assessores

renunciaram, incluindo dois dos membros mais experientes da gestão, Rishi Sunak e Sajid Javid, secretários de Finanças e Saúde, respectivamente.

Agora candidato ao cargo de premiê, Javid criticou o que chamou de "focos venenosos" e "memorandos de ataque" que teriam sido feitos por alguns colegas no fim de semana. "Isso não é 'House of Cards' ou 'Game of Thrones' [séries de TV]; as pessoas que estão aqui só porque gostam do jogo estão no lugar errado", disse. "É um momento de união, não de separação."

Quase todos os candidatos prometem grandes cortes de impostos para conquistar o apoio dos parlamentares —caso da secretária de Relações Exteriores Liz Truss, do ex-secretário Jeremy Hunt, de Javid e Mordaunt, cada um ci-

tando um número diferente.

O ex-secretário de Finanças Sunak minimizou a perspectiva de cortes de impostos e disse que a medida não passa de um "conto de fadas reconfortante" que deixaria as gerações futuras em situação pior.

O Reino Unido enfrenta disparada da inflação, dívida alta e baixo crescimento econômico, com a população lidando com o maior aperto financeiro em décadas. O cenário é agravado pela crise de energia exacerbada pela Guerra na Ucrânia, que aumentou os preços dos combustíveis.

Na questão da imigração, os principais candidatos à liderança prometem manter a política de governo de enviar imigrantes que entram no país de forma irregular para Ruanda. A justificativa oficial é dificultar o tráfico humano.

mercado

Aprendiz mais novo e com menos instrução perde espaço nas empresas

Lei deixa de cumprir sua função social e produtiva, diz especialista; MP de Bolsonaro agrava cenário

Douglas Gavras

SÃO PAULO As contratações de aprendizes pelas empresas na última década passaram a privilegiar jovens com escolaridade de mais alta, excluindo cada vez mais os adolescentes mais novos e menos instruídos.

Segundo levantamento exclusivo do desenvolvimento Social, a partir da Rais (Relação Anual de Informações Sociais), a participação de adolescentes menores de 18 anos era de 65% do total de contratados na modalidade de aprendiz em dezembro de 2010. Esse percentual caiu para 33,5% em dezembro de 2020.

Ao mesmo tempo, os aprendizes com ensino médio completo ocupavam 19,5% das vagas em 2010, passando para 43% em 2020. Outros 43,8% são de aprendizes com ensino médio incompleto, e apenas 13,2% estavam no ensino fundamental. As estimativas apontam que há, atualmente, cerca de 500 mil aprendizes contratados no país.

Com esse cenário, a Lei da Aprendizagem, criada há mais de duas décadas para ser porta de entrada de milhares de adolescentes e jovens no mercado de trabalho e um mecanismo de inclusão, tem deixado de cumprir sua função social e produtiva, aproximando-se de uma modalidade de estágio, diz Elvís Cesar Bonassa, diretor da Kairos.

A legislação estabelece uma relação de prioridades para a contratação de aprendizes vulneráveis, como adolescentes e jovens de baixa renda, egressos de medidas socioeducativas e do trabalho infantil, que estejam em acolhimento institucional e pessoas com deficiência.

"A ideia é fazer do programa uma inclusão social e produtiva. Para outros casos, há opções de estágio e oportunidades de primeiro emprego. A lei é focada na inclusão social, que foi progressivamente abandonada pelas empresas",

Bonassa acrescenta que, quando se olha o perfil social de adolescentes que moram

em áreas de vulnerabilidade, o perfil de escolaridade já costuma ser mais baixo. Quanto mais jovem e com menor formação, maiores são as chances de um aprendiz ser vulnerável. "Muitas empresas têm investido em práticas de ESG [de governança ambiental, social e corporativa], mas, quando se trata da questão de jovens vulneráveis, elas preferem financiar um projeto social qualquer em áreas pobres, que não gera renda para os adolescentes, a trazer esses jovens para a estrutura delas", afirma.

A aprendizagem profissional permite unir políticas de trabalho e emprego, educação e assistência social, por meio do atendimento dos adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, inserção dos que estavam fora da escola e da qualificação profissional, diz Tatiana Gomes Puroto, gerente socioeducativa do Centro Sesi-DF do Adolescente (Cesam-DF). Quem teve a vida transformada pelo programa foi Klismann Alves, 23, ex-aprendiz em uma atacadista de São Paulo e que hoje trabalha em um hospital de grande porte na capital paulista. "Fiquei subemprego do programa pelo Instagram e comecei trabalhando como operador de caixa, aos 19 anos. Foi a primeira experiência como funcionário fixo, e assim pude me desenvolver para alcançar meu objetivo, de trabalhar na área de saúde".

Com a remuneração, conseguiu pagar por cursos complementares e hoje cursa graduação em ciências contábeis. "Algumas empresas de grande porte deveriam estar com esse pensamento de colocar jovens aprendizes para dar oportunidade para quem está começando", diz o auxiliar de atendimento.

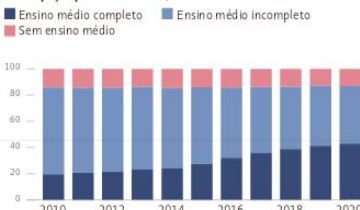
Parte das empresas também tem adotado processos seletivos que acabam dificultando a entrada dos aprendizes mais vulneráveis, dizem entidades que fazem a intermediação entre jovens e empresas.

A mediação entre as duas

Aprendizagem mais seletiva

Cai percentual de adolescentes sem ensino médio nas empresas

Participação por escolaridade, em %



Participação por escolaridade, em %



Fonte: Rais, com cálculos da Kairos

“Quando se trata da questão de jovens vulneráveis, as empresas preferem financiar um projeto social qualquer em áreas pobres, que não gera renda para os adolescentes, a trazer esses jovens para a estrutura delas”

Elvís Cesar Bonassa
diretor da Kairos

pontas se dá via organizações qualificadoras. Segundo a Febraeda (Federação Brasileira de Associações Socioeducacionais de Adolescentes), as entidades do Sistema S, como Senai e Senac, contribuem com cerca de metade dos aprendizes em atividade; a outra metade vem de outras associações sem fins lucrativos.

"Existem problemas de aprendizagem na área da indústria que são específicos para quem tem mais de 18 anos e que não atendem ao público vulnerável, mas as entidades sem fins lucrativos atendem", diz o presidente da federação, Antônio Pasin.

O perfil social dos alunos do Senai é de renda mais baixa do que o da média da escola pública. Defendemos que as regras de aprendizagem te-

nam justiça social, mas isso se dá em bases sustentáveis", afirma o diretor-geral do Senai, Rafael Lucchesi.

"É um absurdo pegar um jovem e ensinar para ele uma atividade de faz de conta. Mas que tipo de empoderamento tem quem aprende a ser contínuo ou a empacotar compras no supermercado? Ele vai ter um efeito na renda benefício, mas, ao fim do programa, estará no mesmo nível de capital humano em que entrou".

Segundo o IBGE, os brasileiros de 18 a 24 anos recebem, em média, R\$ 1.452 mensais, quase a metade da renda média dos demais trabalhadores.

"Existem organizações com abrangência nacional e também organizações capilares da sociedade civil, que realizam o mesmo tipo de trabalho, mas com um diferencial: estão inseridas no território tanto da empresa quanto do jovem", diz Terezinha Ongaro Monteiro de Barros, presidente da organização SHD (Sociedade Humana Despertar), que atua na educação produtiva.

Ela enfatiza que a Lei do Aprendiz é o único dispositivo legal que versa sobre a empregabilidade do jovem. "No mundo ideal, a sociedade civil deixaria de consumir produtos de empresas que não cumprissem as cotas estabelecidas por lei ou atuando com responsabilidade social e ambiental".

De acordo com especialistas, mesmo que resultados da Rais que já captam o período após o início da pandemia ainda não estejam disponíveis, é possível afirmar que a crise sanitária agravou a redução de aprendizes mais vulneráveis nas empresas.

"Estamos nesse negócio desde 2003 e ele vinha crescendo, até a pandemia. Depois da crise sanitária, o nosso número de aprendizes caiu de 85 mil para 65 mil", diz Humberto Casagrande, superintendente geral do Ciec (Centro de Integração Empresa-Escola). "Os contratos iam vencendo e as empresas não renovavam, ficaram inadimplentes com a

lei em razão da pandemia."

Segundo Casagrande, os jovens são selecionados pelas empresas, e a associação faz a inscrição, organiza o banco de dados que as empresas usam para buscar um aprendiz. "Uma parcela das empresas tem uma visão errada do que é um aprendiz, querem pegar o jovem já pronto".

A Lei do Aprendiz obriga que empresas de médio e grande porte reservem vagas para adolescentes e jovens de 14 a 24 anos e pessoas com deficiência (sem limite de idade). A cota de aprendizes vai de 5% a 15% do quadro de funcionários.

Em maio, o governador Jair Bolsonaro (PL) publicou a MP 1.116, do Programa Emprego Mulheres e Jovens, que flexibilizou as regras das cotas de aprendizes.

A mudança dificulta a inserção de jovens vulneráveis no mercado de trabalho, segundo entidades ligadas ao tema. Uma das alterações determina, por exemplo, que cada jovem aprendiz vulnerável passe a contar em dobro.

Além disso, um aprendiz que seja contratado posteriormente pela empresa, em caráter definitivo, continua contando no cálculo das cotas por 12 meses.

O Jovem Aprendiz já vinha sendo debatido em uma comissão especial da Câmara desde dezembro, e a previsão era que o parecer seria apresentado em junho. Com a MP, o trabalho precisará ser refeito.

O prazo para que a MP seja convertida em lei é setembro. Quando ela for publicada, o deputado Marco Bertioli (PSD-SP), relator da Comissão Especial do Estatuto do Aprendiz, se comprometeu a retirar esses e outros pontos no relatório do Estatuto do Aprendiz. "As alterações propostas nessa MP são muito ruins, elas desvirtuam o papel da aprendizagem no Brasil de uma forma muito séria", criticou Bertioli à época.

"A gente tem uma legislação que acaba criando imposições às empresas e não gera ganhos objetivos do ponto de vista assistencial", rebate Lucchesi, do Senai. Ele avalia que a MP está alinhada com o que a OIT (Organização Internacional do Trabalho) recomenda e deve aumentar o interesse das empresas pelos aprendizes.

Procurado para comentar os efeitos da MP na contratação de aprendizes vulneráveis, o Ministério do Trabalho não respondeu.

Pessoas procuram restos de alimentos em caminhão de lixo no Rio

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO Um grupo de pessoas foi flagrado procurando restos de alimentos em um caminhão de coleta de lixo na tarde desta segunda-feira (11) na cidade do Rio de Janeiro. A cena foi registrada pelo fotógrafo Onofre Veras. Em uma imagem, é possível ver cinco pessoas buscando comida em meio ao lixo armazenado no caminhão.

Conforme Veras, a cena ocorreu por volta das 14h na rua do Rezende, região central. O veículo recolhia alimentos que teriam sido descartados por um supermercado.

Com o avanço da inflação e a perda de renda dos brasileiros, cenas como essa ganharam repercussão ao longo da pandemia no país.

Em 2021, um caminhão passou a distribuir ossos e restos de carne na zona sul para moradores que tinham fome e não possuíam dinheiro suficiente para comprar alimentos.

Outras metrópoles também registraram filas em busca de doações de restos de ossos de boi durante a crise. Atualmente, 33 milhões de pessoas passam fome no país, apontou o "Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil,



Pessoas recolhem alimentos de caminhão de lixo na região central do Rio

Onofre Veras/TheNews/ Agência O Globo

divulgado em junho. O contingente é similar ao registrado 30 anos atrás. Em 1999, eram 32 milhões nessa situação.

Em 2021, 0,5% mais pobres do país viviam a renda mensal domiciliar per capita (por pessoa) de R\$ 39 em média. O tombo foi de 33,9% ante 2020 (R\$ 59), o mais intenso entre as camadas da população investigadas em uma

pesquisa do IBGE, a Pnad Continua. Rendimento de Todas as Fontes 2021.

Como mostrou reportagem da Folha, os R\$ 39 não eram suficientes para comprar duas unidades dos famosos pratinhos de carne de primeira por mês em uma metrópole como São Paulo.

Outro levantamento, das

Nações Unidas, aponta que 61,3 milhões convivem com algum tipo de insegurança alimentar no país, sendo que 15,4 milhões se encontravam em insegurança alimentar grave, passando fome, no período de 2019 e 2021.

Segundo a organização, o estado de insegurança alimentar moderada ocorre quando as pessoas enfrentam incerte-

zas sobre sua capacidade de obter alimentos e são forçadas a reduzir, algumas vezes durante o ano, a qualidade ou quantidade de alimentos que consomem.

Já a insegurança alimentar grave ocorre quando, em algum momento durante o ano, as pessoas ficaram sem comida e passaram fome por um dia ou mais.



Ao Financial Times Lula diz que 'vai para o céu' se resolver fome e pobreza

O pré-candidato à Presidência Luiz Inácio Lula da Silva (PT) afirmou ao jornal britânico Financial Times que, caso vença as eleições de outubro, sua prioridade imediata será melhorar as condições sociais do Brasil. Quando o veículo lhe perguntou se ele poderia matar os demônios da fome e da pobreza, o ex-presidente respondeu que, se conseguir esse feito, ele "vai para o céu". Na entrevista, o petista falou que é comprometido com a responsabilidade fiscal e destacou que credibilidade, previsibilidade e estabilidade são as três "palavras mágicas" no exercício de governar.

Publicada nesta segunda-feira (11), a reportagem do veículo britânico diz que, para o empresário, a questão central é entender qual versão de Lula estaria no poder. Se "o pragmatismo econômico de seus primeiros anos" ou "o intervencionista mais ideológico que surgiu no segundo mandato".

Inadimplência bate recorde com 66,6 milhões de pessoas, afirma Serasa

Na comparação com maio de 2021, 4 milhões de nomes entram na lista de negativados; inflação e juros impulsionam atrasos

Lucas Bombarda

SÃO PAULO Em um cenário de juros e inflação rodando em níveis elevados no país, e com uma atividade econômica com dificuldades para engatar, as pessoas com contas em atraso têm alcançado patamares recorde.

Dados do Indicador Serasa Experian de Inadimplência do Consumidor divulgados nesta segunda-feira (11) mostram que o Brasil bateu o recorde com 66,6 milhões de inadimplentes em maio, o maior número desde o início da série histórica, em 2016. Na comparação com maio de 2021, houve acréscimo de 4 milhões de nomes negativados.

No balanço de resultados referente ao primeiro trimestre, os grandes bancos já haviam sido unânimes em sinalizar que um aumento da inadimplência dos clientes era esperado para o restante do ano.

Entre os principais fatores que mais têm contribuído para o quadro, está a persistente pressão inflacionária. Puxado por preços mais altos da alimentação fora de casa e dos planos de saúde, o índice oficial de inflação do país subiu 0,67% em junho.

Segundo o economista da Serasa Experian, Luiz Rabi, apesar de o aumento da inadimplência ser esperado, é possível melhorar a situação. "Os consumidores precisam continuar se organizando financeiramente e utilizando ferramentas disponíveis, como o saque do FGTS, para tentar tirar o nome do vermelho".

Análise setorial da Serasa registrou ainda que o maior volume de dívidas negativas está no segmento de bancos e cartões, com 28,2% do total. Em seguida estão as contas básicas como água, luz e gás, agrupadas na área de "utilidades", com 22,7%.

Em terceiro, financeiros de varejo e financeiras, com 12,5% cada um.

Inadimplência bate recorde; 66,6 milhões estão com nome sujo

Consumidores inadimplentes (em milhões)



Serasa Experian

Light obtém liminar para adiar redução na conta de energia

Alexa Salomão

BRASÍLIA A Light, distribuidora de energia da capital fluminense, conseguiu nesta segunda (11) uma liminar (decisão provisória e antecipada) no TRF-1 (Tribunal Regional Federal da 1ª Região), para adiar a data da revisão extraordinária de suas tarifas de energia elétrica com o uso de créditos tributários.

Essa redução extraordinária está prevista na lei 14.385. Sancionada em 28 de junho, a nova legislação confirmou a aplicação de uma decisão do Supremo, que julgou inconstitucional a cobrança de ICMS sobre o PIS/COFINS na conta de luz e determinou a devolução à quem pagou o tributo indevidamente.

A lei garante o uso desses créditos de PIS e COFINS para reduzir o preço da energia dos consumidores residenciais.

A (Agência Nacional de Energia Elétrica) pautou para esta terça-feira (12) a avaliação do reajuste tarifário ex-

traordinário de 14 distribuidoras que já tinham tido o aumento neste ano, antes da aprovação da Lei. A Light era uma delas.

Permanecem na lista os reajustes de Celpe (PE), Coelba (BA), Cosern (RN), CPFL Paulista, CPFL Santa Cruz, Energisa Boreborena (PB), Energisa Mato Grosso do Sul, Energisa Mato Grosso, Enel Ceará, Equatorial Alagoas, Companhia Sul Sergipana de Eletricidade, Energisa Sergipe e Enel Distribuição Rio.

O uso do crédito tributário pode ter um forte efeito de redução na conta de energia. Na Enel de São Paulo, a devolução reduziu o reajuste em 8,70 pontos percentuais, e o aumento médio ao final ficou em 12,24%.

A Light argumenta que a Anel não realizou consulta pública para fazer o reajuste excepcional e que isso seria um pré-requisito necessário nesses casos.

"A Light não se opõe à revisão tarifária, mas sim à sua realização sem a prévia e necessária consulta pública, exigida por lei e pelos próprios regulamentos de revisão tarifária", afirmou a empresa em nota enviada à Folha.

PAINEL S.A.

Horizonte

Apesar do silêncio do setor empresarial, que evitou fazer avaliações públicas sobre o assassinato do tesoureiro do PT Marcelo de Arruda pelo bolsonarista Jorge Guarani, empresários e diretores de grandes companhias elevaram o grau de preocupação com a escalada da violência política nos próximos meses. Em conversas privadas, a percepção é que a habitual incerteza inerente aos períodos eleitorais foi potencializada e pode atrapalhar as previsões nos negócios.

LADOS

O presidente do Instituto Locomotiva, Renato Meirelles, que vem estudando a polarização na pré-campanha, prevê movimentação de segmentos do empresarial.

CENÁRIOS

"Temos visto o parlamento europeu pressionando por investigação de crimes na Amazônia, deputados nos EUA apertando a apuração sobre interferência de militares nas eleições. O PIB, que é quem mais perde com tudo isso, começa a aumentar articulações que já existiam para garantir a democracia", diz Meirelles.

TUÍTE

Empresários bolsonaristas que costumam se posicionar sobre o noticiário na rede social emudeceram diante da morte de Arruda. Nem Luciano Hang nem Salim Mattar ou Winston Ling comentaram.

URNA

"Quanto mais Lula fala, mais evidente fica sua face autoritária, violenta e antidemocrática", escreveu Mattar. A fala a que ele se refere foi no ato em Diadema, sábado (9), em que Lula enalteceu o ex-vereador Maninho do PT. O político citado por Lula é réu por tentativa de homicídio contra o empresário Carlos Bettoni, empurrado na rua em 2018.

TETO

A OAB-SP enviou parecer a Bolsonaro pedindo veto ao projeto de lei que prevê redução dos votos necessários para mudar a destinação de condomínios, ou seja, transformar imóvel comercial em residencial e vice-versa.

HOME OFFICE

O Código Civil exige aprovação unânime dos condôminos para alterar a destinação do imóvel. O projeto de lei, que já passou pela Câmara, reduz para 2/3 o quórum. Autor da proposta, o senador Carlos Portinho (PL), diz que a Covid encobriu a demanda por imóveis comerciais, elevando a dois comerciais.

COFRE

BNDES e Sebrae anunciam nesta terça (12) a assinatura de um acordo para criar um fundo garantidor para operações de crédito com microempreendedores individuais e empresas de micro e pequeno porte. O aporte inicial é de R\$ 150 milhões de cada instituição, podendo avançar R\$ 4,5 bilhões em crédito.

com Paulo Ricardo Martins e Gilmar Santos

INDICADORES

JUROS



Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

Contribuição	Valor mín.	Valor máx.
Autônomo e facultativo	R\$ 1.212,00	R\$ 2.423,35
Empregado	R\$ 1.212,00	R\$ 2.423,35

EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Contribuição	Valor mín.	Valor máx.
Empregado	R\$ 1.212,00	R\$ 2.423,35

MOLETOM

O setor de vestuário acompanha as temperaturas quentes no inverno, mas ainda tem expectativas de que o frio se manifeste mais adiante. A atenção do setor ao clima é grande porque, tradicionalmente, o inverno ajuda no movimento do comércio.

CABIDE

Na indústria, segundo Fernando Pimentel, presidente da Abit (que reúne os segmentos têxtil e de confecção), as previsões para o segundo semestre estão mais otimistas na área econômica. Alguns segmentos estão evoluindo mais, encontrando um ponto de equilíbrio entre oferta e demanda com os pedidos começando a voltar.

NEBLINA

Ele ressalva que ainda há nuvens no horizonte e desenha um cenário de incertezas pelo processo eleitoral e volatilidade de petróleo e câmbio, mas mantém as perspectivas otimistas. "Não podemos dizer que vai ser um segundo semestre tranquilo porque o mundo não está tranquilo. Mas estimamos fechar o ano com ligeiro crescimento, empapando", diz.

TERNO

O programa de diversidade do Mattos Filho, que nos últimos três anos vem abrindo vagas exclusivas para estagiários negros, agora foi expandido para as vagas de advogados e contratou nove profissionais negros já formados.

COTA

O escritório também acaba de contratar mais estagiários de direito autodeclarados pretos, totalizando 20 contratações do programa neste ano. Do total de 641 advogados que trabalham na banca, 52 são negros.

TURNÊ

A viagem do ministro da Infraestrutura, Marcelo Sampaio, a Paris e Madrid, na semana passada, para tentar atrair investidores para os projetos do setor teve 20 encontros com gestores de transportes de todos os modos, segundo o órgão.

AVENDA

A delegação brasileira também se reuniu com representantes da área na OCDE e na ICEX (agência espanhola de promoção de investimentos). Foi a segunda rodada internacional, após viagem a Nova York, em maio.

Deputado recorre ao Supremo contra decisão de Mendonça que manteve PEC

José Marques e Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O deputado Nereu Crispim (PSD-RS) recorreu nesta segunda (11) da decisão do ministro André Mendonça, do STF (Supremo Tribunal Federal), que negou um pedido de decisão liminar (urgente) para suspender a tramitação da PEC (proposta de emenda à Constituição) que aumenta o Auxílio-Gás, amplia o Auxílio-Brasil e cria um auxílio aos caminhoneiros e taxistas.

Ele pede que Mendonça recue da sua decisão da quinta (7), e agora, suspenda a tramitação da PEC ou, em caso alternativo, que a questão seja colocada em julgamento urgente por um grupo de ministros. Em uma sessão do plenário virtual.

No plenário virtual, os ministros depõem seus votos em uma plataforma do Supremo durante um determinado período de tempo. Sessões extraordinárias costumam durar 24 horas.

Segundo Nereu, essa medida seria necessária devido "à excepcionalidade da relevância de fato, garantindo a efetiva entrega jurisdicional preten-

[O governo] está fazendo uma PEC para dar benefício, mas está embutindo estado de emergência que tem características de estado de mobilização nacional. Estão abrindo a porteira para Jair Bolsonaro voltar a tentar o grande sonho dele [de mobilização nacional].

Nereu Crispim

deputado federal (PSD-RS)

dida em razão da urgência e relevância que o caso requer".

O deputado argumenta que essa urgência é necessária porque a votação da PEC, que tem custo estimado de R\$ 41,2 bilhões, pela Câmara, está parada para esta terça-feira (12).

O Supremo está no recesso de meio do ano até o fim de julho e funciona atualmente em esquema de plantão.

A reportagem Nereu disse que conversou com os chefes de gabinete de Mendonça e também da vice-presidente do STF, Rosa Weber, pedindo celeridade em razão da "tramitação supersônica dessa PEC".

"Estão infringindo todos os regimes internos. Naquinta, houve uma sessão que durou um minuto", disse.

"[O governo] está fazendo uma PEC para dar benefício, mas está embutindo estado de emergência que tem características de estado de mobilização nacional. Estão abrindo a porteira para Jair Bolsonaro voltar a tentar o grande sonho dele [de mobilização nacional]", afirmou.

Naquinta, Mendonça justificou que uma eventual apreciação da PEC pela Câmara não impede a sua posterior anula-

ção, se for o caso, por violação do devido processo legislativo. Por isso, argumentou que não há motivo para conceder uma decisão urgente que impeça sua tramitação.

O ministro disse que é necessário que sejam ouvidas as partes envolvidas na ação, como os presidentes da Câmara e do Senado, antes que seja dada uma decisão.

Na ação que apresentou ao Supremo, Nereu Crispim, que é presidente da Frente Parlamentar em Defesa do Caminhoneiro Autônomo, afirma que a PEC não poderia sequer tramitar, ser discutida ou votada por violar cláusulas pétreas da Constituição.

Na noite desta segunda, um deputado do Novo, Alexis Fonteyne (SP), também pediu ao Supremo que suspenda a tramitação da PEC. O argumento dele é, assim como o de Nereu, de que o texto fere cláusulas pétreas da Constituição.

Em nota enviada à imprensa, Fonteyne diz que a PEC "é errada do começo ao fim, do texto à tramitação. É uma irresponsabilidade e uma falta de respeito com os brasileiros, do ponto de vista fiscal, eleitoral e constitucional".

mercado

Educação não é suficiente para equalizar as oportunidades

Filho do porteiro termina universidade, mas não alcança o filho do rico

Michael França

Ciclista, doutor em teoria econômica pela Universidade de São Paulo; foi pesquisador visitante na Universidade Columbia e é pesquisador do Insper

Até o início dos anos 2000, cursar universidade no Brasil era algo distante da realidade da maioria da população. Contudo, apesar da reação negativa de alguns setores da sociedade brasileira, esse quadro mudou com a escolha pela democratização do acesso ao ensino superior.

Milhares de jovens, que estavam abandonados à própria sorte e sem perspectivas em relação ao futuro, começaram a enxergar na educação um meio de ascender socialmente.

Atualmente, é comum ouvirmos diversos relatos daqueles que nasceram em ambientes desestruturados e enfrentaram as mais variadas adversidades para se tornarem os primeiros representantes de suas famílias que conseguiram ir além do ensino básico ou médio.

Muitos tinham a crença de que terminar a graduação seria suficiente para conseguir vencer na vida. Entretanto, essa ilusão rapidamente se dissolve quando eles começam a encarar os primeiros desafios

no mercado de trabalho.

Um engano comum é cursar universidades privadas de baixa qualidade ou cursos com pouca demanda do mercado. Com o diploma na mão, muitos jovens de baixa renda se sentem frustrados de terem dado tudo de si e, no final, se sentem desempregados ou em ocupações mal remuneradas.

Mesmo aqueles que saem das melhores universidades e de cursos mais requisitados não pais tendem a ter algumas dificuldades. Diferentemente

de seus colegas de alta renda, os desfavorecidos costumam trilhar seus caminhos por conta própria.

A ausência de modelos sociais não afeta só a construção de suas trajetórias, mas uma boa rede de contatos pode representar uma fonte de apoio e aprendizado para lidar com as mais variadas demandas e como suporte para enfrentar os desafios que surgem na carreira.

Os contatos também tendem a ser um relevante meio pelo

qual jovens de alta renda conseguem se inserir mais bem posicionados no mercado de trabalho. Além disso, em muitos casos, esses jovens conseguem assumir maiores riscos.

Na procura por emprego, eles têm a oportunidade de esperar mais tempo, assim, aceitar as melhores ofertas. No caso dos desfavorecidos, as dificuldades financeiras geram uma pressão para aceitar qualquer emprego, e a ausência de referências pode contribuir para que eles aceitem salários mais baixos.

A origem social também possui o potencial de afetar a dinâmica das interações humanas dentro das empresas. Jovens de alta renda tendem a possuir uma base cultural relativamente mais próxima da dos seus diretores e gestores, e isso pode facilitar a criação de conexões mais profundas e, consequentemente, se refletir no crescimento posterior na organização.

Adicionalmente, ter boa formação em todas as etapas esco-

lares, algo que deveria ser uma possibilidade real para toda a população em qualquer país que deseje um dia se desenvolver, ainda é algo reservado somente para uma pequena parcela da sociedade brasileira.

Nesse contexto, ainda se tem o agravante de que o ensino superior não é suficiente para fechar toda a lacuna nas competências adquiridas no decorrer da vida entre as diferentes classes sociais. Aqueles que têm mais com maior nível de escolaridade e renda tendem a desenvolver um conjunto de habilidades mais amplo ao longo da vida, e isso se refletirá em oportunidades distintas na carreira.

Mesmo que o filho de um porteiro consiga deixar muitos filhos na elite para trás no mercado de trabalho, deve se lembrar que os últimos herdarão um patrimônio que, em diversos casos, os descendentes do porteiro levarão gerações para atingir.

| DOM, Samuel Pessoa | SEG, Marcos Vasconcelos, Ronaldo Lemos | TER, Michael França, Cecília Machado | QUA, Heio Beltrão | QUI, Cida Bento, Solange Srouf | SEX, Nelson Barbosa | SÁB, Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan



GIGANTE DO COMÉRCIO ELETRÔNICO SE PREPARA PARA DATA DE PROMOÇÕES
Funcionária da Amazon checa encomendas em NY; empresa promove nesta terça (12) e quarta (13) o Prime Day, evento de vendas em que espera faturar US\$ 7,8 bilhões nos EUA, 17% a mais em relação a 2021

Spotify anuncia a chegada de podcasts em formato de vídeo ao país

Amanda Lemos

SÃO PAULO O Spotify Brasil anunciou nesta segunda-feira (11) a função de publicação de podcasts em formato de vídeo. A funcionalidade, que já estava disponível para Estados Unidos, Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia e Canadá, será liberada no país a partir desta terça-feira (12). Outros países, como Alemanha, França, Itália, Espanha e México, também entram para a lista.

Para subir os vídeos no serviço de streaming, a empresa disponibiliza o Anchor, plataforma de edição e distribuição do Spotify. A empresa foi adquirida pela Spotify em 2019 com a Gimlet Media, um dos maiores grupos americanos criadores de podcasts.

Entre os podcasts originais do Spotify que terão versão em vídeo estão o Podpah, o Ticaracast, o Flow e o Vacacast, entre outros. Já o programa Bocas Ordinárias será o primeiro podcast Original Spotify com vídeo e estreia no dia 19 de julho.

De acordo com o Spotify, a nova funcionalidade também terá caixas de perguntas e enquetes para aumentar a interação com os ouvintes. Hoje, a única forma de contato entre podcasters e público é a classificação de episódios com estrelas e se um episódio está bem compartilhado.

A funcionalidade estará disponível em todos os formatos de visualização, seja no aplicativo, seja no navegador. A nova atualização permite assistir ao podcast em primei-

ro ou segundo plano.

O brasileiro registrou um aumento considerável no consumo e na frequência que escuta podcasts durante a pandemia. De acordo com pesquisa do IAB Brasil (Interactive Advertising Bureau), associação que reúne empresas de publicidade digital, em 2021, 76% dos entrevistados disseram ouvir podcast, ante 40% em 2019. Já 35% dos brasileiros que têm acesso à internet escutam em três ou mais vezes por semana.

Segundo o mais recente levantamento do Painel TIC Covid-19, feito pelo Cetic.br (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), em 2021, 89% dos usuários de internet no Brasil afirmaram ter ouvido música em serviços online e 62% acompanharam transmissões de áudio ou vídeo em tempo real.

Em junho, a empresa anunciou a criação de um conselho de segurança para difundir informações sobre discurso de ódio, desinformação, extremismo e abuso online.

A medida é uma das estratégias adotadas pela empresa após o caso Joe Rogan, comentarista de UFC, humorista e podcaster acusado de apresentar dados falsos sobre vacinas contra a Covid-19 em seu programa "The Joe Rogan Experience".

No início do ano, artistas como Neil Young e Joni Mitchell pediram a remoção de suas músicas do serviço em meio a repúdio à permanência do conteúdo de Rogan na plataforma.

Twitter perde R\$ 17 bi na Bolsa após Musk desistir de negócio

Ações fecham em queda de 11,5%; em carta, rede social diz que atitude de bilionário é inválida e injusta

BANGALORE (ÍNDIA), SÃO PAULO E SAN FRANCISCO As ações do Twitter tombaram 11,47% nesta segunda-feira (11) em Nova York, após Elon Musk ter anunciado na semana passada que desistiu do acordo de aquisição da rede social por US\$ 44 bilhões (R\$ 233,5 bilhões).

Desde o fechamento do mercado, na sexta (8), quando Musk divulgou que estava abandonando o negócio, o valor de mercado do Twitter caiu de US\$ 281,1 bilhões para US\$ 24,9 bilhões (de R\$ 150 bilhões para R\$ 133 bilhões). As perdas chegaram a quase US\$ 3,2 bilhões (R\$ 17 bilhões).

O Twitter planeja processar o bilionário ainda nesta semana e força-lo a concluir a aquisição, disseram a Reuters pessoas informadas sobre o assunto.

Nesta segunda, Musk fez um ataque à rede social, escreven-

do na própria plataforma que a batalha jurídica levará a empresa a divulgar no tribunal informações sobre o número de contas robôs e de spam. A série de tuítes foi a primeira resposta pública do fundador da Tesla desde o anúncio de sexta-feira.

O Twitter reagiu à desistência de Musk, chamando-a de "inválida e injusta" e acusando o empresário de violar o acordo de fusão, segundo uma carta enviada aos advogados do bilionário.

Acarta, registrada nesta segunda-feira, cita três cláusulas diferentes do contrato que, segundo o Twitter, constituem violações e impedem Musk de recusar a compra.

A primeira estaria relacionada à obrigação de Musk de ajudar na preparação de registros regulatórios sobre a aquisição. A segunda o obrigaria a

consultar o Twitter antes de fazer declarações públicas sobre a transação.

De acordo com o contrato, Musk "terá permissão para emitir tuítes sobre a fusão ou as transações... contanto que tais tuítes não depreciem a empresa ou qualquer de seus representantes".

Não está clara carta a que comunicações específicas o Twitter se refere. No entanto, Musk instigou repetidamente a rede social e sua direção desde que o acordo foi anunciado — por exemplo, respondendo a sua presidente executiva, Parag Agrawal, com um emoji de um caco em um tópico do Twitter explicando a abordagem da empresa às contas falsas.

No domingo (10), Musk também tuitou um meme composto de fotos dele mesmo rindo da perspectiva de o

Twitter compartilhar informações sobre bots no tribunal, embora não esteja claro se isso foi postado antes do envio da carta dos advogados da rede social.

Oterceiro item citou o dever de Musk de ajudar a aumentar o financiamento de dívida e capital necessário para saldar o acordo.

Com a queda de US\$ 4,16 (R\$ 22) nesta segunda, a ação da companhia passou para US\$ 32,65 (R\$ 175), o menor valor em dois meses. O valor é cerca de 46% inferior ao preço de US\$ 24 (R\$ 289) que Musk concordou em pagar ao decidir comprar a empresa.

O Twitter sofre perdas com a desconfinância dos investidores sobre o acordo com o chefe da Tesla, mas esse não é o único problema.

Os mercados de ações entregaram prejuízos com a inflação descontrolada provocando um forte aperto monetário nos EUA e colocando no radar de investidores o risco de uma recessão.

O contrato exige que Musk pague ao Twitter uma taxa de rompimento de US\$ 1 bilhão (R\$ 5,3 bilhões) se ele não puder concluir o negócio por motivos como não conseguir o financiamento da aquisição ou os reguladores bloquearem o negócio. A taxa de rompimento não seria aplicável, no entanto, se Musk rescindir o acordo por conta própria.

Com Reuters e Financial Times

WhatsApp amplia reações para incluir todo o catálogo de emojis

SÃO PAULO O WhatsApp anunciou nesta segunda-feira (11) que os usuários poderão usar todo o catálogo de emojis para reagir a mensagens no aplicativo. As reações na plataforma existem desde maio deste ano, mas só ofereciam seis opções até então.

Em nota, a empresa disse que o teclado completo já está sendo implementado e estará disponível para todos os usuários nas próximas semanas. Diferentes tipos de pele de emojis também estarão disponíveis. Ao todo, o aplicativo vai contar com mais de 3,6 mil opções. Bem a tempo do Dia Mun-

dial do Emoji (17 de julho), as pessoas agora poderão usar qualquer emoji para reagir a uma mensagem de WhatsApp, tornando as conversas muito mais divertidas e expressivas", disse a empresa.

Assim como mensagens e chamadas, as reações no aplicativo também são protegidas com criptografia de ponta a ponta.

As reações com emojis já existem no Messenger, Facebook e no Telegram, principal concorrente do serviço de mensagens. Tanto o WhatsApp quanto o Facebook são controlados pela Meta.

Médico é preso em flagrante no Rio por estupro de gestante durante parto

Giovanni Quintella Bezerra foi filmado colocando o pênis na boca da mulher sedada na sala de cirurgia

Ana Luiza Albuquerque

RIODE JANEIRO O médico anestesista Giovanni Quintella Bezerra foi preso em flagrante na segunda-feira (11) pelo estupro de uma paciente que estava dopada e passava por uma cesárea no Hospital da Mulher Heloísa Studart, em São João de Meriti, município na Baixada Fluminense. A prisão foi realizada depois que funcionários da unidade desafiaram o anestesista colocando o pênis na boca da paciente durante a cirurgia. Após a divulgação do caso, uma segunda mulher se apresentou à polícia declarando também ter sido vítima de estupro pelo médico cinco dias antes.

Segundo a polícia, desconfiadas da postura do médico, enfermeiras do hospital decidiram usar um telefone celular para registrar o que ele fazia durante as cirurgias. O suspeito foi indiciado sob suspeita de estupro de vulnerável, cuja pena varia de 8 a 15 anos de prisão.

Em nota, o advogado Hugo Novais, que defendia o anestesista, disse que só manifestaria sobre a acusação após ter acesso aos depoimentos e outros elementos de prova apresentados na audiência de custódia. Ele, contudo, deixou o caso no fim da tarde desta segunda e ainda não havia novo defensor constituído.

De acordo com a polícia, o médico ficou em silêncio durante seu depoimento. Nesta terça (12), após audiência de custódia, a Justiça deve decidir se converte a prisão em flagrante em preventiva ou se coloca o suspeito em liberdade.

Nas imagens, a paciente, uma mulher negra, aparece deitada na maca, inconsciente. Um lençol estendido sobre duas barras de ferro separa os demais médicos, que fazem a cesariana, de Bezerra, que está em pé próximo à cabeça da mulher.

Em determinado momento, ele retira o pênis de dentro da calça e o coloca na boca da paciente, enquanto olha para os lados seguidas vezes. A violência se estende por cerca de dez minutos. Ao fim, o anestesista limpa com um lenço o rosto da vítima e o próprio pênis.

A prisão foi realizada pela delegada Bárbara Lomba, da Delegacia de Atendimento à Mulher de São João de Meriti. Em imagem veiculada pela TV Globo, o médico manifesta surpresa quando a delegada anuncia sua prisão pelo crime de estupro.

Fraços do sedativo utilizado pelo suspeito foram apreendidos e funcionários do hospital prestaram depo-

imento na delegacia. As investigações seguem para apurar outras possíveis condutas criminosas do médico.

Até o momento a Polícia Civil ouviu três pessoas da equipe de enfermagem, o chefe dos anestesistas, o suspeito, um dos médicos presentes no centro cirúrgico e a segunda mulher que se apresentou como vítima na delegacia. Ainda será preciso coletar o depoimento da paciente que aparece nas filmagens sendo estuprada.

Segundo a delegada Bárbara Lomba, à frente das investigações, as enfermeiras decidiram gravar a cirurgia porque tinham notado algumas atitudes incomuns de Bezerra. Elas desconfiaram da tentativa de fazer uma barreira física para dificultar a visão da paciente, do procedimento de sedação atípico em cesáreas e de alguns movimentos do médico, que parecia estar manipulando o rosto das pacientes.

Após a divulgação do caso, uma mulher de 23 anos, também negra, se apresentou à delegacia afirmando que foi vítima de estupro pelo médico durante uma cesárea realizada no mesmo hospital, no dia 6 de julho. Sua mãe afirma que a filha saiu totalmente dopada do procedimento e que acordou apenas no dia seguinte à noite.

Ainda segundo a mãe, a filha acordou com uma substância branca no pescoço. Inici-

“Ninguém imaginava que pudesse ser dentro de um centro cirúrgico, praticado por um profissional que deveria estar zelando pela saúde da paciente”

Bárbara Lomba
delegada

Video ajuda a punir, mas sua divulgação gera divergência

O vídeo do médico anestesista Giovanni Quintella Bezerra é apontado como essencial para permitir a detenção em flagrante e a comprovação do crime. A divulgação das imagens, contudo, gera divergências. Especialistas apontam que tornar as imagens públicas, ainda que com o rosto da paciente borrado, pode

revitimizar-lá, ampliando os traumas do ato violento. Por essa razão, a **Folha** decidiu não reproduzir o vídeo nas reportagens sobre o caso. Há, contudo, quem defenda a exposição para que outras possíveis vítimas reconheçam a situação e possam fazer denúncias. A presidente da OAB-RJ Mulher, Flávia Ribeiro,

afirma que o vídeo ajuda a superar as dificuldades de comprovação desse tipo de crime. “Com o vídeo, o sistema de Justiça não tem como refutar o crime cometido pelo médico. Sem o vídeo, a dificuldade são as provas testemunhais. Não tem a mesma força”, afirma ela. Contudo, Ribeiro se diz

contrária à divulgação das imagens do crime. “Não pode haver revitimização. O que deve ser feito é a publicidade do fato, mas não do ato. Não deve ser feita a exposição para conscientização. Conscientização depende da lei aplicada, responsabilização do agressor”, afirma Flávia Ribeiro.



O anestesista Giovanni Quintella Bezerra após ser preso, no Rio. Fabiano Barboza/Agência O Globo

almente, a família achou que era resultado de algum procedimento do hospital. Quando assistiu ao noticiário nesta segunda e viu que o médico havia sido preso, ela concluiu que sua filha também havia sido vítima de um estupro. Em entrevista a jornalistas, a segunda vítima disse que está indignada porque o médico teria se aproveitado de um momento vulnerável para cometer o crime.

A mãe da paciente disse que Bezerra chegou a passar na sala de cirurgia após a cesárea e agiu normalmente, como se nada tivesse acontecido. O marido da gestante não foi autorizado a acompanhar a cirurgia.

A delegada disse que Bezerra pode ter feito ainda mais vítimas. Só no domingo (10), a mesma equipe de enfermagem acompanhou outras duas cirurgias. O hospital vai ceder à polícia a relação das pacientes de cujas cirurgias ele participou e os relatos da equipe também poderão auxiliar nas investigações. Os prontuários poderão ajudar a identificar quais medicamentos foram utilizados e sua quantidade.

À frente da Delegacia de Atendimento à Mulher de São João de Meriti, Lomba diz que ficou impressionada com o caso. “Ninguém imaginava que pudesse ser dentro de um centro cirúrgico, praticado por um profissional que deveria estar zelando pela saúde da paciente, dentro de um hospital dedicado ao atendimento de mulheres”, diz.

“A pessoa na hora de ter um filho, totalmente nas mãos de um profissional de saúde, indefesa, exposta, fragilizada. Se ainda ficar provado que ele aplicava esse tipo de substância desnecessariamente para sedar e cometer o crime... É algo muito inacreditável, hediondo”, completa.

Em nota, a Secretaria de Estado de Saúde e a direção do Hospital Estadual da Mulher Heloísa Studart afirmaram que foram acionadas pela equipe médica e reportaram o crime à Polícia Civil.

Segundo a secretária, o médico não é servidor do estado. “Ele tem título de especialista em anesthesiologia, CRM [registro profissional] regular e prestava serviço há seis meses como pessoa jurídica para os hospitais estaduais da Mãe, da Mulher e Getúlio Vargas”, diz. O hospital afirma que abriu uma sindicância interna para tomar as medidas administrativas e notificou o Cremerj (Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro).

Em nota, o conselho disse que abriu um procedimento cautelar para a suspensão imediata de Bezerra, devido à gravidade do caso. “Também está sendo instaurado processo ético-profissional, cuja sanção máxima é a cassação do exercício profissional do médico”.

“Esse tipo de comportamento é um completo absurdo e estamos confiantes de que as autoridades competentes irão apurar o que de fato ocorreu e punir o médico com todo o rigor, caso fique comprovado o crime”, diz trecho da nota.

Crime ocorre mesmo se não houver consumação do ato sexual

Paulo Eduardo Dias

SÃO PAULO A prisão do médico anestesista Giovanni Quintella Bezerra, depois de colocar o pênis na boca de uma paciente grávida, é mais um exemplo de que o crime de estupro não ocorre apenas quando há penetração.

Ele foi preso em flagrante na madrugada desta segunda-feira (11) pelo estupro de uma mulher que estava dopada e passava por uma cesárea no Hospital da Mulher Heloísa Studart, em São João de Meriti, na Baixada Fluminense. O caso foi revelado pela TV Globo com influência da reportagem da **Folha**.

Segundo o advogado Ariel

de Castro Alves, especialista em direitos humanos e integrante do Instituto Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, o crime de estupro não acontece apenas quando há penetração. Ele cita como exemplo outros casos em que há atos libidinosos, como sexo oral e quando o agressor apalpa os órgãos genitais da vítima.

O artigo 213 do Código Penal cita que constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso, tem pena de reclusão de seis a dez anos.

No caso de estupro de vulnerável, a pena é de 8 a 15 anos.

O estupro de vulnerável acontece quando a pessoa não tem o necessário discernimento para a prática do ato sexual ou não é capaz de oferecer resistência. É o que acontece, por exemplo, quando a vítima tem menos de 14

anos ou está dopada, como é o caso da paciente grávida na sala de cirurgia.

Por isso, o médico foi indiciado sob suspeita de estupro de vulnerável. As penas podem, ainda, chegar aos 30 anos em caso de morte da vítima.



“A legislação e as penas são adequadas e atualizadas. Faltam delegacias com especialização para atuarem nesses casos e serviços que apoiem e prestem assistência para as vítimas de violência”

Ariel de Castro Alves
advogado e especialista em direitos humanos

Além do estupro, há também o crime de importunação sexual, em que se configura o ato de praticar contra alguém e sem a sua anuência, ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro. Nesse caso, a pena pode variar entre um a cinco anos, se o ato não constitui crime mais grave.

Castro Alves disse que casos de médicos envolvidos em violência sexual contra pacientes e enfermeiras não são incomuns.

“A legislação e as penas são adequadas e atualizadas. Faltam delegacias com especialização para atuarem nesses casos e serviços que apoiem e prestem assistência para as

vítimas de violência”, afirmou. Delegada responsável pelo caso, Bárbara Lomba diz que, para apurar se a paciente realmente também foi vítima de estupro, será necessário “puxar o prontuário, ver por que [houve] a sedação, verificar qual era a equipe presente e quais procedimentos ele [o anestesista] adotou”.

O hospital afirma que abriu uma sindicância interna para tomar as medidas administrativas e notificou o Cremerj (Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro).

A Sociedade de Anestesiologia do Estado do Rio de Janeiro emitiu nota de repúdio sobre o caso.



Prédios comerciais na região da rua 25 de Março, em São Paulo, ainda com fumaça do incêndio de grandes proporções

Incêndio atinge prédios comerciais e fecha lojas no centro de São Paulo

Dois bombeiros sofreram queimaduras de segundo grau; prejuízo será avaliado nesta terça (12)

Cristina Camargo,
Priscila Camazano
e Matheus Moreira

SÃO PAULO Um incêndio de grandes proporções atingiu prédios comerciais na região da rua 25 de Março, centro popular e comercial de São Paulo, na noite de domingo (10) e continuou nesta segunda-feira (11). Cerca de cem bombeiros em 31 viaturas trabalharam no combate às chamas.

Segundo informações da Polícia Civil, o fogo teria começado por volta das 21h de domingo (10) após uma explosão na altura do terceiro andar de um prédio comercial na rua Abdo Schahin. Três edifícios próximos foram afetados, sendo uma loja, um edifício comercial de dez andares e uma igreja. Ainda não se sabe as causas do incêndio.

De acordo com Roberto Monteiro, delegado da 1ª Delegacia Seccional do Centro, quando bombeiros tentavam chegar ao interior do prédio com oxigênio, teria ocorrido uma nova explosão, ferindo dois integrantes da corporação. Um deles teve 36% do corpo queimado. Ambos foram socorridos e levados ao pronto-socorro Tatuapé. O estado de saúde dos dois é estável.

A fumaça dentro do edifício foi um dos principais de-

saños para os oficiais que trabalharam no local. Eles se revezaram em turnos para entrar no prédio e conter as chamas. Esse trabalho só é possível com uso de respiradores, similares aos utilizados para mergulhos, segundo o capitão André Elias, porta-voz dos bombeiros.

Cada cilindro garante de 20 a 30 minutos de ar. A duração, porém, varia de bombeiro para bombeiro e de acordo com a respiração do usuário.

Desde a madrugada a fumaça preta provocada pelo incêndio era vista a quilômetros de distância e chamava a atenção de moradores da região central. No início da manhã, as chamas ainda persistiam, segundo os bombeiros, havia o risco de o fogo se espalhar para outros imóveis, além dos quatro atingidos.

Em nota, a Prefeitura de São Paulo, por meio da Subprefeitura Sé e da Defesa Civil, disse que "o local entrou novamente em rescaldo, pois houve reinição (algumas faíscas e pequenos fogos foram encontrados e estão sendo extintos). Os bombeiros continuam trabalhando e a equipe da Defesa Civil ainda está pela região", afirma.

Segundo o comunicado, a previsão é que a vistoria das edificações seja realizada na

Onde ficam os imóveis atingidos por incêndio



Trabalhamos com a hipótese de que foi nos andares inferiores, mas todos os andares foram atingidos

Capitão André Elias
porta-voz dos bombeiros

Igreja teve perda total, diz padre

Pouco sobrou do teto e do que havia dentro da Paróquia Ortodoxa Antioquina da Anunciação Nossa Senhora, na rua Cavalheiro Basílio Jafet, no centro de São Paulo, atingida pelo incêndio.

"Danos totais. Tudo foi queimado e o teto desabou. Sobrou apenas parte do altar", diz o padre Dimitrios Attarjan, 60. A paróquia é o primeiro templo ortodoxo do Brasil, fundado há 120 anos, em 1902, segundo ele. "Não sabemos se haverá maior dano, porque, se o prédio do incêndio desabar, não sobrá nada da igreja", acrescentou o padre, que vê a perda como irreparável. "Podemos até reconstruir, mas isso não trará o acervo de volta", afirmou o padre Dimitrios.

O fogo se alastrou e atingiu outros imóveis do quarteirão: um na rua Cavalheiro Basílio Jafet; outro em que funciona a loja Matsumoto, na rua Barão de Duprat; e a paróquia.

manhã desta terça-feira (12). "Somente então é que será possível confirmar os danos causados e um número exato de edificações abaladas pelo incêndio", completa.

A Polícia Civil declarou que o fogo teria começado após uma explosão na altura do terceiro andar. Uma testemunha, que mora perto do local, disse a investigadores que ouviu uma explosão e, quando olhou pela janela, viu a fumaça saindo pelas janelas.

O capitão Elias, no entanto, disse que ainda não é possível dizer em que andar o incêndio começou. "Trabalhamos com a hipótese de que foi nos andares inferiores, mas todos os andares foram atingidos",

Elias disse que houve desabamento da estrutura da loja Matsumoto, que fica na rua Barão de Duprat, e do teto da Paróquia Ortodoxa Antioquina da Anunciação Nossa Senhora. O risco de desabamento dos outros prédios atingidos pelas chamas foi descartado pelos bombeiros.

De acordo com os bombeiros, o prédio não tinha AVCB (Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros). A prefeitura disse que a edificação é de 1948. No térreo funcionavam lojas e, nos andares, escritórios.

A diretora executiva da União dos Lojistas da 25 de Março e Adjacências, Cláudia Uris, afirmou que ainda não é possível saber o tamanho do prejuízo para os comerciantes, mas que 80% das lojas associadas foram fechadas, cerca de 2,500.

Jorge Dib, 51, é dono de duas lojas de pijamas e roupas íntimas. Ele diz que perdeu um mês e meio de estoque que guardava no depósito que fica no prédio que pegou fogo. No local, também funcionava o refeitório para os cerca de 90 funcionários. "Soube do incêndio pelo segurança que me enviou vídeos. Cheguei às 21h e fui embora umas 2h".

Rogério Lin, superintendente da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), diz que todo prédio que passa por um incêndio corre risco de desabar. Ele explica que, neste caso, com as chamas contidas e a maior intensidade do incêndio já tendo passado, a chance de colapso da estrutura é menor, mas não chega a zero.

Após a extinção do incêndio e a conclusão do trabalho dos bombeiros, Lin afirma que será necessária uma avaliação da estrutura pela Defesa Civil para saber se é possível salvar o prédio e reformá-lo, ou se o edifício está condenado.

Segundo a SPTrans, o incêndio afetou a circulação dos ônibus na região. Na manhã desta segunda (11) seis linhas que trafegam na região central foram desviadas.

Foram montados bloqueios para o trânsito em várias ruas da região.

O incêndio não afetou a circulação na rua Ladeira Porto Geral, uma das principais vias do circuito de compras, que fica a menos de 500 metros de distância. Na altura do metrô São Bento — saída pela própria ladeira — o movimento era normal com todas as lojas abertas e vendedores nas ruas e calçadas.

Região da 25 de Março é uma bomba-relógio

ANÁLISE

Douglas Nascimento

SÃO PAULO O incêndio de grandes proporções que atingiu os arredores da rua 25 de Março, na Sé, no centro de São Paulo, é apenas uma pequena demonstração de acontecimentos trágicos ainda maiores que ainda podem vir a acontecer naquela região.

Ímportes edifícios da área atingida pelo fogo e arredores vem sendo transformados, ao longo dos últimos anos, em verdadeiros estoques verti-

cais por lojistas e distribuidores dos mais variados tipos de produtos na região, algo que sem fiscalização e adaptação adequadas poderá levar outros edifícios a sofrerem incêndios similares e até mais trágicos.

Com a deterioração do centro de São Paulo e a mudança do centro financeiro da capital para outras regiões como a da Paulista e, posteriormente, Faria Lima e Berrini, ímportes edifícios localizados na avenida Senador Queiroz, rua Florência de Abreu e demais vias próximas ficaram

com salas ociosas. Isso levou a uma transformação de parte destes escritórios em lojas — muitas delas longe da fiscalização, que geralmente não sobe nos edifícios — e o que é pior, andares inteiros transformados em estoques, repletos de produtos que muitas vezes são acondicionados em espaços diminutos e sem ventilação adequada.

Para constatar esse verdadeiro caos de estoques nos edifícios da região não requer muito esforço. Basta observar, pela calçada mesmo, as janelas de alguns prédios daque-

la área, abarrotados de caixas de papelão ou de produtos empilhados. Alguns destes prédios são tão ou mais movimentados que algumas lojas das ruas onde estão instalados, ao olhos de porteiros e segurança atentos se quem entra no prédio é cliente de fato ou um fiscal.

Muitos desses prédios, como o que foi o epicentro de incêndio deste domingo (10), não possuem AVCB ou autorização para funcionar como lojas, operam à revelia do poder público, que muitas vezes finge que

não vê as irregularidades. Encontrar quais são esses edifícios, por parte dos clientes, também não é difícil. Basta entrar em redes sociais como o TikTok e fazer uma busca por prédios que viraram lojas e os resultados serão ímportes. Vídeos como este a seguir exemplificam muito bem.

Os prédios comerciais, mistos ou residenciais da região não são destinados apenas se transformarem lojas ou estoques. Existe também o bizarro caso de um prédio nas proximidades transformado em prostituição.

Não muito longe dali, na rua dos Andradas quase esquina com a avenida Ipiranga, um edifício inteiro é dedicado a

prostituição. Descobrir qual é não é difícil, bastando fazer uma busca rápida no Google. Ali são dez andares onde a circulação de homens em busca de prazer e outras ilicitudes é livre, sendo que costuma subir até o último andar e posteriormente descer um a um de escada, conferido preços de programa que vão variando de acordo com os andares, claro, com a idade de quem oferece o serviço.

Localizado muito próximo do metrô da Polícia Civil de Estado de São Paulo, este prédio é famoso na região, na internet e até mesmo no exterior. O curioso é que aparentemente apenas o poder público não conhece. Que coisa, não?

saúde

Falta de soro pode prejudicar tratamentos de hemodiálise

53% dos equipamentos de saúde estão com baixo estoque, aponta pesquisa

Isabela Palhares

SÃO PAULO Em meio a um desabastecimento de medicamentos e insumos de saúde, mais da metade dos equipamentos de saúde do país está com dificuldade de comprar até mesmo soro fisiológico. Entidades do setor alertam que a crise pode prejudicar pacientes em tratamento de hemodiálise.

Uma pesquisa feita pela CNA-Saúde (Confederação Nacional de Saúde) identificou que 53% dos equipamentos de saúde estão com estoque de soro abaixo de 25%. Outros 37% estão com estoque abaixo de 50%.

O levantamento também mostra que 40% das unidades só têm encontrado o produto no mercado com preços

acima de 100% do usual.

A pesquisa foi respondida por 106 estabelecimentos, como hospitais e clínicas especializadas, do Distrito Federal e de 13 estados — Ceará, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe e São Paulo.

Um dos tratamentos que pode ser mais afetado é o de hemodiálise, já que as máquinas usadas precisam ser limpas com soro fisiológico entre um paciente e outro.

"Não existe uma explicação para a falta de um insumo tão básico e tão importante para o atendimento de saúde. O mercado brasileiro está completamente desregulado e os centros de diálise estão mui-

to preocupados com as repercussões desse problema", diz Yussif Ali Mere Junior, presidente da ABCDT (Associação Brasileira dos Centros de Diálise e Transplantes).

Segundo ele, caso a falta do insumo se mantenha, os centros terão de recorrer a outros produtos para limpar as máquinas de hemodiálise. As alternativas, no entanto, encarecem ainda mais os custos do tratamento.

Há meses o país vem enfrentando o desabastecimento de uma série de remédios. Em abril, e depois novamente em junho, entidades médicas alertaram o Ministério da Saúde sobre o baixo estoque nos hospitais.

As entidades cobravam a adoção de "ações coordenadas no sentido de contribuir

“Não existe uma explicação para a falta de um insumo tão básico e tão importante para o atendimento de saúde. O mercado brasileiro está completamente desregulado”

Yussif Ali Mere Junior
presidente da Associação Brasileira dos Centros de Diálise e Transplantes

673.814 mortes
155 entre domingo e segunda

32.939.828 casos
46.564 infecções em 24 horas

com a regularidade da comercialização dos medicamentos, tendo em vista todas as implicações e prejuízos clínicos que a ruptura de estoque pode ocasionar".

Entre elas estavam a Amb (Associação de Medicina Intensiva Brasileira), a SBA (Sociedade Brasileira de Anestesiologia) e a SBAFH (Sociedade Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde).

Segundo a pesquisa da CNA-Saúde, além do soro, os equipamentos de saúde relatam falta de outros insumos básicos, como dipirona injetável (com baixo estoque em 62,9% das unidades), atropina (50,5%) e até contraste usado em exames radiológicos (49,5%).

As entidades cobravam ações do Ministério da Saúde para solucionar a situação que se arrasta há meses. "Oficialmente o ministério e a Anvisa não obtiveram resposta sobre o que estão fazendo para evitar o desabastecimento", diz Breno Monteiro, presidente da CNA-Saúde.

Outro levantamento, feito pelo Conasems (Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde), também identificou a falta de antibióticos,

como amoxicilina e azitromicina, em unidades de saúde de 284 municípios do país.

Em nota, o Ministério da Saúde diz que o desabastecimento de insumos médicos é resultado de "diversas causas globais que extrapolam" sua competência. As entidades, a pasta tem dito que o problema é consequência da guerra na Ucrânia, do fechamento de portos na China em decorrência da pandemia de Covid-19 e da alta do dólar.

As entidades ressaltam, no entanto, que o soro fisiológico, por exemplo, é produzido no Brasil e não depende da importação de insumos para sua fabricação.

O ministério disse ainda que, no início de junho, publicou uma portaria que libera critérios de estabelecimento ou de ajuste de preços para remédios com risco de desabastecimento no mercado.

"A pasta continua atuando em conjunto com Anvisa, estados e municípios e representantes das indústrias farmacêuticas para articular ações de enfrentamento do desabastecimento de insumos hospitalares no país", diz nota da pasta.

Mais de 1 bilhão de vacinas contra a Covid-19 foram desperdiçadas durante a pandemia

Hannah Kuchler

LONDRES | FINANCIAL TIMES Mais de 1 bilhão de vacinas contra a Covid-19 podem ter sido desperdiçadas devido à distribuição desigual de imunizantes no mundo, indicou sobre a vacinação e armazenamento em temperatura incorreta, concluiu uma análise do grupo de dados de saúde Afinity.

A empresa de análise estima que 1,1 bilhão de doses — cerca de 10% de todas as vacinas de Covid produzidas — foram desperdiçadas desde que os imunizantes foram aprovados no final de 2020. Quase 800 milhões foram desperdiçadas nos primeiros seis meses deste ano, segundo estimativa da Afinity, que se baseia em expectativas de governos, notícias na mídia e previsões de produção.

O presidente-executivo da Afinity, Rasmus Bech Hansen, disse que mais doses provavelmente serão desperdiçadas neste ano, embora os fabricantes de vacinas planejem reduzir a produção. Ele disse que isso lhe dá a oportunidade de mudar sua capacidade de fabricação para fazer vacinas para outras doenças.

"Muitas áreas não têm vacinas suficientes. Campanhas de vacinação mais amplas poderiam produzir melhor proteção e salvar vidas", disse ele.

Espera-se algum desperdício com produtos médicos



Vacinação contra a Covid em UBS na zona sul de São Paulo Rivaldo Gomes - 22.jun.22/Folha press

que expirem rapidamente — ainda mais em uma pandemia em rápida mudança, em que é difícil prever a demanda. Mas o principal analista da Afinity, Matt Linley, disse que uma causa significativa foi a doação

de doses com prazos de validade curtos para países em desenvolvimento.

"Uma das maiores coisas relatadas é que os países recebem doações que chegam muito tarde, muito perto do

venimento, então não têm tempo para usá-las", disse ele.

Os países desenvolvidos compraram bilhões de doses com seus contratos iniciais, deixando a iniciativa Covax — criada para garantir

que as vacinas chegassem às pessoas mais pobres — em dificuldade para obter vacinas suficientes no ano passado.

Muitos países ocidentais doaram suas doses sobressalentes depois de perceberem que não tinham demanda suficiente. Quando mais doses chegaram, no início deste ano, os governos dos países em desenvolvimento muitas vezes enfrentaram hesitação de suas populações em se vacinar.

"Se essas doses tivessem chegado a esses países desde o início, a absorção poderia ter sido muito maior", disse Linley, explicando que as pessoas muitas vezes já haviam adquirido imunidade natural por meio de infecção e não estavam tão interessadas em se vacinar.

Ele acrescentou que outros problemas incluíam doses armazenadas na temperatura errada, o que era particularmente importante para as vacinas de mRNA, que inicialmente exigiam armazenamento ultrarápido, e não conseguiram extrair doses suficientes de cada frasco. Frascos maiores foram adotados como forma de distribuir vacinas com eficiência na fase aguda da pandemia, mas estão sendo substituídos por seringas pré-carregadas.

Bech Hansen disse que algum desperdício foi necessário, porque os países encomendaram em excesso de diferentes tecnologias para garantir que pelo menos uma delas funcionasse. "Era necessário certo estoque para proteger o mundo rapidamente", disse ele.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

+

São Paulo libera 4ª dose para pessoas a partir de 35 anos

A Prefeitura de São Paulo começa nesta terça (12) a aplicar a quarta dose da vacina contra a Covid-19 para a faixa etária de 35 a 39 anos. Segundo a gestão municipal, é estimada a aplicação de aproximadamente 1 milhão de doses para essa população. A capital havia entrado com um pedido ao Ministério da Saúde para incluir essa faixa etária no calendário do segundo reforço vacinal na última terça (5). Pelo cronograma nacional, essa etapa de vacinação está liberada para pessoas com 40 anos ou mais, mas estados e municípios podem alterar a programação de acordo com a disponibilidade de vacinas. Para receber a quarta dose, além da idade, é necessário que a pessoa tenha tomado o primeiro reforço da vacina — ou terceira dose — há pelo menos quatro meses. No dia 27 de junho, a cidade disponibilizou o reforço para maiores de 40 anos. Antes disso, em 22 de junho, quarta dose foi liberada para os maiores de 45 anos. Profissionais de saúde com mais de 18 anos e adolescentes e adultos imunossuprimidos também podem ter o reforço da vacina na cidade.

MORTES

coluna.abituário@grupofolha.com.br

Geleia era considerado o melhor impressor do país

LEONARDO ALONSO SOLER (1940-2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO O jeito mole para falar fez com que os amigos da Folha apelidassem Leonardo Alonso Soler de Geleia. Ele gostava.

No trabalho mostrava-se sempre muito exigente com a qualidade, sem deixar a alegria e descontração de lado. De fácil trato, Leonardo era o tipo de pessoa que ria das próprias desgraças. Segundo o irmão, o jornalista Mário Soler. Ele também inspirou parte da família a trabalhar com comunicação.

Leonardo nasceu em Ida-lândia, distrito de Nhandeara (a 509 km de São Paulo). Era

o segundo mais velho entre os nove filhos do casal de imigrantes espanhóis Félix Alonso Garcia e Maria Soler Garcia.

Começou a trabalhar ainda criança em propriedades rurais. No início da década de 1960, mudou-se para São Paulo com a mulher, Adélia.

Na Folha, trabalhou de 1961 até 1992. Começou como auxiliar, na limpeza das máquinas da gráfica e chegou a coordenador operacional.

A habilidade para manusear as máquinas de impressão compensou o pouco estudo — apenas até o terceiro ano primário.

"Ele foi um dos pioneiros do sistema de impressão em off-

set no Brasil. Fez cursos de especialização nos Estados Unidos. Pelo trabalho visitou outros países como Peru, México, Chile e Japão", relata o advogado Aldo Cardenas Alonso, 60, seu filho.

"Em tempos tão confusos como os atuais, em que a desonestidade impera, meu pai deixou para nós que o trabalho, a dedicação e a honestidade valem a pena. Ensinou todos a se dedicarem e valorizarem o local onde se ganha o pão. A Folha foi a vida dele", finaliza Aldo.

"Ele era tido no meio gráfico como o melhor impressor do Brasil", afirma Mário.

Quando deixou o jornal, Leonardo mudou-se para São José do Rio Preto (a 438 km de São Paulo) e se dedicou a sua outra paixão: o xadrez. Jogou até três meses antes do morte.

Leonardo Alonso Soler morreu no dia 2 de julho, aos 82

anos, por complicações de um AVC. Sofria de Parkinson e Alzheimer.

Ele deixava os filhos, cinco netos e oito bis-

netos.

STEPHENIE LOUISE ALEXANDRE FIGUEIREDO Aos 25, casada.

Segunda (11/7), Cemitério Jardim do Pessegueiro, Itaquera, São Paulo (SP)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3600 e central 156. prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a Sex.: 10h às 20h. Sáb. e Dom.: 12h às 18h.

Aviso gratuito na seção folha.com/mortuario até às 18h para publicação no dia seguinte (1h de texto para publicação aos domingos) ou pelo telefone: (11) 3224-3395 das 10h às 18h em dias úteis. Inclua um número de telefone para chegarmos às informações.



A família de

Paulo Guilherme Aguiar Cunha

agradece as manifestações de pesar e carinho recebidas e convida demais familiares e amigos para a missa de 7º dia, que será celebrada dia 13/07, quarta-feira, às 11:00, na Igreja São José, localizada na Rua Dinamarca, 32, Jardins, São Paulo.

Atletas vão se reunir com Romário após atos contra Lei Geral do Esporte

Rodada do Brasileiro no último final de semana foi palco de protestos dos jogadores em campo

João Gabriel
e Luciano Trindade

BRASÍLIA E SÃO PAULO Jogadores de futebol vão se reunir com a equipe do senador Romário (PL-RJ), nesta terça (12), para discutir a Lei Geral do Esporte. Durante o final de semana, algumas partidas foram palco de protestos dos atletas que passaram o primeiro minuto de jogo parados, com a mão na boca. Eles reclamam que a proposta, a maior alteração legislativa do esporte brasileiro desde a criação da Lei Pelé, tem pontos que os prejudicam.

O projeto, que partiu do Senado, foi aprovado na Câmara na última quarta-feira (6). Como seu texto sofreu alterações, voltará a ser apreciado pelos senadores, o que poderá acontecer nesta semana.

Por isso, uma entidade chamada União dos Atletas de Futebol das Séries ABCD marcou uma reunião com a equipe do senador e ex-jogador Romário, hoje pré-candidato à reeleição no Rio de Janeiro.

O encontro será virtual e deverá acontecer por volta

da hora do almoço. Além das críticas ao texto, os esportistas pedem que o ex-atacante seja relator do projeto — o que na prática lhe renderia mais poder de decisão sobre novas modificações.

As possibilidades de alteração no texto, no entanto, são limitadas. O Senado pode, agora, apenas desfazer alterações que tenham ocorrido na Câmara, mas não pode propor novas regras, por exemplo. A Lei Geral do Esporte consolidou a Lei Pelé e diversas outras legislações esportivas em um único texto.

Após a aprovação do projeto na Câmara, alguns jogadores de futebol, como Diego Ribas e Lucas Leiva, posicionaram-se nas redes dizendo que o texto traz avanços, mas tem problemas, replicando conteúdo criado pela União dos Atletas. “Devemos ser ouvidos para que um equilíbrio seja encontrado”, afirmou o jogador do Flamengo.

A entidade reclama que algumas alterações na lei — sobretudo as novas regras para demissões —, prejudicam os jogadores, que por sua vez não

teriam sido ouvidos.

Relator do projeto na Câmara, o deputado Felipe Carreras (PSB-PE), diz que há, no caso dos jogadores de futebol, um vácuo de representatividade.

Afirma, ainda, que se reuniu, por exemplo, com a Federação das Associações dos Atletas Profissionais, além de ter tido encontros com o Conselho de Atletas do COB (Comitê Olímpico do Brasil) e com a Atletas Pelo Brasil, entidade que representa esportistas olímpicos.

Em nota, a União dos Atletas de Futebol das Séries ABCD reclama que o novo projeto aumenta de 40% para 50% a fatia da remuneração que eles podem receber como direito de imagem. Há, ainda, insatisfação com a definição da jornada noturna a partir das 23h59 em vez das 22h, como é atualmente.

Mas o principal ponto de tensão são as mudanças feitas para as regras de rescisão contratual e demissão.

Pela lei atual, o valor mínimo de multa rescisória é igual a 100% do que resta a ser pago até o fim do contrato e de-

ve ser quitado à vista. O novo projeto estabelece que esse montante possa ser parcelado e que seja de, no mínimo, 50%, com a reivindicação dos clubes.

Carreiras lembra que, durante o debate do projeto e por pedido dos atletas, foi incluído um dispositivo que determina que, para contratos menores do que 12 meses, a multa por demissão se mantenha em 100%.

“O que os clubes pedem na parte da rescisão eu acho justo, porque não exime a possibilidade de ter uma multa de 500%, basta estar no contrato, mas possibilidade ao clube ter uma multa de 50%”, diz o deputado.

A proposta define também que, caso um jogador assine com outro clube antes de receber todo o valor a que teria direito de sua ex-equipe, o empregador anterior ficaria isento de pagar o restante do salário se o novo ordenado do atleta for superior ao que ele recebia antes — e, sendo menor, o clube anterior pagaria somente a diferença.

“Nós colocamos, para contratos de até um ano, a multa de 100%, para preservar os jo-

“
Devemos [os atletas] ser ouvidos para que um equilíbrio seja encontrado

Diego Ribas
jogador do Flamengo

“
O que os clubes pedem na parte da rescisão eu acho justo, porque não exime a possibilidade de ter uma multa de 500%, basta estar no contrato, mas possibilidade ao clube ter uma multa de 50%”

Felipe Carreras (PSB-PE)
deputado e relator do projeto na Câmara

gadores com contratos mais curtos. Agora, se você tem um contrato de cinco anos, o jogador não o rende, a torcida não quer e o contrato é rescindido? Ai o clube paga os cinco anos e o jogador ainda vai receber salário de outro clube que o contratou?”, questiona o deputado.

Agora de volta ao Senado, o texto pode ser votado já nesta semana, mas o presidente da Casa, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) ainda não divulgou oficialmente a agenda de pautas que devem ser debatidas nos próximos dias.

Relatora da matéria antes do texto ir para a Câmara, a senadora Leila Barros (PDT-DF) disse que, caso retorne essa posição durante a nova rodada de debates sobre o texto, ouvirá todas as partes impactadas.

“[Inicialmente], eu me reunirei com dezenas de entidades representativas do mundo esportivo, inclusive dos jogadores de futebol. Recebemos centenas de sugestões, dentre as quais acatei a maioria, e fiz modificações que foram sugeridas por diversos parlamentares”, afirmou ela.

Apesar do ruído envolvendo o futebol, a Lei Geral do Esporte trata de diversos outros temas do esporte em geral.

O projeto prevê, por exemplo, aumento da pena para casos de racismo no ambiente esportivo, paridade entre premiações para homens e mulheres, punição a cartolas corruptas e amparo para que atletas expressem suas opiniões pessoais.

Bernie Ecclestone é indiciado acusado de sonegar R\$ 2,5 bi

LONDRES | REUTERS Bernie Ecclestone, ex-chefe comercial da F1, foi indiciado nesta segunda (11) por supostamente não ter declarado mais de 400 milhões de libras (cerca de R\$ 2,5 bi) em ativos no exterior à autoridade fiscal britânica, de acordo com promotores.

A promotoria informou que Ecclestone, 91, enfrenta uma acusação de fraude por falsa representação. “Isso segue uma investigação criminal complexa e mundial pelo Serviço de Investigação de Fraudes do HMRC”, disse Simon York, diretor do Serviço de Investigação de Fraudes da Receita britânica. A primeira audiência deverá ocorrer em 22 de agosto em Londres.

Contatado em Ibiza, Ecclestone disse que ainda não conhecia os detalhes do caso. “Eu não vi isso. Então, não sei, não posso comentar”, afirmou.

Em maio, o ex-chefe comercial da F1 até 2017 foi preso em São Paulo por porte ilegal de arma, pagou fiança de R\$ 6.060 e deixou o país.



INGLATERRA ATROPELA NORUEGA E VENCE POR 8 A 0 NA EUROCOPA FEMININA, DISPUTADA NA GRÃ-BRETANHA

As inglesas marcam 6 dos 8 gols logo na primeira etapa e liquidaram a partida contra as norueguesas; Beth Mead foi destaque com 3 tentos

Adrian Dennis/APP

Descaso

Copa América evidencia menosprezo da Conmebol e da CBF com futebol feminino

Renata Mendonça

Jornalista, comenta no Globo e é cofundadora do Dibradoras, canal sobre mulheres no esporte

Vamos dizer que você tenha um carro e queira vendê-lo. Qual é a primeira coisa que você vai fazer para chegar ao objetivo — ganhar dinheiro com o produto (carro) que você tem em mãos? Anunciá-lo nos jornais ou em sites? Espalhar panfletos nas ruas? Tentar de todas as formas fazer com as pessoas saibam que você tem um bom carro à venda para que elas possam se interessar em comprá-lo?

Se você tem uma empresa, então, e, portanto, mais dinheiro disponível para apostar na divulgação do produto que você mesmo vende, imagine que

vá turbinar a publicidade dele. Parece muito óbvio, não?

Pois bem, talvez não para a Conmebol.

Para se ter uma ideia, os ingressos para os jogos da Copa América feminina começaram a ser vendidos faltando menos de 15 dias para o início do torneio. Isso pela internet. Em pontos de venda físicos, as entradas foram disponibilizadas apenas uma semana antes.

Mas para vender ingressos é preciso divulgar a competição, não é mesmo? Os relatos de quem está em Armênia, sede da seleção brasileira nos pri-

meiros jogos da Copa América, são que não há nenhum sinal de que ali esteja acontecendo uma competição importante de futebol. Não há divulgação no aeroporto nem nos principais pontos da cidade.

Se você chegá lá hoje sem saber do torneio, provavelmente não sairia de lá sem descobrir já que não vai cruzar com nada que o informe sobre o evento. Detalhe: os jogos da seleção brasileira deveriam despertar grande interesse local, já que é o time a ser batido na competição, atual campeão, inclusive. Com um pouquinho de es-

forço, a Conmebol conseguiria vender alguns milhares de ingressos para a partida — se fizesse o mínimo.

O fato de a Eurofeminina estar ocorrendo ao mesmo tempo que a Copa América (coincidiu por conta dos adiamentos da pandemia) torna a situação ainda mais constrangedora para a Conmebol. Dos 700 mil ingressos disponíveis para a competição europeia, mais de 500 mil já foram vendidos. No primeiro dia, já houve recorde de público batido — o jogo entre Inglaterra e Áustria no Old Trafford teve quase 69 mil pessoas.

com quase 69 mil pessoas.

A partida de abertura da Copa América entre Colômbia e Paraguai, em Cali, teve pouco mais de 12 mil torcedores presentes. Poderia ter muito mais. Em junho deste ano, a final do Campeonato Colombiano feminino teve 37 mil torcedores.

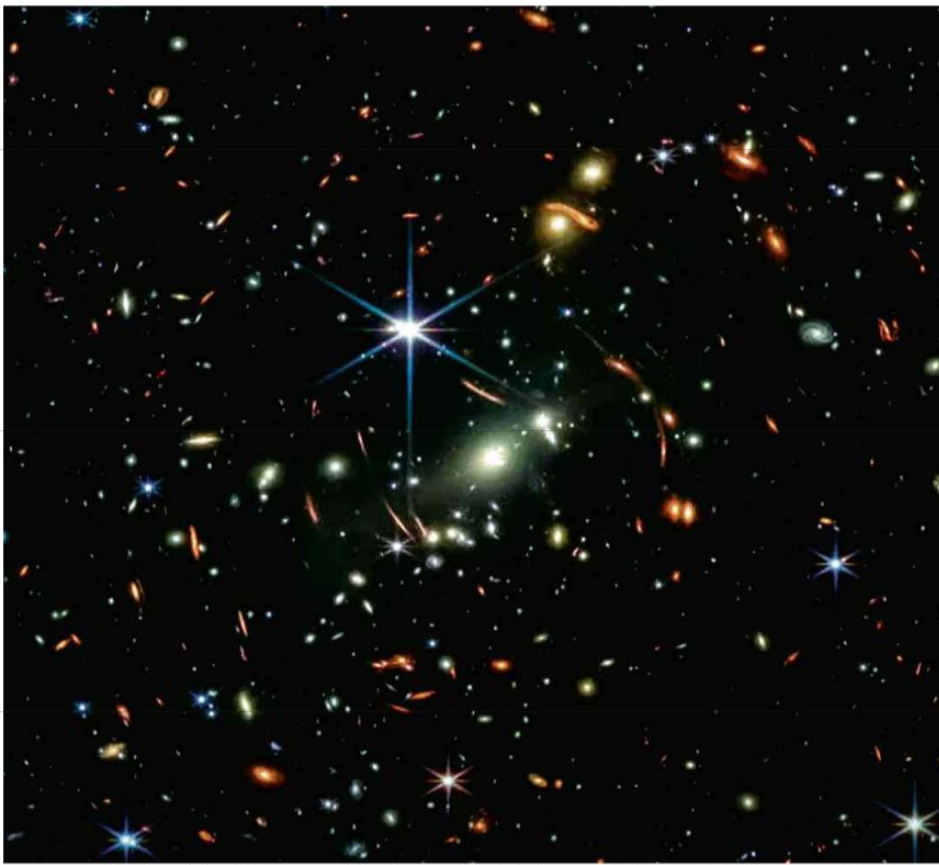
O que a Uefa fez diferentemente da Conmebol? Planeja, divulga. A cem dias do evento, a Uefa já anunciava a venda dos ingressos para a Euro. Houve publicidade até na Tower Bridge, um dos principais pontos turísticos de Londres. E quase impossível estar na Terra da Rainha e não saber que uma Euro está acontecendo por lá.

E, assim, como a entidade sul-americana, a CBF também evidencia seu descaso com o futebol feminino nessa Copa América. Conforme apontou reportagem de Gabriela Moreira, da Globo, a confederação não enviou nenhum represen-

tante para acompanhar a seleção feminina na Colômbia. Algo que acontece em qualquer torneio da seleção masculina — até mesmo da base.

É curioso que, entre oito vice-presidentes e oito diretores, ninguém tenha conseguido disponibilidade para estar na Colômbia junto com a seleção feminina. Os mesmos dirigentes que aparecem para questionar o trabalho da comissão técnica, mas não fazem questão de acompanhá-la minimamente. Como disse a técnica Pia Sundhage na coletiva após a vitória por 4 a 0 na estreia da competição:

“Dejeio nos classificar para a Copa do Mundo, mas também espero que, ao longo dos anos, eu possa mudar a realidade do futebol feminino no Brasil. Muito se fala sobre igualdade de pagamento, mas espero igualdade de tratamento. Algumas coisas são maiores que medalhas”.

Imagem em cores do aglomerado de galáxias SMACS 0732 feita pelo James Webb e divulgada ontem; novas fotos serão mostradas nesta terça (12) *Rafael Bevilacqua/APP*

Nasa antecipa imagem do telescópio James Webb e inaugura nova era de pesquisa astronômica

Steve Gorman
e Joey Roulette

REUTERS Abrindo as cortinas para uma galeria de fotos diferente de qualquer outra, a Nasa antecipa para esta segunda (11) uma das imagens coloridas de seu Telescópio Espacial James Webb, um aparelho revolucionário projetado para perscrutar o cosmo até o alvorecer do universo.

A imagem divulgada é a primeira de campo profundo produzida pelo Webb, e mostra o aglomerado de galáxias

SMACS 0732. Ela foi tornada pública em evento da Casa Branca com a presença do presidente Joe Biden e da vice-presidente Kamala Harris.

Com o Webb agora bem ajustado e totalmente focado, os astrônomos embarcaram numa lista selecionada de projetos científicos que exploram a evolução das galáxias, os ciclos de vida das estrelas, as atmosferas de exoplanetas distantes e as luas do nosso sistema solar exterior.

A Nasa havia publicado na sexta (8) uma lista dos cinco

objetos celestes escolhidos para a estreia do Webb, construído para a agência espacial dos Estados Unidos pelo gigante aeroespacial Northrop Grumman Corp.

Entre eles estavam duas nebulosas — enormes nuvens de gás e poeira lançadas no espaço por explosões estelares e que formam berçários para novas estrelas — e dois conjuntos de aglomerados de galáxias, um deles divulgado hoje.

A Nasa também publicará a primeira análise espectrográfica de um exoplaneta fei-

ta pelo Webb, revelando as assinaturas moleculares de passadas de luz filtrada que passa por sua atmosfera. O exoplaneta neste caso, com aproximadamente a metade da massa de Júpiter, está a mais de 1.100 anos-luz de distância. Um ano-luz é a distância que a luz percorre em um ano, 9,5 trilhões de quilômetros.

Os cinco alvos iniciais do Webb já eram conhecidos pelos cientistas. Um deles, o grupo de galáxias a 290 milhões de anos-luz da Terra conhecido como Quinteto de Ste-

phan, foi descoberto em 1877.

Mas os diretores da Nasa prometem que as imagens do Webb captam seus objetos sob uma luz inteiramente nova, literalmente.

"O que vi me moveu como cientista, como engenheiro e como ser humano", disse a vice-administradora da Nasa, Pam Melroy, que revisou as imagens, a repórteres durante uma entrevista coletiva no dia 29 de junho.

Klaus Pontoppidan, cientista do projeto Webb no Instituto de Ciência do Telescópio Espacial, em Baltimore (Maryland), onde os engenheiros de controle e emissão operam o telescópio, prometeu que as primeiras fotos "causarão um 'uau' há muito esperado pelos

astrônomos e pelo público".

O telescópio infravermelho de mais de US\$ 9 bilhões (R\$ 47,3 bilhões), o maior e mais complexo observatório astronômico já enviado ao espaço, foi lançado da Guiana Francesa no dia de Natal. Um mês depois, o instrumento de 6,350 quilos alcançou seu local de estacionamento gravitacional na órbita solar, circulando o sol em sincronia com a Terra a quase 1,6 milhão de quilômetros do planeta.

O Webb, que vê seus objetos principalmente no espectro infravermelho, é cerca de cem vezes mais sensível que seu antecessor de 30 anos, o Telescópio Espacial Hubble, que orbita a Terra a 547 km de distância e opera principalmente em comprimentos de ondas ópticas e ultravioleta.

A maior superfície de captação de luz do espelho primário do Webb — uma série de 18 segmentos hexagonais de metal berílio revestido de ouro — permite observar objetos a distâncias maiores, portanto mais atrás no tempo, do que o Hubble ou qualquer outro telescópio.

Sua sensibilidade ao infravermelho permite detectar fontes de luz que de outra forma estariam ocultas no espectro visível por poeira e gás. Em conjunto, espera-se que essas características transformem a astronomia, fornecendo o primeiro vislumbre de galáxias "bebês" datadas de apenas 100 milhões de anos após o Big Bang, o ponto de fulgor teórico que acionou a expansão do universo conhecido, há cerca de 13,8 bilhões de anos.

Os instrumentos do Webb também o tornam ideal para procurar sinais de atmosferas potencialmente vitais em torno de dezenas de planetas recém documentados que orbitam estrelas distantes e observar mundos muito mais próximos da Terra, como Marte e a lua gelada de Saturno, Titã.

Além de uma série de estudos já programados para o Webb, as descobertas mais revolucionárias do telescópio poderão ser as que ainda não foram previstas.

Tal foi o caso da surpreendente descoberta do Hubble, através de observações de supernovas distantes, de que a expansão do universo está se acelerando, em vez de desacelerar, abrindo um novo campo da astrofísica dedicada a um fenômeno misterioso que os cientistas chamam de energia escura.

O telescópio Webb é uma colaboração internacional liderada pela Nasa em parceria com as agências espaciais europeia e canadense.

Investir em ciência não é para corruptos

Se você quer um país soberano, então vote de acordo

Suzana Herculano-Houzel

Bióloga e neurocientista da Universidade Vanderbilt (EUA)

Eu tinha prometido mais dois sauros esta semana, eu sei. Mas vai ter que ficar para o fim do mês, porque hoje esta coluna está ocupada, aderindo à campanha #ciênciaselções do Instituto Serrapilheira, em parceria com a Maratona Inteligência Política. Quem a ocupa sou eu mesma, usando meu chapéu de agitadora político-científica de plantão, que já usei recentemente para lembrar aos jovens doutorandos que se existe ou não ciência no Brasil está nas mãos deles, os pesquisadores de fato que movem o conhecimento.

Aproveito para estender o argumento anterior aos pais dos ditos jovens — porque, ao financiar o custo de vida de seus filhos pesquisadores, são os pais

dos jovens brasileiros que ainda insistem em fazer ciência no Brasil quem bancam a pouca ciência que ainda existe no país. Para quem enviar a conta?

Para o governo, obviamente. Ciência é o processo sistemático de busca de conhecimento, e conhecimento é o que nós acumulamos ao longo de nossas vidas individuais, mas temos a sorte de viver tempo suficiente que dá para transmitir o que aprendemos de uma geração para a seguinte, de modo que não é preciso reinventar a roda cada vez que uma viria a calhar. Conhecimento acumulado através de gerações é o que chamamos de cultura; conhecimento que ainda por cima resolve problemas mais rápido, deixando mais tempo livre para outras as-

suntos, incluindo problemas cada vez mais complexos, é o que chamamos de tecnologia. E assim como a cultura define uma nação, a tecnologia torna uma nação soberana. Onde a conta, digo, investimento, cabe ao governo, financiada pelos impostos recolhidos.

O problema é que investir em ciência não enche os bolsos de nenhum político. Salvo quando aplicadíssima, feita a jato às custas de muito dinheiro para tirar o mundo de uma pandemia (e ainda assim só porque as farmacêuticas contavam, acertadamente, entupir os cofres), ciência não dá retorno financeiro imediato. Ciência é investimento de longo prazo. Construir capacidade científica em um país requer a compreensão de que o

processo, tanto do lado humano quanto dos lados de infraestrutura e tecnologia, leva gerações, e começa com pesquisa básica. Não se cura uma virose sem primeiro entender como um vírus funciona.

Por isso, marqueteiro que se preza não dirá jamais ao seu empregador para investir em ciência, ou fazer dela sua plataforma política: quem colherá o retorno do investimento serão as gerações seguintes, tarde demais para o político se eleger ou reeleger. Sobretudo, políticos corruptos não têm razão para se interessar por investir em construir a capacidade científica de um país. Corrupção é, por definição, a adulteração de um processo para fins de ganho próprio, e corruptos querem dinheiro vivo, não notas promissórias. O que uma nação lucra com sua soberania científica vem paulatinamente, e não cabe nos bolsos dos políticos apenas interessados em trocar favores para subir de vida no Planalto.

Investir em ciência não é coisa de político corrupto. Políticos, eis meu desafio: mostrem que não são corruptos. É só investir em reconstruir a ciência no Brasil.

ACERVO FOLHA

Há 50 anos 12.jul.1972

Banco Central convoca as Bolsas de SP e do RJ para estudar quedas

Adiretoria do Banco Central vai estudar, com os conselhos de administração das Bolsas de São Paulo e do Rio de Janeiro, as causas das sucessivas quedas do mercado e as medidas necessárias para a sua recuperação.

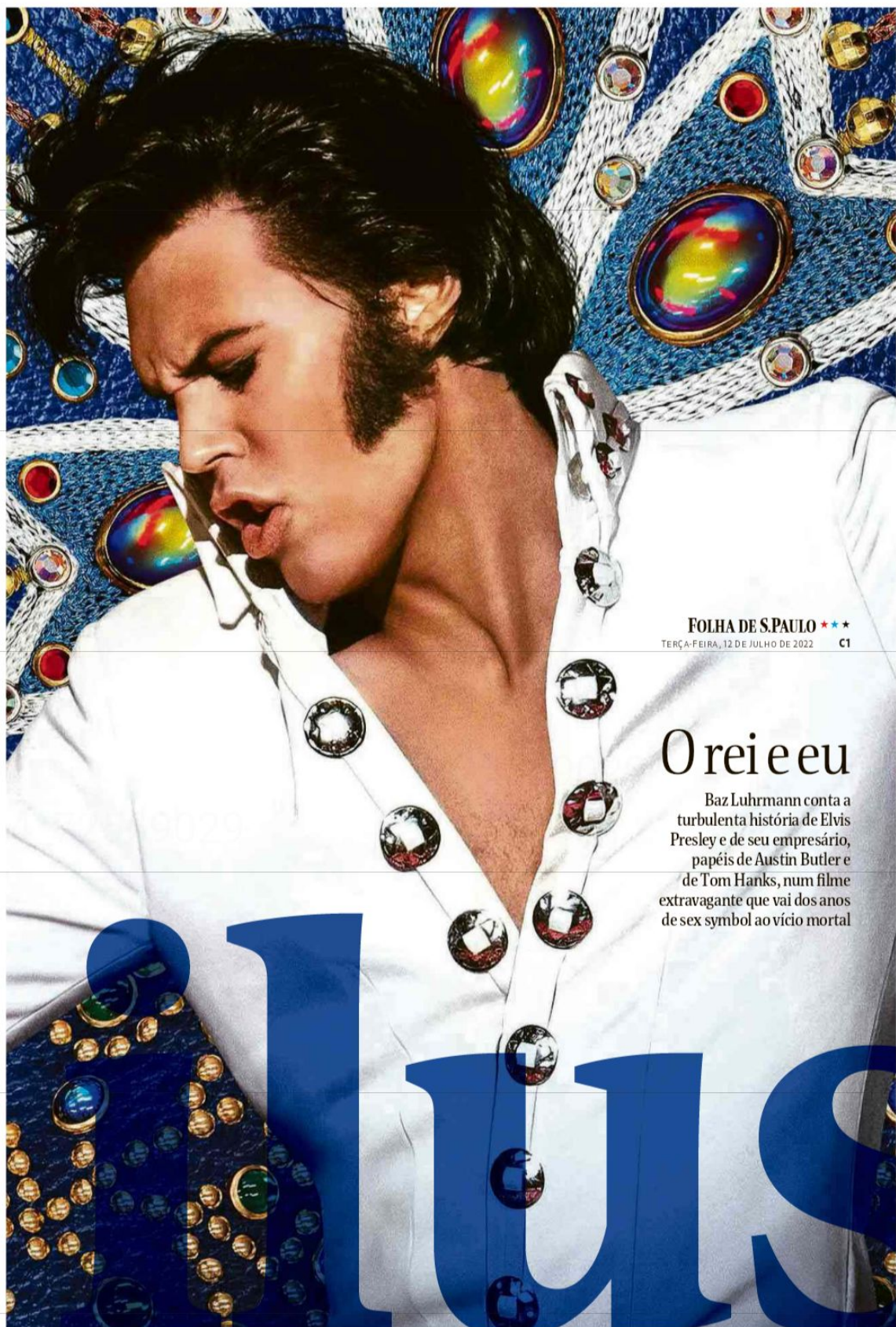
Essa decisão foi baseada nas sugestões apresentadas pelas sociedades corretoras, com o objetivo de restabelecer a confiança dos investidores. Nes-

ta terça-feira (11), a Bolsa do Rio sofreu o impacto da desvalorização de 7,8%. Em São Paulo, o índice médio recuou 4,84%.

O Banco Central também desmentiu os rumores de que a administração dos fundos de investimento poderia passar para as sociedades corretoras.

LEIA MAIS EM
acervo.folha.com.br





FOLHA DE S.PAULO ★★

TERÇA-FEIRA, 12 DE JULHO DE 2022 C1

O rei e eu

Baz Luhrmann conta a turbulenta história de Elvis Presley e de seu empresário, papéis de Austin Butler e de Tom Hanks, num filme extravagante que vai dos anos de sex symbol ao vício mortal

O ator americano Austin Butler como Elvis Presley em detalhe do cartaz de 'Elvis', filme do diretor australiano Baz Luhrmann que estreia nesta semana nas salas de cinema do país *divulgação*

Leonardo Sanchez

SÃO PAULO Figurinos coloridos e cintilantes acompanham um rebolado inconfundível, que pipoca vez ou outra ao longo do novo filme de Baz Luhrmann. Ele imita, é claro, o de Elvis Presley, uma das figuras mais icônicas da história da música e que, pelas mãos do extravagante cineasta australiano, renasce agora nas telas. Em "Elvis", a trágica e, na mesma medida, excitante vida do artista é remontada em meio a fogos de artifício, cenários grandiosos, uma trilha so-

nora agitada e um vilão inequivelmente tóxico, todos parte da receita não tão frequente, mas inconfundível, de alguém que dirige pouco e, quando o faz, é sem economizar. "Esse filme é mais que só a história de vida de Elvis Presley. Claro, é uma vida incrível para explorar, tanto quanto é a relação dele com o seu empresário, Tom Parker. Mas o filme também é sobre show e 'business', gerenciamento e controle, criatividade e honestidade", resume Luhrmann, em conversa com jornalistas. "É uma oportunidade de

explorar ideias que vão muito além da música", continua. Ao longo de suas quase três horas de duração, "Elvis" mostra o início da carreira do rei do rock e vai até seus anos finais, num recorte semelhante ao usado para narrar as trajetórias de Freddie Mercury, em "Bohemian Rhapsody", ou Elton John, em "Rocketman". Das origens religiosas e humildes no estado americano de Mississippi à trágica morte por parada cardíaca, em decorrência do uso indiscriminado de barbitúricos, aos 42 anos, vemos como Elvis Aa-

ron Presley fez todo um país chacoalhar a osom de "Hound Dog" e "Burning Love". E como incomodou as autoridades, que insistiam que suas músicas e movimentos eram ousados, sensuais e negros demais para os Estados Unidos ditados pela segregação e pelo conservadorismo dos anos 1950, 1960 e 1970. As raízes do astro e do próprio rock, fincadas na black music americana mas com frequência ignoradas, estão em evidência em "Elvis". Seria impossível, diz Luhrmann, contar uma história como es-

REGRAVAÇÕES NA TRILHA SONORA

'Can't Help Falling in Love'
Kacey Musgraves

'If I Can Dream'
Maneskin

'Cotton Candy Land'
Stevie Nicks e
Chris Isaak

'Power of My Love'
Jack White

sa sem fazer um reconhecimento tardio. "Isso nos leva a questionar o quanto crescemos, se houve uma evolução nesses anos todos", afirma. "Ele era um pedacinho do fruto proibido", diz o personagem Tom Parker, ou Coroneel, como era conhecido, interpretado por Tom Hanks, ao ouvir seu rock no começo da longa. Na cena, Elvis sobe ao palco trajado num cor-de-rosa escandaloso, com o violão na mão e o rosto coberto pelos fios caídos de seu topete e por um microfone metálico. [Continua na pág. C2](#)

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

RITO
ACELERADO

Acúpula do Conselho Regional de Medicina do estado do Rio de Janeiro (Cremrerj) estuda acelerar o processo de julgamento do médico anestesista Giovanni Quintella Bezerra, preso em flagrante por estuprar uma paciente no momento em que ela passava por uma cesárea. O episódio causou revolta e estaremto em dirigentes da entidade.

ACELERADO 2 O Cremrerj deve instaurar um processo ético-profissional, que pode resultar na cassação do registro de Giovanni Bezerra. A duração máxima para a conclusão desse procedimento é de 180 dias.

PRESSA "É um compromisso meu e dos conselheiros usarmos todas as medidas para acelerar esse trâmite para que possamos finalizar esse processo no menor prazo possível", diz o presidente da entidade, Clovis Bersot Munhoz.

MEDIDAS Assim que recebeu denúncia, a entidade já abriu um outro procedimento para suspensão imediata do anestesista. "O cuidado é para que ele fique afastado até que possa ser instaurada a sindicância e todos os ritos exigidos pelo processo ético-profissional", explica Munhoz à coluna.

REPULSA O presidente da entidade usa o termo "horror" para classificar o episódio. "Sou formado há mais de 40 anos. Nunca vi nada que se aproximasse dessa atitude", diz ele.

CADEIA Giovanni Bezerra foi preso após funcionários do Hospital da Mulher Heloisa Stuard, em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, filmarem o anestesista colocando o pênis na boca da paciente durante o parto.

RESPOSTA Em nota, sua defesa diz que se manifestará sobre a acusação depois de ter acesso aos depoimentos e outros elementos de prova apresentados na audiência de custódia.

GOLEADA O apoio da cantora Anitta à pré-candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi comemorado como um gol de Copa do Mundo entre grupos de petistas no WhatsApp. Segundo integrantes do partido, a repercussão foi tão imediata quanto a resposta de Lula, que parodiou uma música da carioca para agradecer a.

MIT "Vamos juntos envolver o Brasil", escreveu o ex-mandatário. O comentário foi publicado por ele nesta segunda-feira (11) poucos minutos após Anitta dizer que será "Lulalá" neste ano. "Gol de Marta", afirma o deputado Alexandre Padilha (PT-SP), em referência à atacante da seleção feminina.

LUPA Um grupo composto por 73 senadores e deputados acusou o TCU (Tribunal de Contas da União) de pedindo a investigação do suposto uso de emendas de relator para bancar fraudes no SUS. O caso foi revelado pela revista Piauí.

LUPA2 Segundo a reportagem, cifras milionárias estariam sendo direcionadas a prefeituras do Maranhão que inflam números na área da saúde para obter emendas. A representação é assinada por parlamentares de Rede, PSB, PT e Pros.

TERCEIRO SINAL



Fotos Gabriel Cabral/Folhapress



A atriz Claudia Abreu **II** subiu ao palco na estreia do monólogo "Virgínia", no último fim de semana, no Sesc 24 de Maio, em São Paulo. A peça, que é inspirada na vida e obra da escritora Virgínia Woolf, tem direção de Amir Haddad **II**. A atriz Malu Valje **II**, que também assina a coreografia, esteve lá

VERDE... O Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo alistou neste ano 1.983 adolescentes em situação de internação ou de internação provisória na Fundação Casa, em SP, para votar nas eleições de outubro. Os jovens têm entre 16 e 20 anos.

...CONFIRMA Segundo a Secretaria da Justiça e Cidadania de SP, atividades de conscientização sobre a importância da participação nas eleições estão sendo realizadas desde maio.

CIDADANIA "Desde 2010, o Tribunal Superior Eleitoral corretamente permite que adolescentes em medidas socioeducativas de privação de liberdade exerçam seu direito constitucional de votar. Na Fundação Casa, as equipes multiprofissionais são mobilizadas para garantir a execução desse direito humano", diz o secretário da Justiça e presidente da instituição, Fernando José da Costa.

PALCO A atriz Virgínia Cavendish vai interpretar a personagem-título de "Mary Stuart", obra clássica de Friedrich Schiller, em espetáculo que estreia no dia 20 de agosto, no Teatro Sesi SP Ana Cecília Costa, Chris Couto, Genézio de Barros e outros atores compõem o elenco da peça, que tem direção de Nelson Baskerville.

INTERCÂMBIO O superintendente-geral da Fundação Amazônia Sustentável, o professor e engenheiro florestal Virgílio Viana, será um dos palestrantes do workshop "Resistência de Pessoas e Ecossistemas sob Estresse Climático", organizado pela Academia de Ciências do Vaticano. O evento começará nesta terça (13) e vai até sexta (14), em Roma.

INTERCÂMBIO 2 Viana, que também é membro da academia, falará sobre soluções para as mudanças climáticas a partir da perspectiva da Amazônia.

O rei e eu

Continuação da pág. C1

Enquanto canta "Baby Let's Play House", do músico de blues Arthur Gunter, ele balança a pélvis em várias direções. Mulheres levantam de seus assentos, gritam, se descaibam e se entregam a um furor sexual desconcertante, que capta a atenção do Coronel, que serve de olhos para o espectador. É a difícil e abusiva relação entre músico e empresário que dita o ritmo.

Nas telas, a virilha hipnotizante que vemos dançar pertence a Austin Butler, escolhido para o papel a partir de uma lista que incluiu nomes bem maiores que o do ex-astro de Disney, Harry Styles, Miles Teller, Ansel Elgort e Aaron Taylor-Johnson acabaram ofuscados nos testes.

Foram quase três anos de preparação para Butler dar vida ao protagonista, período no qual ele diz ter ficado obcecado, se dedicando quase exclusivamente a "Elvis". Foram vários tipos de treinamento —do canto à dança, da dicção ao tom de voz, que o ator diz ter mudado diversas vezes ao longo da carreira do rei.

"Quando você olha para esse personagem, você acha que é um papel impossível. Eu seguia a minha curiosidade para ir treinando e tentando ser o mais metódico possível. Mas no fim tudo se resumia a encontrar a humanidade do Elvis, o despir do rótulo de ícone, das caricaturas, das fantasias e falar sobre quem ele era, como ele se sentia", diz Butler.

"Eu tinha medo de falhar com ele, sua família, seu legado e seus fãs. Era muita responsabilidade. Mas era exatamente sob esse temor que ele viveu boa parte da vida, então eu encontrava conforto ao saber que o Elvis, também, tinha esses receios e, mesmo assim, fez coisas extraordinárias".

Com a atenção e os elogios que vem recebendo pelo trabalho, Butler, de 30 anos, já assegurou mais um papel importante para o futuro breve, na segunda parte do filme "Duna", de Denis Villeneuve.

Ao seguir de perto a relação do músico com o Coronel Tom Parker, "Elvis" se tornou um filme sobre o ódio que esse desgastou, mas sem deixar de lado a paixão inabalável que, no roteiro, tem duas fontes —uma delas a música e a outra a que o rei do rock nutria por Priscilla Presley.

O filme defende a ideia de que o que o separou da mulher com quem foi casado por seis anos não foi a falta de amor —pelo contrário. Foi a dificuldade de ver Elvis se afundando em drogas e no álcool e a cegueira trazida pela fama.

A teoria é corroborada pela própria Priscilla Presley, que tem acompanhado a equipe do filme nas conversas com a imprensa, entre elas a do Festival de Cannes, quando terminou uma das concorridas sessões do longa as lágrimas.

Dessa forma, a trama lida com temas que, em diferentes roupagens, se repetem na filmografia enxuta mas cheia de personalidade de Luhrmann, que esteve por trás do luxuoso "O Grande Gatsby", do romântico "Romeu + Julieta", do agitado "Vem Dançar Comigo" e do indicado ao Oscar "Moulin Rouge: Amor em Vermelho", que se apegava a um mantra que, em "Elvis" também, parece importante —o de crer na beleza, na liberdade, na verdade e no amor.

Como costumam ser os filmes de Luhrmann, "Elvis" não é para qualquer um, apesar de a música de seu biógrafo se provar universal e atemporal. Os cortes frenéticos, os personagens caricatos, o visual bombástico e a trilha que mistura sons antigos a modernos tornam o filme teatral.

Mas não é difícil defender que, diante de vida e carreira tão intensas, só mesmo um espetáculo barulhento e exagerado para dar conta do tamanho de Elvis Presley.

Elvis não morreu, ele chacoalhou o sexo e a cultura de toda a sua era

Cantor que retorna em filme fez uma reviravolta na música, se infiltrou em Hollywood e terminou com voz divina

ANÁLISE

Paulo Santos Lima

Elvis não morreu. Repetida há 45 anos sob os mais diversos sentidos e desejos, a fra-

se poderia ser aplicada ao filme "Elvis", que estreia nesta semana. Porque só Elvis poderia fazer de um longa de Baz Luhrmann algo esteticamente coerente e interessante.

Continuação da pág. C1



Longa destaca Austin Butler impecável, mas parece mais uma mistura de vídeos

CINEMA

Elvis

★★★★★

EUA, 2022. Dir.: Baz Luhrmann. Com: Austin Butler, Tom Hanks, Olivia DeLorge, 14 anos. Estréia nesta quinta-feira nos cinemas

Ivan Finotti

São necessários alguns pou-

cos minutos de exibição para que a missão desta obra fique clara —a apresentar Elvis Presley às gerações X, Y, Z e cetera. Digo "obra" porque no final das contas é difícil dizer que "Elvis" seja um "filme". Com quase três horas, é mais uma colagem de inúmeros vídeos exibidos em ordem.

Continuação da pág. C1

Continuação da pág. C2

Elvis, como sempre, e até mesmo intermediado por um cineasta como Lührmann, mobiliza todos os olhos, tímpanos e corações do mundo.

Elvis não morreu, também, não só porque sua presença paira pelas 784 músicas que gravou, pelos 31 filmes ora ordinários e ora interessantes que estrelou e pelos 1684 shows que, de certo modo, ainda parecem ecoar aqui e agora.

Elvis continua porque sua imagem permanece viva. Há Marilyn, Gandhi, Guevara, Lennon, Buda e Cristo, claro, mas Presley parece abrigar todo um estado de coisas do século 20, da revolução comportamental à indústria cultural.

Elvis está em consonância com o que Walter Benjamin escreve em "A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica", que de certo modo ensaja o que, mais tarde, o francês Jean Baudrillard falará sobre o simulacro.

Aqui, uma reprodução não careceria mais de sua matriz, ela por si já seria "autêntica".

Andy Warhol também trabalharia um pouco nesse conceito, então a toa Elvis — assim como Marilyn Monroe e as latas de sopa Campbell — seria retratado na icônica tela de 1963 em que ele aparece replicado. A imagem de Elvis é Elvis.

A imagem é também um meio interessante de perceber melhor a obra genial de Elvis Presley. E fugir do usual enquadramento sensacionalista — mesmo com Elvis — de ascensão e queda típico das biografias de artistas gênios e excêntricos, de Mozart a Picasso.

A história de Elvis é conhecida ou bastante acessível. Em suma, ele revolucionou ao dissolver fronteiras musicais e levar o gospel, o blues, o R&B até o country para o que seria a grã-mesa mais potente do rock.

Não só, seu feito se dá numa selvagem mise-en-scène de palco, olhar feiço à plateia e

insinuação sexual impensável ali na metade dos anos 1950. A voz absoluta de um Frank Sinatra entrava muito fundo nas pessoas, mas a de Elvis parecia tomar todo o corpo antes de o penetrar. Os conservadores foram para cima.

Muito por isso, já em 1956, Elvis quis ser um grande ator de cinema tal qual James Dean e Marlon Brando. Mas Hollywood quis dele o seu maior talento — ser Elvis Presley. Fez alguns filmes notáveis, como "Balada Sangrenta", dirigido por Michael Curtiz em 1958. Frequentou o cinema de entretenimento dos anos 1960 e depois a "Sessão da Tarde" em danças comédias românticas como "Feitiço Havaiano", de Norman Taurog, e o entusiástico "Viva Las Vegas", de George Sidney.

Em todos eles, Elvis cantava em algum momento. E, em todos eles, ainda, o ator Elvis Presley era Elvis Presley, o rei do rock. E ali estava

um artista sob controle, pouco a ver com a pévis movente que ele levava aos shows. Hollywood é quase sempre eficaz em acalmar as excentricidades para um "bem maior".

Foi uma década intimamente complicada para Presley. Ele, que foi estopim de uma vasta mudança comportamental e artística nos Estados Unidos, assistiria sentado aos Beatles e à contracultura ganhando vulto. Até encontrar, em 1968, a sua revolução pessoal. O show de final de ano da NBC seria para a família, celebrando o Natal, mas o encontro entre Elvis e o diretor Steve Binder gerou uma obra-prima da história da música.

Aquele "68 Comeback" traria um Elvis sugerindo pulsão sexual, mas no banguinho e violão (e guitarra) cantando uma fortuna do cancionário e, mais importante, remetendo aos direitos civis e à brutal morte de Martin Luther King. Esse Elvis de roupa de couro

preta ou belíssimo terno ao vivo, com seu primeiro nome projetado em lâmpadas ao fundo, remetia àquele artista rebelde, pulsante e libertário lá de trás.

Os anos 1970 não foram muito fáceis para o astro, mais do que nunca preso ao seu empresário, o Coronel Tom Parker, um pilantra que, de certo modo, abriu a ele muitas portas da mesma forma que o manteve acorrentado a situações absurdas.

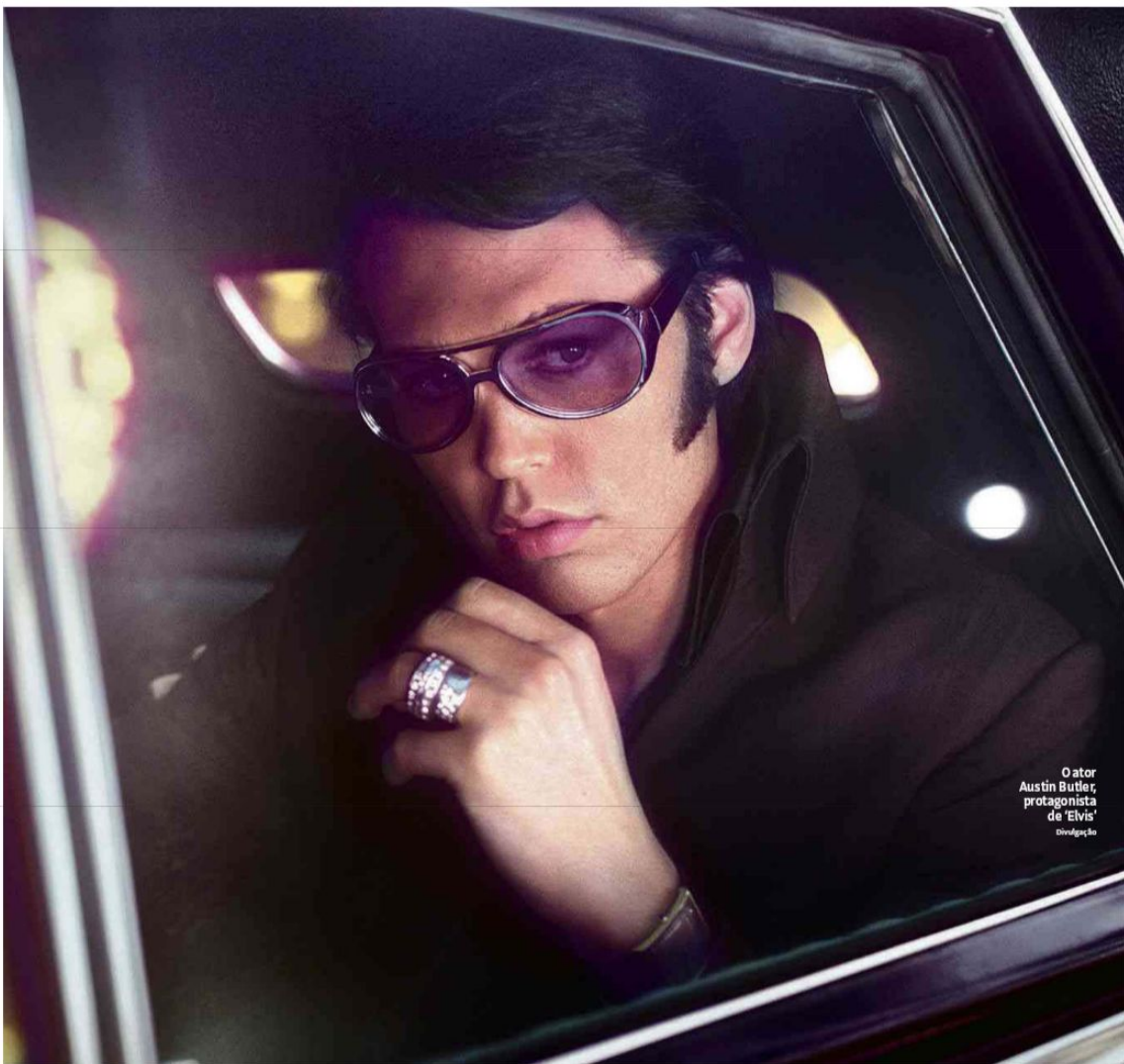
É nesse período que a imagem — até então a mesma desde os anos 1950 — ganha algumas pinceladas mais fortes, com as costeletas ganhando volume extra, as roupas mais carregadas de adereços e performance mais apoteótica.

Há quem absurdamente ache o Elvis dos anos 1970 meio over, senão decadente. Na verdade, mais que nunca, Elvis se torna uma espécie de esfinge. Assume a sua voz de barítono — a voz de Deus — e ganha ali uma dimensão monumental.

É como se ele fosse um sol que emanasse sua luz, ou seja, sua arte irradiando para todo o palco, dos instrumentistas às brilhantes cantoras do coral. Elvis como uma entidade que habita o imaginário coletivo, parte de uma cultura material eterna, imortal.

Essa imortalidade do Elvis artista, sua imagem em suma, exigia contudo uma consumação do corpo físico. O símbolo sempre transcende a imanência, e sua expansão é uma espécie de libertação do limitado mundo físico.

Sem dúvida, isso é explorado pelos capitalistas e pela sede de seu fiel público, mas Elvis talvez tivesse com maior meta o vício — mais que os barbitúricos, o álcool e iguarias gordas — construir uma iconografia própria. E, voz e imagem se confundindo, ele jamais parou de subir aos palcos. Até sua morte. Ainda que Elvis não morreu.



O ator Austin Butler, protagonista de "Elvis"
Olivier Goggin

Continuação da pág. C2

A direção, assim como parte do roteiro, é assinada por Baz Lührmann, o mesmo de "O Grande Gatsby", de 2013, do musical "Moulin Rouge", de 2001, e daquele "Romeu + Julieta", de 1996, que ajudou a transformar Leonardo DiCaprio numa estrela mundial.

E o que Lührmann faz aqui é um filme-filiparama com tantos efeitos especiais que a cabeça do pobre espectador entra em "fil" (a menos que se trate de um membro das gerações X, Y ou Z). Não há cena em que a pós-produção do filme não meta coisas na tela.

Se o jovem Elvis pré-estrelato está dirigindo seu caminhão, um mapa com sua rota pelos estádios aparece ao fundo. Se ele está espiando uma vitrine, a placa com o nome da loja ganha vida, ocupa a tela inteira e se transforma na placa de outra loja de outra cidade e é lá que estamos agora.

Os atores, às vezes, falam com a câmera. Palavras são escritas na tela. O nascimento de Elvis é contado em forma de desenho animado. Quando uma história importante de sua vida se desenrola diante dos nossos olhos, isso não é suficiente. É preciso

haver uma mulher negra cantando um blues num bar vazioso para alternar as imagens dela com as dele o tempo todo.

Para transmitir suspense, cenas paralelas. Para causar impacto, câmera lenta. Para chamar a juventude, rap no alto-falante. Isso mesmo, no filme sobre Elvis Presley, há raps contemporâneos em pelo menos duas ocasiões.

A grandiosidade da música é outro aspecto que se torna cansativo. A cada história, os conflitos são resolvidos como se fossem o fim do filme, com orquestras altas e o triunfo do protagonista. É como se

houvesse inúmeros finais.

Então, esses são os comentários sobre o formato do filme de Baz Lührmann.

Quanto ao conteúdo, sim, ele consegue fazer arrepiar quando Elvis dá seu primeiro show. Repete a estratégia mais duas vezes pelo menos, no especial de Natal e na estreia em Las Vegas. Aliás, Austin Butler no papel do rei do rock americano está impecável. O problema é que não há muita profundidade em seu Elvis.

Há mais no Coronel Parker, empresário do cantor, mas é natural, já que o filme todo é contado do ponto de vista de

le. Sob pesada maquiagem, Tom Hanks consegue entretegar um homem de duas faces, que é um segundo pai e também o vilão, um incentivador e abridor de portas mas também um inescrupuloso e abominável aproveitador.

Nos últimos anos, Elvis vem sendo jogado na fogueira sob acusações de apropriação cultural. Ele roubou a música dos negros e tomou o espaço deles, dizem. Então o diretor inventa um Elvis politizado e próximo tanto dos artistas e personalidade dos negros quanto de suas posições de enfrentamento à

criminoso segregação racial dos anos 1950 na América.

Dois horas e 39 minutos? Não, não precisava. Há diversas músicas repetidas, com os mesmos arranjos, que parecem gordura fácil de ser cortada. Mas não é o fim do mundo ter de ouvir de novo uma boa canção. Aqui vale mandar uma estrela para a tradução, que não deixou as músicas de fora. Quando Elvis canta, há legenda.

A obra "Elvis" consegue, sem dúvida, apresentar o cantor americano às novas gerações. Talvez de certo. Mas um Elvis melhor do que ele jamais foi.

ilustrada

‘Black Bird’ tem Taron Egerton atrás de homicida

Ator faz tipo sexy que ajuda a polícia com um caso de assassinatos em série, num dos últimos trabalhos de Ray Liotta

Leonardo Sanchez

SÃO PAULO Estrela de “Black Bird”, Taron Egerton não economiza no charme nem atrás das grades, onde fica na maior parte dos episódios da nova série do Apple TV+. Com as mangas dobradas, mostrando os braços fortes, e o visual impecável, ele nem parece o traficante de drogas condenado que protagoniza a trama.

Talvez seja uma herança ficcional vinda de Ray Liotta, que interpreta seu pai. Morto em maio, o ator americano não era um desconhecido dos filmes de crimes. Foi empunhando armas que ele fez fama, em trabalhos como “Os Bons Companheiros” e “Narc”, mas sem nunca perder a pose.

Em “Black Bird”, Liotta é, além de pai do protagonista, um ex-policia, frustrado, mas não bravo, com o filho que já foi a grande promessa do futebol americano universitário e, agora, sustenta sua mansão vendendo drogas.

Descamisado, numa manhã qualquer, o personagem de Egerton é visto passeando pelos corredores no primeiro episódio. Sua barriga trincada é mostrada em contraste com uma garota que está apagada no sofá e cola no balcão marmoreado da cozinha, onde Jimmy Keene prepara um suco verde. A câmera sobe e flagra um grupo de policiais fortemente armados entrando na casa, derrubando o protagonista e colando seu rosto e o tinguinho à gosma esverdeada que inunda o chão.

Para desespero do pai, Jimmy vai para a cadeia. Mas se dá bem na nova realidade — conversa com todas as gangues internas, consegue mi-

mos ao criar uma rede de empréstimo de revistas eróticas, mantém a aparência e o físico em dia e, logo, chama a atenção das autoridades.

Elas, então, fazem uma proposta — em troca dos dez anos de prisão aos quais o protagonista foi condenado, a liberdade. Desde que Jimmy entre numa penitenciária de segurança máxima, destinada a condenados com transtornos mentais, vire amigo de um homem acusado de assassinar várias mulheres e o convença a confessar os crimes.

É muito triste que o Ray não possa estar aqui para ver a série ser lançada. Ele estava muito empolgado com ela e entrega uma performance maravilhosa”, diz Egerton. “Foi uma parceria incomum quando estávamos no set de filmagem, no sentido de que nós sentíamos as mesmas emoções que nossos personagens tinham um pelo outro.”

“Eu nunca tive isso. Nunca senti uma conexão assim, tão viva, com um colega de elenco. Não que a gente passasse horas falando sobre estar desconectados, porque ele não era esse tipo de cara, mas não era necessário. Ele era adorável.” Contra os pedidos de seu dedicado pai, Jimmy aceita trabalhar para a polícia disfarçada. O personagem de Liotta acha que é perigoso, que há outro caminho para reduzir a pena, mas, quando ele tem um derrame — causado pelo estresse que o filho causa, segundo sua mulher —, o protagonista percebe que precisa sair de trás das grades o quanto antes.

“Black Bird” é baseado no livro autobiográfico “In with the Devil: A Fallen Hero, A Se-



Retrato do ator Taron Egerton, estrela do filme ‘Black Bird’, do Apple TV+ Ana Cuba/The New York Times

rial Killer, and a Dangerous Bargain for Redemption”, algo como mancomunado com o Diabo, um herói caído, um assassino em série e uma barganha perigosa pela redenção. Este, por sua vez, é baseado na história real de seu autor, o Jimmy Keene de verdade.

Até embarcar na série, Egerton não conhecia o caso de Larry DeWayne Hall, um homem desengonçado e aparentemente inofensivo que, alguns acreditam, pode ter matado mais de 40 mulheres e meninas nos anos 1980 e 1990. Um de seus agentes, no entanto, já havia ouvido falar na história — ela circulou por quase uma década nos corredores de diferentes estúdios de Hollywood até ser transformada em “Black Bird”.

O ator conta que foi um trabalho desafiador, porque ele precisou fazer com que o público sentisse empatia por seu personagem, um criminoso. Há várias partes de Jimmy que não são boas, diz ele, mas há outras com as quais é possível se relacionar, como a própria conexão dele com o pai. Seu estilo de vida glamoroso e o charme também ajudam.

Desafiador, também, porque o tema, feticídio, é pesado. Mesmo que a série não queira fazer um grande comentário sobre esse tipo de crime, ela lida com questões delicadas. “Não é um assunto agradável com o qual trabalhar, e este também não é um slasher. Nós estamos lidando com mortes verídicas, então é tudo muito complicado.”

Black Bird

EUA, 2022. Criação: Dennis Lehane. Com: Taron Egerton, Ray Liotta e Paul Walter Hauser. Disponível no Apple TV+.

‘Nureyev’ prioriza encanto do bailarino russo e ignora polêmicas

STREAMING

Nureyev

Reino Unido, 2019. Direção: Jacqui Morris e David Morris. Disponível para aluguel no Google Play, Apple TV e YouTube. 14 anos

Iara Biderman

Rudolf Nureyev foi um monstro da dança. E monstro aqui é uma hipérbole tanto para seu talento, sua figura pública e vida fascinantes quanto para seu narcisismo selvagem.

“Nureyev”, o documentário feito pelos irmãos Jacqui Morris e David Morris, mostra os dois lados, mas não chega a surpreender com o lado B da estrela: pendente mais para os aspectos encantadores do ídolo.

Segundo cronologicamente sua vida e carreira, o longa intercala imagens de pinturas, cenas de época em preto e branco e coreografias com trechos da literatura — Yeats, Lewis Carroll, Shakespeare, Camus, Bob Dylan.

A narrativa começa com o próprio Nureyev cantando, numa entrevista dos anos 1970, como nasceu num trem transiberiano, durante a Segunda Guerra, e sobre sua infância como refugiado — a vida do bailarino russo desde sempre se pareceu com um bom roteiro de filme.

Uma das sacadas dos diretores foi quebrar a narrativa linear com pequenas coreografias representando as passagens da vida de Nureyev — bailarinos contemporâneos dançam num cenário fantástico, um palco no meio da floresta ou, em alguns momentos, escadarias cobertas de neve.

Outro trunfo são as imagens de arquivo mostrando, de forma mais ou menos fragmentária, todo o contexto dessa história — camponeses e tanques de guerra, trens e estações, Lênin e Stálin, festas

londrinas e protestos em Paris, jatos na costa francesa e delegacia em San Francisco, Gorbachev e Ronald Reagan.

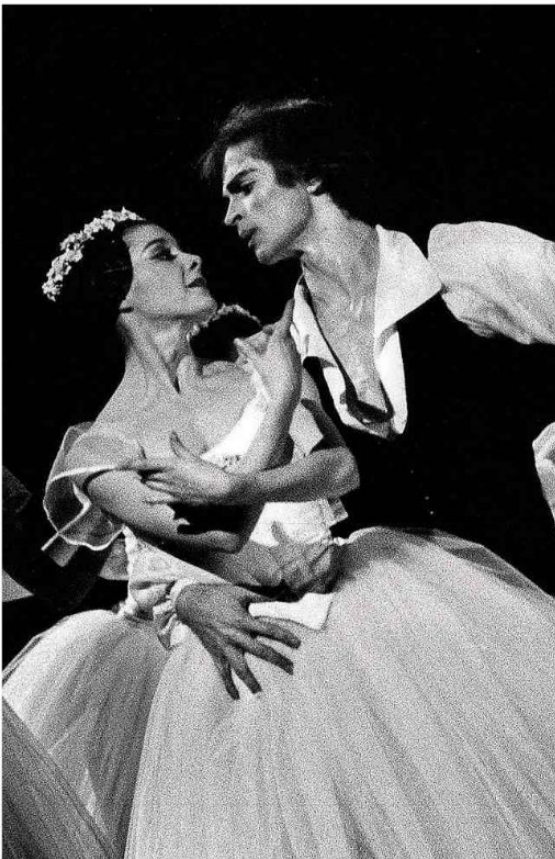
Para os amantes da dança, o melhor são os trechos de arquivos com Nureyev no palco ou na sala de ensaio, muitos deles até então inéditos. E não só ele. Podemos ver Margot Fonteyn, a companhia de Martha Graham, Erik Bruhn e outros figurões dançando, em imagens históricas.

Há também uma sequência com as famosas fotografias do bailarino feitas por Richard Avedon. É seguida por um texto com uma frase do fotógrafo sobre a sessão de fotos — “uma espécie de orgia narcisista de uma pessoa só”. Um pouco entusiasmado, o filme, Nureyev comenta sobre o fotógrafo ser alguém que realmente o entendeu.

Os depoimentos de ex-colegas, bailarinos, coreógrafos, historiadores e amigos fogem do esquema, tradicional em documentários, de “talking heads” — eles não aparecem, apenas ouvimos suas vozes sobrepostas às cenas de dança ou imagens de época. Um recurso interessante, mas às vezes não fica claro quem está falando. E especialmente confuso quando uma dessas personagens (por exemplo, uma ex-bailarina) narra trechos da autobiografia de Nureyev.

Os depoimentos às vezes são laudatórios demais ou complacentes com o lado mais trash da estrela da dança. Nureyev manipulava colegas e beneficiários, socava funcionários e era um predador — uma história famosa é o caso que teve com a mulher de seu professor e protetor Alexander Pushkin, quando este levou o então jovem estudante Nureyev para morar em sua casa, em São Petersburgo.

Esse lado surge meio discretamente no documen-



O bailarino russo Rudolf Nureyev, à direita, em balé em Paris, em dezembro de 1972 AFP

tário, em alguns comentários diluídos em imagens glamorosas de espetáculos ou festas. Pushkin nem aparece (o professor tem destaque em outro filme sobre Nureyev, “O Corvo Branco”, de 2019, dirigido por Ralph Fiennes).

Somos absorvidos com prazer pelo mito ao ver Nureyev duelar na barra com a paixão de sua vida, o bailarino norueguês Erik Bruhn, sexualizar a grande dame Margot Fonteyn no “Lago dos Cisnes”, sorrir com superioridade ao ser fotografado e fichado em uma delegacia em San Francisco. Dá para entender por que o bailarino, em seu auge, era assediado por fãs nas ruas de Londres e foi uma das figuras que tornaram o balé pop, nos anos 1970.

Se não foi, na época, tão popular como os Beatles, ou como Jesus Cristo, chegou perto. No final do documentário, assistimos a Nureyev entrando no estúdio do The Dick Cavett Show — há vários trechos dessa entrevista na TV, todos ótimos. Vestido com botas e jaqueta com estampa de cobra, o bailarino se senta na cadeira e aguarda longos minutos, enquanto não param os aplausos. “Não sei o que fazer”, diz Cavett. “Nem o Mick Jagger foi tão aplaudido.”

Diz a lenda que Jagger e Nureyev tiveram um caso e depois nunca mais se falaram.

O integrante dos Rolling Stones não aparece no documentário nem na boa trilha sonora, que passa de Leonard Cohen e Velvet Underground a Tchaikóvski. É a composição do russo para o “Lago dos Cisnes” que cria o drama perfeito para o clímax final, quando Nureyev assiste, praticamente deitado na primeira fila da plateia, à sua última criação para a Ópera de Paris, poucos centímetros de morrer em decorrência da Aids, em 1993.

Face obscura de Eichmann vem a público em fitas nazistas secretas

Provas de que homem não era apenas engrenagem do Holocausto são tema de série 60 anos após seu julgamento

Isabel Kershner

TEL AVIV / THE NEW YORK TIMES Seis décadas depois do histórico julgamento de Adolf Eichmann, um dos principais engenheiros do Holocausto, em Jerusalém, uma nova série de documentários israelense oferece uma culminação dramática — as confissões e jactâncias do criminoso de guerra nazista, em sua própria voz.

As horas de gravações em fita, negadas aos procuradores públicos israelenses na época do julgamento de Eichmann, formam a base para "The Devil's Confession: The Lost Eichmann Tapes", ou a confissão do Diabo, as fitas perdidas de Eichmann, que vem despertando interesse intenso em Israel desde que começou a ser exibida, no mês passado. As gravações terminaram em 1957 por um nazista holandês, e mais tarde foram parar em um arquivo do governo alemão, que em 2020 deu aos criadores da série, o produtor Kobi Sitt e o diretor Yairiv Mozer, a permissão de uso.

Eichmann foi executado insistindo em que era apenas um funcionário que cumpria ordens e negou qualquer responsabilidade pelos crimes. Descrita como apenas uma pequena peça no aparato estatal encarregado de organizar o transporte ferroviário, a mediocridade que ele professava deu origem à teoria da filósofa Hannah Arendt sobre a banalidade do mal.

A série de documentários intercala as palavras enregaladas de Eichmann em defesa do Holocausto, em alemão, a encenações que reproduzem reuniões de simpatizantes nazistas em Buenos Aires, em 1957, onde as gravações foram feitas.

Expondo o antisemitismo visceral de Eichmann, seu zelo por caçar judeus e seu papel na mecânica do homicídio em massa, a série apresenta ao grande público provas que ficaram de fora do julgamento.

Há uma hora em que se pode ouvir Eichmann matando uma mosca que zumbia pela sala e a descrevendo como um inseto "de natureza judaica".

Ele disse aos seus interlocutores que "não se incomodava" em saber se os judeus que enviava a Auschwitz viveriam ou morreriam. Tendo negado seu conhecimento sobre o destino deles, durante o julgamento, nas fitas ele declara que a ordem era de que "judeus aptos a trabalhar deviam ser forçados a trabalhar, judeus inaptos a trabalhar deviam ser enviados para a 'solução final', ponto, o que significa destruição física.

"Se tivéssemos matado 10,3 milhões de judeus, eu diria, com satisfação, que bom, des-

truímos um inimigo'. Assim teríamos cumprido nossa missão", ele disse, se referindo a todos os judeus da Europa.

Mozer, o diretor e também um dos roteiristas da série, neto de sobreviventes do Holocausto, disse que "isso serve como prova contra aqueles que negam o Holocausto e é uma forma de mostrar a verdadeira face de Eichmann".

O julgamento de Eichmann aconteceu em 1961, depois que agentes do serviço de espionagem israelense, o Mossad, o sequestraram na Argentina e o transportaram a Israel. Depoimentos chocantes de sobreviventes e os horrores do Holocausto foram delineados em detalhes brutais, para os israelenses e o resto do planeta.

O tribunal dispunha de extensa documentação e de numerosos depoimentos sobre os quais basear sua condenação de Eichmann. A promotoria também havia obtido mais de 700 páginas de transcrições das gravações feitas em Buenos Aires, com correções anotadas na letra de Eichmann.

Mas o acusado afirmou que as transcrições distorciam suas palavras. A Corte Suprema de Israel não as aceitou como prova, excetuadas as notas manuscritas, e Eichmann desafiou o procurador público que chefiava a acusação a mostrar as fitas originais, por acreditar que estavam escondidas.

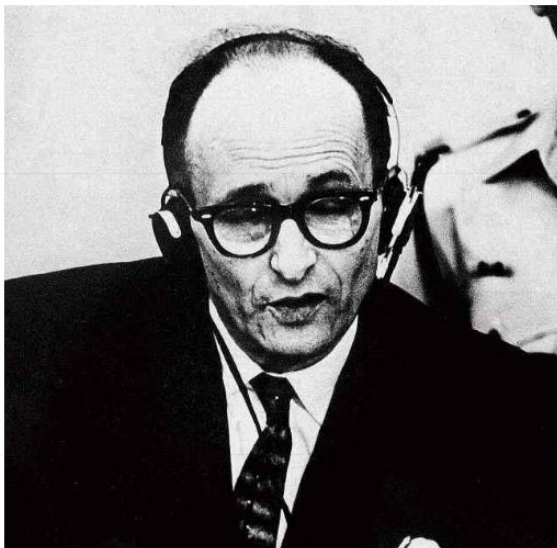
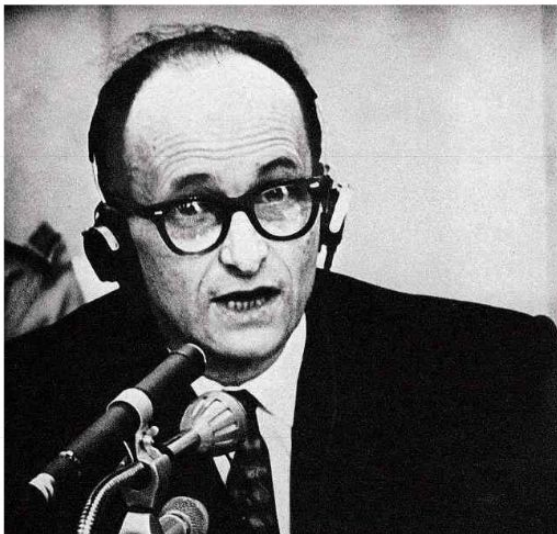
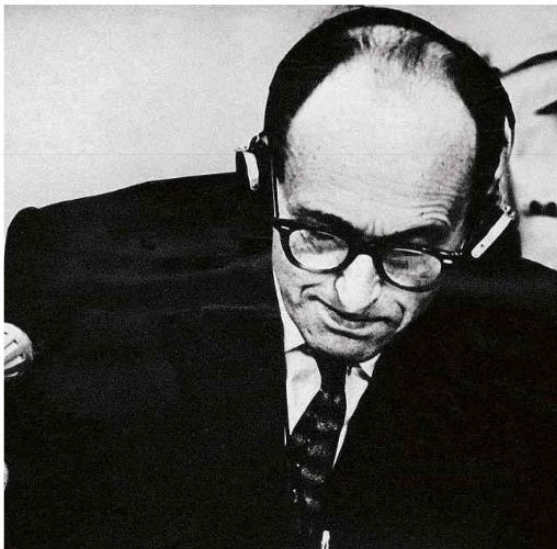
Em seu relato sobre o julgamento, "Justice in Jerusalem", Hausner relatou seus esforços para obter as gravações até o último dia de inquirição, afirmando que "ele dificilmente teria podido negar aquilo que foi dito com sua própria voz".

Hausner escreveu que as gravações tinham sido oferecidas a ele por US\$ 20 mil, uma quantia imensa na época, e que ele estava preparado para autorizar o pagamento, "considerando sua importância histórica". Mas o vendedor, não identificado, impôs a condição de que elas só fossem levadas a Israel após o julgamento.

As gravações foram realizadas por Willem Sassen, jornalista holandês que foi oficial da SS nazista e trabalhou como propagandista para a Alemanha na Segunda Guerra. Parte de um grupo de fugitivos nazistas refugiados em Buenos Aires, ele e Eichmann decidiram iniciar o projeto de gravações com o objetivo de publicar um livro depois da morte de Eichmann. Membros do grupo se reuniam durante horas a cada semana na casa de Sassen, para beber e fumar.

Eichmann falava e falava. Depois da captura de Eichmann pelos israelenses, Sassen vendeu as transcrições à revista americana Life, que publicou uma versão resumida do documento. Hausner descreveu a versão como "saneada".

Depois da execução de Eich-



Adolf Eichmann, responsável por levar milhões de judeus aos campos de extermínio

Reprodução

mann, em 1962, as gravações originais foram vendidas a uma editora europeia e, por fim, terminaram em poder de uma empresa que optou por se manter anônima e depositou as fitas no arquivo federal alemão em Koblenz, com instruções de que só fossem usadas para pesquisas.

Bettina Stangneth, filósofa e historiadora alemã, baseada parcialmente no seu livro "Eichmann Before Jerusalem", ou Eichmann antes de Jerusalém, de 2011, nas gravações. As autoridades alemãs liberaram alguns minutos para o público, mais de duas décadas atrás, "afim de provar que elas existiam", segundo Mozer.

Sitt, o produtor do novo documentário, fez um filme sobre Hausner para a televisão israelense 20 anos atrás. A ideia de obter as gravações de Eichmann o interessava desde então, ele disse. Como o diretor, Mozer, ele é israelense e neto de sobreviventes do Holocausto.

"Não tenho medo da memória; tenho medo do esquecimento", disse Sitt, sobre o Holocausto, acrescentando que ele desejava "fornecer uma ferramenta que insulfie vida à memória", agora que a geração dos sobreviventes está desaparecendo.

Ele procurou Mozer depois de assistir a "Ben-Gurion: Epilogue", um documentário que o colega produziu em 2016, baseado em gravações com o primeiro ministro fundador de Israel, que tinham ficado perdidas por muito tempo.

As autoridades alemãs e os proprietários das fitas deram aos documentaristas acesso às 15 horas de gravações sobreviventes. (Sassen tinha realizado cerca de 70 horas de gravações, mas regravou muitas das fitas, que eram caras, depois de as transcrever.) Mozer disse que os proprietários das fitas e o arquivo haviam por fim concordado em dar acesso à equipe por acreditar que eles tratariam o material de forma respeitosa e responsável.

O projeto cresceu e se transformou em uma produção de quase US\$ 2 milhões em parceria entre Metro-Goldwyn-Mayer, Sipru, uma companhia israelense, antes conhecida como Tadmor Entertainment; Toluca Pictures; e a rede de TV pública israelense Kan 11.

Uma versão de 108 minutos do documentário estreou como filme de abertura do Docaviv, um festival de documentários em Tel Aviv, no trimestre passado. Em junho, uma versão de 180 minutos foi exibida em três episódios em Israel. A Metro-Goldwyn-Mayer está procurando parceiros para licenciar e veicular a série em todo o mundo.

As conversas na sala da casa de Sassen são entremeadas de imagens de arquivo e entrevistas com participantes sobreviventes do julgamento. As imagens de arquivo foram colorizadas, disseram os realizadores, porque os jovens em imagens em branco e preto como irreais, como se vissem de outro planeta. Para quem ouve as fitas agora, as confissões escancaradas de Eichmann são chocantes.

"É uma coisa difícil, o que estou contando", Eichmann diz na gravação. "Se eu sei julgado por isso. Mas não posso dizer qualquer coisa de diferente. É a verdade. Por que eu a negaria?" "Nada me irrita mais", ele acrescentou, "do que uma pessoa que mais tarde nega aquilo que fez".

Tradução de Paulo Miglicci

Morre Monty Norman, compositor do tema do 007

SÃO PAULO Morreu nesta segunda-feira Monty Norman, compositor britânico responsável pelo tema do agente 007 nos cinemas. A informação, divulgada no site do músico, aponta a causa da morte para uma "breve doença". Ele tinha completado 94 anos em abril. Desde que trabalhou no primeiro filme do espionista cri-

ado por Ian Fleming, "007 Contra o Satânico Dr. No", em 1962, o tema nunca mais saiu da franquia e da cabeça dos espectadores. Na época, ele tinha sido contratado pelo produtor Albert Broccoli. Mesmo assim, o cinema não foi seu filho principal, já que ele só assina a composição das trilhas de cerca de dez

produções além da franquia — dentre elas, "O Monstro de Duas Cabeças", de Terrence Fisher, e "Riffiti no Safrã". Em paralelo, Monty Norman trabalhou na composição de diversos musicais, além de ter tocado com Cyril Stapleton, Stanley Black, Ted Heath e Nat Temple como membro de big bands.

Jafar Panahi é detido no Irã após prisão de cineastas

TEHRÃ/APP O cineasta dissidente iraniano Jafar Panahi, vencedor do Urso de Ouro no Festival de Cinema de Berlim de 2015, foi detido nesta segunda-feira em seus pais, segundo a imprensa estatal, se somando a outros dois diretores presos em menos de uma semana. Panahi, de 62 anos, é um dos cineastas iranianos mais

premiados. Ele ganhou o prêmio de melhor roteiro em Cannes em 2018 por "3 Faces", três anos depois de ganhar o Urso de Ouro por "Taxi Teerã". As autoridades já haviam detido dois cineastas na sexta-feira, Mohammad Rasoulof (também premiado com o Urso de Ouro por "Não Há Mal Alguém") e Mostafa Aleahmad,

acusados de de terem incentivado as manifestações após o desabamento de um prédio no sudoeste do país em maio. "Ainda não há informações sobre o motivo da detenção de Panahi nem sobre sua conexão com o caso Rasoulof e de outros presos na semana passada", segundo a agência de notícias iraniana Mehr.

O dia da caçadora

Diferente de 'Os Flintstones', mulheres primitivas iam à caça como os homens

Manuela Cantuária

Roteirista e escritora, faz parte da equipe do canal Porta dos Fundos

Nas montanhas dos Andes, em 2018, um grupo de arqueólogos encontrou uma arqueologia humana do período paleolítico acompanhada de uma coleção de ferramentas para caça de animais de grande porte. A equipe supôs que se tratava de um caçador importante na comunidade, até uma análise dos restos mortais revelar que o corpo era de uma mulher.

Aprendemos na escola que os homens pré-históricos

eram responsáveis pela caça, enquanto as mulheres coletavam frutas e vegetais e cuidavam das crianças. Quem assistiu ao desenho animado "Os Flintstones", sobre a rotina de uma família na pré-história, deve se lembrar da personagem Wilma, a dona de casa que sempre é surpreendida quando Fred chega do trabalho gritando seu nome, a constrangendo a servir o jantar.

E, quando pensamos na mu-

lher primitiva, a primeira imagem que nos vem à cabeça é a de uma desgraçada vestida de animal print sendo arrastada pelos cabelos. Um clichê imortalizado em charges e cartuns, sempre em tom humorístico, baseado no mito de que o acasalamento de nossos ancestrais funcionava assim.

Tudo isso é reflexo de teses tradicionais da paleontologia que já são consideradas mais arcaicas do que a pedra las-

Jamais saberemos, ao certo, como era a rotina dessa mulher, mas podemos imaginá-la saindo pela manhã, armada com seu arpão do-it-yourself, determinada a fazer uma mamãe javali chorar, deixando-os.

do seu filho aos cuidados de um pai que passaria o dia tentando acender o fogo enquanto o moleque cabria as paredes da caverna, arrancando o couro de um bicho imaginando quando crocopes poderia fazer com aquilo, com vontade a mesma história, em volta da fogueira, sobre o dia em que caçou um mamute, e jamais sendo interrompida.

Uma mulher confiante de que quando chegasse o dia da caça, e não da caçadora, seria enterrada com honras que merecia. Se ela soubera que, milhares de anos depois, um cientista com a visão limitada encontraria sua sepultura e catalogaria suas ferramentas como utensílios de cozinha — como aconteceu com muitas outras caçadoras — perderia a fé na evolução humana.



DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | **QUA. Gregorio Duvivier** | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE
EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Minissérie com Renata Sorrah chega à Globo após streaming

Filhas de Eva
Globo, 22h35, 6 dias
Ao celebrar as suas bodas de ouro, Stella, vivida pela atriz Renata Sorrah, pede o divórcio ao marido. Na mesma festa, a confeitaria Cléo, papel de Vanessa Giácomo, se envolve com um homem, sem saber que ele é casado com Livia, a filha de Stella, feita por Giovanna Antonelli. As histórias dessas três mulheres se entrelaçam nesta minissérie lançada há pouco mais de um ano no Globoplay, que agora passa a ser exibida pela Globo toda terça. Criação de Adriana Falção, Jô Abud, Martha Mendonça e Nélito Fernandes, com direção artística de Leonardo Nogueira.

Os Segredos de Mانشeid
Netflix, 16 anos
A primeira série original da plataforma produzida em Luxemburgo chega à segunda temporada, com o investigador Luc Capítani trabalhando em um novo caso de assassinato — dessa vez, na capital do pequeno país europeu.

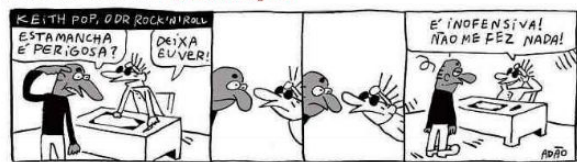
Swingueira
Canal Brasil, 19h20, 12 anos
O documentário de Bruno Xavier Felipe de Paula, Roger Pires e Yargo Gurjão retrata um dos maiores fenômenos musicais das periferias nordestinas, mostrando quatro jovens dançarinos.

Lansky: Uma História da Máfia
 Telecine Premium, 22h, 16 anos
 Harvey Kettel encarna Meyer Lansky, o gangster de origem judaica considerado um dos mais violentos de toda a história da máfia nos Estados Unidos. No final da vida, ele contrata um escritor para fazer sua biografia, mas o FBI, a polícia federal americana, continua em seu encalço.

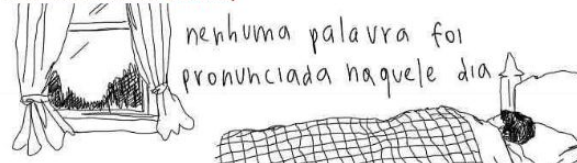
Provoca
Cultura, 22h, 10 anos
A médica Carolina Nocetti conversa com Marcelo Tas sobre o uso medicinal da maconha, que pode ser usada em tratamentos contra diversas doenças.

Teatros Negros em Pauta
Wolofy, grátis
Idealizado pelo coletivo Caraca de Poéticas Negras, dirigido por Joyce Prado e apresentado por Trick Carvalho e Piu Guedes, este programa de entrevistas lança três episódios toda semana, sempre com convidados ligados à cena teatral afro-brasileira.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê **Laerte**Daiquiri **Caco Galhardo**Níquel Náusea *Fernando Gonsales*A Vida Como Ela Yeah **Adão Iturrusgarai**

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*Péssimas Influências **Estela May**

SUDOKU

texto.art.br/fs/

MÉDIO

	2			9	5		1
5	3	1	4	7			
	1			5	6		9
		6				1	
	8		3	2			4
			4	1	2	9	
							7
	6		5	3			2

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algoritmos não podem se repetir na mesma coluna. *linko@uoi.oi*

SOLUÇÃO

CRUZADAS

HORIZONTALS

1. Tipo de tapete que reveste inteiramente um cômodo. 2. (Angl.) Grande hotel com recreação e divertimento. 3. Cercado com parede forte para proteção / As iniciais do compositor e pianista norte-americano Bill. 4. O nome da 8ª letra e 6ª consoante do nosso alfabeto / Facil de ver, entender. 5. Tubo para conduzir água em ângulo reto / Grito da ovelha. 6. Alavanca para acionar o mecanismo. 7. Praia cariosa, entre a ponta do Arpoador e o Leblon. 8. Grato em conjunto. 9. Um grande canivete / (Pop.) Investigador. 10. O músico laím / Jorjar, exerce. 11. Arnaldão (1940-2022), jornalista e cineasta / A quantidade de uma pá cheia. 12. Aguçado. 13. O consequimento do nível de capacidade necessário para superar uma prova.

VERTICAIS

1. Registro de inscrição escolar. 2. Pô que se espalha no rosto / Sai em gotículas. 3. Dá brilho ao sapato / Domesticoado. Partícula de grande empresa em linha portuguesa. 4. Peça que sustenta o peso do voo / Uma instituição como o CEF ou o BB. Tipo de música popular caracterizada pelo emprego de instrumentos de equipamentos eletrônicos e eletrônicos. 5. Conjunto de dados que circundam uma realidade, destino a aliviar o trânsito do centro da / Objeto usado pelos malabaristas. 6. Tornar complicado, difícil. 7. Um famoso alienígena do cinema / Diz-se de alimento em que foram acrescentados certos compostos orgânicos indispensáveis ao funcionamento normal dos processos biológicos. 8. Recipiente de banheiro, usado para lavagens / Instrumento que rasga a terra em sulcos. 9. Náusea / Ave famosa pela beleza de sua plumagem.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									

HORIZONTALIS: 1. Carpele, 2. Ressort, 3. Murador, B3, 4. Água, Ob-
vira, 10. Leo, Minar, 11. A, Pezda, 12. Adoçado, 13. Preparo
VERTICALIS: 1. Matricúlia, 2. Ruge, 3. Vera, Manso, De,
4. Asa, Banco, Pop, 5. Rodanear, Meça, 6. Problematizar, 7. Et,
vitaminado, 8. Bide, Arado, 9. Fojoo, Arara,



Angelo Aba

A terra devastada

Uma vez destruída, a democracia dá um trabalhão danado a recuperar

João Pereira Coutinho

Escritor e doutor em ciência política pela Universidade Católica Portuguesa

O caso Adolf Eichmann está de volta. Uma série documental israelense partilhou alguns áudios do oficial nazista responsável pela deportação dos judeus para os campos de extermínio. São de arrepiar: "Se tivéssemos matado 10,3 milhões de judeus", afirma Eichmann, "eu diria com satisfação: bom, destruímos um inimigo".

Mas o melhor momento acontece quando Eichmann mata uma mosca e, com ci-

nismo, comenta que o inseto tinha uma "natureza judaica".

As afirmações de Eichmann, ao contrário do que a imprensa afirma, não são uma novidade. A filósofa Bettina Stangneth já tinha revelado a verdadeira cabeça do personagem no livro "Eichmann Before Jerusalem: The Unexamined Life of a Mass Murderer".

Mesmo sabendo que Eichmann era nazista, uma pessoa não pode deixar de pensar em

Hannah Arendt e no seu "Eichmann em Jerusalém".

Os leitores sabem do que falo: em 1961, Arendt viajou para Israel como repórter da New Yorker para o julgamento de Eichmann. E apenas encontrou um homem de uma mediocridade imensa, destituição de pensamento, consciência ou consideração pelos outros ("thoughtlessness", para usar a categoria célebre), que participou nas ma-

tações de forma burocrática.

Ponto importante: Arendt nunca afirma que os crimes de Eichmann são banais. Pelo contrário, são monstruosos. A "banalidade do mal" está no próprio Eichmann, que cometeu esses atos sem ser movido por uma maldade especial.

O livro de Arendt nunca me convenceu — e, mais, sempre olhei para ele como um desvio imperdoável das suas reflexões anteriores sobre a natureza do

totalitarismo. Os motivos da discórdia são dois.

O primeiro, agora óbvio, é que Eichmann nunca foi esse ser "banal", incapaz de pensamento ou consciência que pensam. Foi um zeloso nazista, que sempre se orgulhou do seu papel na "solução final" e que nutria pela "raça judaica" um ódio imperturbável.

Fazendo de conta que Hannah Arendt tinha razão, nem assim Eichmann seria banal. Aliás, arrisco dizer que a alegada banalidade de Eichmann o tornaria ainda mais hediondo. A ausência de pensamento ou consciência demonstra um grau de alienação que está muito acima do vulgar criminoso, que mata por necessidade, ambição ou desvario momentâneo.

Mas a tese de Hannah Arendt também falha à luz dos seus escritos anteriores.

Em "Os Origens do Totalitarismo", a obra-prima da autora, Arendt explicou de forma magistral como as ideologias totalitárias contribuíram para a construção dessa forma nova e radical de política.

Na "terra devastada" que a Primeira Guerra Mundial legou aos indivíduos, a ideologia soubera esgotá-los desse vazio moral e espiritual, recrutando todas as suas energias na busca da salvação terrena.

Adolf Eichmann foi um deles: a sua adesão ao nazismo foi consciente e racional, derrotando assim a tese dos que acreditam que conhecimento é virtude. Nem sempre.

Como lembrava George Steiner, é perfeitamente possível ler Goethe ou escutar Mozart

ao serão e, no dia seguinte, trabalhar nas câmaras de gás.

2) Um bolsonarista invadiu uma festa de aniversário e matou um militante petista.

Eis a ideologia no seu melhor: desumanizando o outro justificando a matança. Será apenas um aperitivo das eleições que se aproximam?

Sei lá. Mas sei que o saudoso Roger Scruton (1944 - 2020) tinha razão quando afirmava que as democracias só funcionam quando existe uma nação primeiro — não no sentido agressivo e torpe que o nacionalismo defende, mas no sentido histórico, cultural, moral, como partilha de um espaço comum.

As nossas sociedades são sociedades de estranhos, dizia Scruton. A única forma de estranhos aceitarem os resultados de uma eleição, sobretudo quando esses resultados são contrários às suas preferências políticas, é pelo reconhecimento de que, apesar das diferenças, o outro faz parte do mesmo barco.

Onde esse espaço não existe — por exemplo, em sociedades divididas por religiões, etnias ou até nacionalidades diferentes e conflitantes — a democracia deixa de ser aquele sistema de "one man, one vote" e passa a representar "one man, one vote, one time". Palavras proféticas. Que captam o clima de pré-guerra civil em que o Brasil (e os Estados Unidos, já agora) vai mergulhando com entusiasmo.

Cuidado, Brasil: o problema da democracia é que, uma vez destruída, ela dá um trabalhão danado a recuperar.

| seg. Luiz Felipe Pondé | ter. João Pereira Coutinho | qua. Marcelo Coelho | qui. Drauzio Varella, Fernanda Torres | sex. Djamilia Ribeiro | sáb. Mario Sergio Conti

coleção **FOLHA GRANDES PINTORES**

HOKUSAI (A grande onda)

Tarsila do Amaral
O talento genuinamente brasileiro

Você por dentro das obras de arte mais impactantes de todos os tempos.

A genialidade e a beleza das pinceladas dos maiores artistas de todos os tempos estão reunidas na **Coleção Folha Grandes Pintores**. São 30 livros que revelam centenas de obras de arte de grandes nomes como Van Gogh, Monet, Leonardo da Vinci, Frida Kahlo e muitos outros em textos leves, de fácil compreensão e gostosos de ler. Não tem como não se apaixonar.

PRÓXIMO DOMINGO NAS BANCAS

Tarsila do Amaral
O talento genuinamente brasileiro

APENAS R\$22,90 CADA LIVRO*

Frete GRÁTIS*

Pague em até 12x sem juros no cartão*

Peça sua coleção completa
Ligue 11 3224 3090 (Grande São Paulo) ou 0800 775 8080 (outras localidades) DE SEGUNDA A SÁBADO, EXCETO FÉRIADOS, DAS 8h ÀS 14h

30 VOLUMES

folha.com.br/grandes pintores

FOLHA
A arte da imprensa

*ESPONHÍVEL NAS BANCAS DE SP, RJ, MG, PE, SC E DE PRIMA DEMANDA ESTADOS, A VENDA SEM VISA, CÉDULA DE CANCELAMENTO. FRETE GRÁTIS PARA OS ESTADOS DE SP, RJ, MG E PE. PARA OUTRAS LOCALIDADES, CONSULTE FOLHA.COM.BR/GRANDESPINTORES. CONFIRME AS DIAS DE ENTREGA NO SITE. PARELAMENTO VÁLIDO PARA TODOS OS ITENS DESTA COLEÇÃO.

comida



Salsa, cenoura, alho e cebola são base para caldo; também vale aproveitar ingredientes que seriam descartados, como ossos, talos e cascas. Ilustração: Brant / Folhapress

Caldo em tablete faz parte da culinária, mas há alternativas

Chefs sugerem receita caseira, que não é 'bicho de sete cabeças' de se fazer

Katherina Cordás

SÃO PAULO Poucos ingredientes representam tão bem a dualidade entre a preocupação com a saúde e a concessão à praticidade na cozinha quanto os caldos em forma de tablete.

Enquanto os vigilantes se preocupam com os malefícios de seu uso, os cozinheiros do mundo moderno — e corrido — se justificam lembrando que, para produzir um rico e saboroso caldo caseiro, que adicione camadas de sabor a uma receita, é preciso cozinhar por horas e horas. Caldos caseiros e industrializados são comumente feitos dos mesmos ingredientes: proteínas, vegetais e temperos. A diferença é que, nos caseiros, os ingredientes são usados em sua forma fresca e natural, enquanto nos industriais esses elementos são liofilizados e, então, acrescidos de sódio, conservantes e aromatizantes artificiais.

“Os caldos industrializados não são vilões por si só. Se utilizados dentro de um contexto de alimentação equilibrada, eles são facilitadores para

o consumo de alimentos caseiros e saudáveis, uma vez que fornecem sabor e podem ser ferramentas importantes para estimular, por exemplo, o aumento do consumo de vegetais”, acredita Gisele Bannwart, nutricionista e engenheira de alimentos.

Natália Santos, chef da Unilever, diz que os caldos da Knorr, marca parte do guarda-chuva da empresa, não possuem conservantes adicionados às fórmulas e são feitos com ingredientes cultivados de maneira sustentável.

“A Knorr vem reformulando seu portfólio ao longo dos tempos para melhor atender às necessidades dos consumidores e trouxe recentemente ao mercado inovações como a linha zero sal. É comum encontrar cadernos de receitas que passam de geração em geração, e as receitas de família mais icônicas e saborosas possuem caldo Knorr no seu preparo.”

De fato, é inegável a presença dos caldos industriais nas cozinhas do país. Para o sociólogo Carlos Alberto Dória, os caldos fazem parte da culinária, sejam originais das



Segundo Carlos Alberto Dória, caldo de carne foi inventado para facilitar transporte de proteína. Foto: Malyshyev - stock.adobe.com

“Eu consigo identificar uma comida na qual vai caldo industrializado. Fica com aquele gostinho artificial, que acaba mascarando muitas vezes o sabor dos outros ingredientes

Helena Rizzo
chef e apresentadora de TV

soluções industriais ou feitos no momento.

“Mas os caldos industrializados, isto é, os liofilizados, substituíram caldos caseiros por razões de praticidade e não pela criação de um novo hábito alimentar ou coisa do gênero. A resistência a esses caldos se deve ao seu excesso de interferência química no sentido de preservar proteínas”, diz Dória.

“O caldo de carne foi inventado em 1850 e pouco. Essa inovação foi muito utilizada no Rio Grande do Sul ainda no século 19, quando se pesquisava a produção de formas de acondicionar carnes e seus derivados para exportação. Esses caldos de preparação imediata repetem esse procedimento, que é transportar o elemento proteico e reidratar no local de consumo.”

“Quando minha mãe descobriu os tabletes mágicos de caldos, passou a usá-los”, lembra a chef do restaurante Tordesilhas e pesquisadora da cozinha brasileira, Mara Salles. “Ela, mesmo sem conhecer o sabor umami, instintivamente explorava o sabor do glutamato natural do tomate, pães, couve-flor, e fazia isso com maestria para suprir a ausência da carne em tempos difíceis.”

“Porém, quando preparava legumes de sabores menos marcantes como abobrinha, chuchu, e até algas sôpas sem proteína, sempre argumentava que ‘com um caldinho de carne isso fica uma delícia’, e ficava mesmo.”

Para Helena Rizzo, chef do

Mani e apresentadora do programa Masterchef, os caldos industrializados chegaram por meio de seu pai. “Ele fazia muitos fritos, paelas, e volta e meia botava um pedacinho do caldinho de tablete, e a gente gostava muito da comida dele”, conta.

“Quando eu comecei a trabalhar com comida, meu pai também foi se envolvendo cada vez mais com a cozinha. Eu implicava com ele toda vez que ele usava caldinho de tablete em casa e, hoje em dia, ele não usa mais.”

Com uma grande pesquisa sobre caldos, o chef mineiro Caio Soter, à frente do restaurante Pacato, em Belo Horizonte, acredita que a memória afetiva do brasileiro é “constituída à base do caldo de tablete”.

“Na minha família se usava e eu acredito que eles fazem parte da cultura culinária do brasileiro, trouxeram praticidade para uma vida mais corrida. Mas acho que é um comportamento do qual devemos buscar nos afastar. De qualquer forma, só de falar sobre caldo de tablete, já me dá água na boca”, brinca.

A água na boca, no entanto, não é a toa. Muitos dos caldos têm uma porcentagem de glutamato monossódico, o umami, mais conhecido como o quinto sabor, presente de forma natural em ingredientes como tomate, cogumelos e queijo parmesão.

“Não tenho dúvidas de que esses caldos industrializados são muito práticos e em tempos de fome, como agora, podem trazer a lembrança da carne, mas a um custo muito alto para a saúde”, pontua Mara Salles.

“Eu consigo identificar uma comida na qual vai caldo industrializado. Fica com aquele gostinho artificial, que acaba mascarando muitas vezes o sabor dos outros ingredientes”, garante Helena Rizzo.

Betty Kovess, à frente da Escola Wilma Kovess de Cozinha, em Pinheiros, conta como o assunto é abordado em sala de aula. “Nossa lição número um é ensinar que o caldo não é mais do que um líquido saboroso que entra em um preparo para realçar sabor. A lição número dois é para que criem o hábito de ler no rótulo os ingredientes que compõem o alimento que se está comprando”, diz.

Para facilitar a vida de cozinheiros amadores, a escola passou a vender caldos congelados que tivessem a mesma praticidade dos caldos industriais. Marina Hernandez, chef na Wilma Kovess, conta que eles produzem semanalmente caldos de carne, aves, legumes e camarão. Custam de R\$ 29 a R\$ 39 o litro.

“Caldo não é um bicho de sete cabeças como as pessoas pensam”, diz Helena Rizzo. “É possível fazer um caldo gostoso em 20, 30 minutos. Além disso, também é uma maneira de aproveitar excedentes de ingredientes que se tem em casa. Faz um frango assado e sobram ossos? Aproveita no caldo. Talos e cascas de verdura que iriam para o lixo? Também dá para aproveitar.”

NAÇÃO CHURRASQUEIRA

Cordeiro combina com marinada de limão siciliano

Outro dia estava fazendo compras na feira o limão siciliano estava em promoção. Eu amo limão siciliano, e acabei comprando 2kg — paguel R\$10 e fiz um estoque em casa.

Pesquisei algumas receitas e me deparei com uma conserva de limão, que levava sal, Re-solvi testar, e deu muito bom! Essa conserva vai intensificando o sabor do limão ao passar das semanas e, quanto mais tempo fica, melhor é.

Usei para fazer maionese, salada e em uma marinada

para cordeiro que combinou perfeitamente. Essa marinada, na verdade, serve para outros tipos de carne, como a de porco, a de frango, o coelho ou javali.

Para a conserva, é só cortar o limão em oito partes, retirar as sementes e construir camadas de limão e sal fino, até completar o pote de vidro devidamente esterilizado. A cada semana mexa o vidro até o sal se dissolver completamente. Em duas semanas estará pronto.

Larissa Morales

folha.com/blogs/nacao-churrasqueira



Cordeiro depois do molho e de assar no forno. Larissa Morales

Paleta de cordeiro

Ingredientes

- 1 paleta de cordeiro.
- 1% do peso de sal (para essa parte, deve-se contar os quilos da paleta e dos líquidos).
- ½ litro de vinho branco.
- 3 folhas de louro.
- 1 cebola.
- 6 dentes de alho.
- 8 cascas de limão em conserva pica do (não usar a parte branca das frutas para não amargar).
- 100 ml de azeite.
- 10 g de pimenta do reino branca.
- 1 litro de água.

Preparo

- Bater no liquidificador o vinho com todos os ingredientes exceto a água.
- Acrescentar a água até cobrir e deixar marinando por três dias.
- Assar no forno por 1h30 a 180°C no papel alumínio.
- Retire o papel alumínio e passe uma mistura de partes iguais de mel com chimichurri (a receita do chimichurri já passou por aqui na coluna).
- Volte a paleta para o forno até dourar, por cerca de 15 minutos a 200°C.